



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LUIZ MAURICIO AZEVEDO DA SILVA

**A TOUPEIRA INVISÍVEL:
MARXISMO NEGRO E CULTURA ANTIMARXISTA
EM RALPH ELLISON**

**CAMPINAS
2016**

LUIZ MAURICIO AZEVEDO DA SILVA

**A TOUPEIRA INVISÍVEL:
MARXISMO NEGRO E CULTURA ANTIMARXISTA
EM RALPH ELLISON**

**Tese de doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Doutor em
Teoria e História Literária, na área de
Teoria e Crítica Literária.**

Orientador: Prof. Dr. Fabio Ackcelrud Durão

**Este exemplar corresponde à
versão final da Tese defendida pelo aluno
Luiz Mauricio Azevedo da Silva,
e orientada pelo professor
Dr. Fabio Ackcelrud Durão.**

**CAMPINAS
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Silva, Luiz Mauricio Azevedo da, 1980-

Si38t A toupeira invisível : marxismo negro e cultura antimarxista em Ralph Ellison
/ Luiz Mauricio Azevedo da Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

Orientador: Fabio Akcelrud Durão.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

1. Ellison, Ralph. Homem invisível - Crítica e interpretação. 2. Ficção
americana - Séc. XX. 3. Literatura americana - Escritores negros. 4.
Comunismo na literatura. 5. Socialismo na literatura. 6. Racismo na
literatura. 7. Materialismo - Estados Unidos - História. I. Durão, Fábio
Akcelrud, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The invisible mole : black marxism and antimarxism culture
in Ralph Ellison

Palavras-chave em inglês:

Ellison, Ralph. Invisible man - Criticism and interpretation

American fiction - 20th century

American literature - Afro-American authors

Communism in literature

Socialism in literature

Racism in literature

Materialism - United States - History

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Fabio Akcelrud Durão [Orientador]

Ricardo Magalhães Bulhões

José Carlos Felix

Viviane Calor

Michela Rosa Di Candia

Data de defesa: 07-10-2016

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

Fabio Akcelrud Durão

Michela Rosa Di Candia

Ricardo Magalhães Bulhões

José Carlos Felix

Viviane Cristine Calor

Charles Albuquerque Ponte

Markus Volker Lasch

Leandro Pasini

IEL/UNICAMP 2016

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Para meu pai, o homem invisível

AGRADECIMENTOS

É sabido que, embora seja uma atividade essencialmente solitária, a elaboração de uma tese necessita de uma série de elementos de boa vontade para ser concretizada. Quanto a mim, considero fundamental demonstrar a importância dos aliados. Se há algum acerto nessas páginas, isso se deve à colaboração direta dos seguintes agentes:

Fabio Akcelrud Durão, por ter, através de uma extraordinária generosidade intelectual, evitado que a orientação se tornasse um mero exercício de colonização do outro, evento tão comum nas assimétricas relações entre professor e aluno que, por vezes, parecem ser apenas sádicas releituras da dialética hegeliana senhor-escravo.

Barbara Foley, pelas escolhas que tem feito.

Sonia Silva, que abriu a porta quando não havia porta.

Felipe Minor, que também pensa em Dean Moriarty.

Ralph Ellison, por ter inventado essa ferrovia.

Juremir Machado da Silva, pela miséria do cotidiano.

Susana Gutierrez, que me falou de racismo.

Eduardo Silva, pelos vinte e um balões.

Toha Yamashi, que cuidou de Paco.

Ediliane Boff, a gota infinita.

Ilma Silva, a feminista que me trouxe até aqui.

CAPES, porque, para nós, não existe almoço grátis.

Secretaria do PPG-IEL, a linha de frente.

RUTGERS, pelos dias de Godot.

There are these two young fish swimming along and they happen to meet an older fish swimming the other way, who nods at them and says: "Morning, boys. How's the water?" And the two fish swim on for a bit, and then eventually one of them looks over at the other and goes: "What the hell is water?"¹

David Foster Wallace

¹Dois peixes jovens estão nadando e encontram um terceiro peixe, mais velho, que os cumprimenta, dizendo: 'Bom dia, garotos. Como está a água?' Eles continuam suas trajetórias até que um deles olha para o outro e pergunta: "Mas que, diabos, é *água*?" (WALLACE, David Foster. **This is Water**. Nova York: Little, Brown & company, 2009, p.08).

Resumo

O objetivo dessa pesquisa é realizar uma interpretação do livro *Homem Invisível*, publicado em 1952 pelo escritor estadunidense Ralph Ellison, tendo como eixo a questão do marxismo no autor. O percurso desse trabalho inclui o exame de documentos arquivados em acervos públicos e centros de pesquisa sobre a literatura afro-americana. Tal procedimento, adicionado à revisão da obra teórica de autores como Cedric Robinson, Karl Marx, Cornel West e Barbara Foley, visa sistematizar hipóteses que contribuam para a construção de uma resposta teórica à tensão entre produção literária afro-americana e o processo de exploração capitalista. Esta é, portanto, uma pesquisa bibliográfica, cuja hipótese vertebral é de que existe uma dicotomia marxismo/antimarxismo, presente ora de forma latente, ora de forma explícita, na obra de Ralph Ellison. A tese a seguir está estruturada em dois eixos, compostos de dois capítulos cada. No primeiro eixo, que poderíamos chamar de Marxismo, estão os capítulos: Marxismo negro: do fundamento aos fundamentos (onde se procura problematizar o conceito de marxismo abordado para efeito desse trabalho); Ellison em vermelho (que aborda as produções do período de filiação marxista do autor). No segundo eixo, que poderíamos chamar de Antimarxismo, são apresentados os capítulos *Invisible Man*: o livro visível (onde é apresentada uma hipótese de leitura marxista de *Homem Invisível*); Ellison Incolor (onde são investigadas questões sobre o legado literário e a influência das situações econômicas na construção da literatura afro-americana).

Palavras-chave: marxismo, literatura afro-americana, racismo.

Abstract

The aim of this work is to develop a marxist analysis of Ralph Ellison's *Invisible Man*. The path includes the exams of Ellison's personal archives and the review of authors such as Cedric Robinson, Karl Marx, Cornel West and Barbara Foley, whose works debate questions that may lead to an appropriate response to the urgency of the nowadays tensions between African-American literary production and capitalist exploitation processes. This is therefore a bibliographical dissertation, whose spinal hypothesis is that there is a Marxist/anti-Marxism in Ralph Ellison's work. The following work is structured in two axes composed by two chapters each. In the first one, called Marxism, the chapters are: black Marxism: the foundation to the fundamentals (which seeks to problematize the concept of Marxism used in the purpose of this work) & Ellison in red (which deals with the production of the author in his marxist period). The second axis shows the chapters *Invisible Man: the visible book* (where is presented a Marxist reading hypothesis of *Invisible Man*) & *Ellison Colorless* (which are investigated questions about literary legacy and the influence of economical conditions in the making of African American literature).

Key-words: marxism, african-american literature, racism.

SUMÁRIO

Limites de uma análise marxista: uma introdução.....	11
1. Marxismo negro: do fundamento aos fundamentos.....	24
1.1 A mercadoria em preto e branco.....	45
1.2 Marxismo negro x estudos culturais.....	51
2. Ellison em vermelho.....	63
2.1 A tradição encontrada.....	71
2.2 Three days before shooting: o livro invisível.....	85
3. Invisible man: o livro visível.....	90
3.1 O enredo.....	90
3.2 A publicação.....	118
3.3 A crítica.....	131
4. Ellison incolor.....	156
4.1 O estatuto do herói negro.....	161
4.2 A posição do escritor negro na sociedade capitalista.....	166
A toupeira invisível: uma conclusão.....	171
Referências.....	188
Anexos.....	195

LIMITES DE UMA ANÁLISE MARXISTA: UMA INTRODUÇÃO

A presente tese é resultado da junção de dois períodos distintos de reflexão sobre o tema abordado: o trabalho de pesquisa bibliográfica, realizado no Brasil, sob a orientação do professor Fabio Durão, e o trabalho de pesquisa em documentos históricos, realizado nos Estados Unidos, com o apoio da professora Barbara Foley. A interação desses dois períodos gerou as conclusões apresentadas a seguir.

É preciso esclarecer, a título de exercício de honestidade intelectual, que a primeira versão desse trabalho tencionava diagnosticar as razões de um suposto sequestro ideológico da obra *Homem Invisível*. Entretanto, já no começo do período de estágio internacional que realizei na Universidade Rutgers, e tendo tido à disposição o imenso material disponibilizado pela Biblioteca do Congresso, em Washington, e pelo Schomburg Center, em Nova York, tornou-se elementar que o caminho planejado era inócuo e academicamente infértil. O principal problema para a primeira hipótese levantada pela pesquisa residia no pressuposto de que haveria em *Homem Invisível* um conteúdo *a priori*, de apelo instantâneo à esquerda estadunidense. As prestigiosas contribuições de Barbara Foley e o contato direto com pares caros à temática estudada expuseram a evidente fragilidade metodológica da proposta anterior. Ora, não há qualquer sequestro em curso, uma vez que o *Homem Invisível* jamais pertenceu ao campo ideológico da esquerda. Se é verdade que a primeira versão da obra, escrita por Ralph Ellison entre os anos de 1948 e 1951, possuía feições de potencial revolucionário razoável, também é fato que o conjunto de páginas aprovado pela editora Random House para publicação em 1952 sofreu tantas mudanças

editoriais que a conexão entre as duas versões esmaeceu por completo. Assim, o termo mais adequado ao processo de ressemantização da obra na sociedade estadunidense seria rendição, e não sequestro.

O horror anímico que toma conta do pesquisador quando sua hipótese de leitura naufraga já de saída foi sendo, lentamente, substituído pela consciência filosófica de que o objeto tinha, sim, algo a revelar. Contudo, essa revelação estava relacionada à sua produção e não à sua recepção.

Assim, a presente versão tomou o formato atual de quatro capítulos, divididos em dois eixos, destinados a dissecar os elementos constitutivos do principal romance de Ralph Ellison. No primeiro eixo, denominado Marxismo, estão os dois primeiros capítulos que procuram debater os instrumentos teóricos que serviram de apoio para essa análise e a problematizar o período marxista do autor. No segundo, denominado Antimarxismo, estão os capítulos que se ocupam do período político conservador do autor analisado.

O capítulo 1 tem como objetivo situar a pesquisa dentro dos estudos marxistas. Intitulado “Marxismo negro: do fundamento aos fundamentos”, ele reúne conceitos elementares do tipo de reflexão marxista que se pretende realizar, seus pressupostos, suas rejeições e suas filiações. Apresenta, ainda, outras duas subdivisões que se dedicam a posicionar o marxismo negro em relação aos estudos culturais, além de elucubrar sobre seu funcionamento enquanto método crítico aplicado à literatura. Ainda neste capítulo, procura-se explicar o porquê da renúncia dos Estudos Culturais em favor do marxismo negro. O capítulo 2, “Ellison em Vermelho”, traz a reflexão sobre a experiência marxista de Ralph Ellison, uma breve análise de seu problemático segundo romance jamais finalizado e de como o autor lidou com os desafios inerentes a toda tentativa de construção de uma voz literária singular. O capítulo 3,

"Invisible Man: o livro visível", apresenta a hipótese de leitura do trabalho, o miolo da reflexão teórica pretendida, e dedica-se à leitura de *Homem Invisível*, aos desvelamentos interpretativos do protagonista visível e aos processos de edição, procurando situar Ellison e demonstrar que ele é fruto de um longo processo sócio-histórico.

O quarto e último capítulo refere-se às pressões econômicas e à posição do autor negro nas sociedades capitalistas.

A metodologia utilizada foi a leitura sistemática da obra *Homem Invisível* e uma pesquisa bibliográfica que pudesse testemunhar em favor da existência de duas forças antagônicas na obra de Ellison: marxismo e antimarxismo. No que se refere aos termos que demandavam certa necessidade de tradução, optou-se pela tradução completa do conceito original *black marxism*. Uma opção linguística considerada foi o aportuguesamento do termo *bleque*, conforme indicação do dicionário Houaiss, porém esta foi logo descartada por realizar involuntariamente uma estratégia de ocultação de conteúdo racial e da posição política desse trabalho; afinal, trata-se de revelar *outra* coisa, de levar em conta *mais* um aspecto e não apenas a *mesma* coisa sob uma perspectiva diferente. Considerando que uma investigação crítica marxista pressupõe o entendimento de que a metodologia utilizada é sempre a da interpretação e a da leitura e que, seguramente, não há ferramenta que possa substituir, sem prejuízos relevantes, o trabalho de observação e de pensamento, é compreensível que haja restrições sociais quanto à dissecação de textos literários a partir da interpretação livre do pesquisador. Tal suspeita reside no fato de que a decodificação dos elementos constitutivos de uma narrativa consagrada tende, com frequência, a oscilar entre a mais profunda obviedade repetida por todos e algumas infelizes e mal disfarçadas tentativas de

aproveitar a liberdade de um suposto campo sem método, onde a potência interpretativa do observador definiria a qualidade de seu olhar. Apesar de legítima, a preocupação revela uma crítica muito mais aos maus aplicadores da técnica do que propriamente ao método utilizado. O compromisso com a interpretação particular, quando bem aplicada ao texto literário, não se resume a um engessamento mal intencionado, tampouco incentiva noções pouco sólidas de uma obra teórica complexa. Em outro plano, a leitura crítica torna-se não apenas o método, mas a própria postura do pesquisador. O marxismo e a interpretação pessoal não são somente ferramentas complementares em análise literária, mas instrumentos que, quando combinados, alcançam, a um mesmo tempo, a dimensão estética e a estrutura política das obras. Um método crítico literário pressupõe que há no objeto algo relevante para ser visto, analisado, verificado, e, dentro desse método, algo a ser *levado em conta*, algo que um pouco distante da superfície permanece lá, potencialmente visível, a ser resgatado. Evidentemente, o método escolhido para arrancar essa verdade específica e trazê-la à tona altera de forma considerável o próprio objeto. Que uma obra literária dialoga com o tempo em que foi escrita, isto não é particularmente uma novidade. Mas que obra e tempo influenciam uma a outra e que a primeira pode ser revolucionária em seu tempo, isso sim caracteriza uma perspectiva marxista. A arte diminui a velocidade das ações sociais e permite que observemos as engrenagens através das quais a realidade objetiva se sustenta. Assim, é possível afirmar que uma obra de ficção traz como moldura as condições de vida que a geraram. Contudo, a crítica marxista não faz a mera investigação dos indícios perdidos pelo texto. Sua função é de outra ordem. Não redundaria nenhum interesse teórico comprovar que os textos são ideológicos. Essa realidade já é extensamente reconhecida, mesmo por

adversários intelectuais relevantes, como Harold Bloom. O que tende a ser rejeitado não é a realidade concreta dos poderes ideológicos, mas a tomada de posição em favor de um dos lados¹. É particularmente sintomático que Bloom não rejeite o postulado da importância das condições materiais. E que também acuse a crítica marxista de partir de um "princípio amplo"². Note-se que a admissão da existência de classes persiste, mesmo apesar de sua autodeclarada descrença no arcabouço interpretativo do materialismo. Bloom desloca sua guerra não para a relevância das condições sociais na produção das obras de arte e das reflexões teóricas, mas para a proposta de transformação. As condições materiais são consideradas inegáveis, porém imutáveis e de posse de outra instituição: a da condição humana. Nada haveria de relevante em Shakespeare, por exemplo, que pudesse ser esclarecido, ampliado, ou mesmo produzido, pelas lentes sociológicas. A arte seria, então, um campo não apenas acidentalmente independente das condições políticas, como também dependente dessas condições políticas para existir. A má notícia para Bloom é que a luta de classes é o motor das atividades sociais. E se algo interfere no social, algo interferirá na literatura. Se a época de Shakespeare não era propriamente capitalista, também é verdade que aquilo que buscamos hoje em Shakespeare, aquilo que Shakespeare representa para nós, é determinado de

1 "O princípio cardeal da atual Escola do Ressentimento pode ser exposto com singular brutalidade: o que se chama de valor estético emana da luta de classes. O princípio é tão amplo que não pode ser inteiramente refutado" (BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.37).

2 "Eu próprio insisto em que o eu individual é o único método e todo o padrão para a apreensão do valor estético. Mas o eu individual, pesa-me admitir, só se define contra a sociedade, e parte de seu *agon* com o comunal faz inevitavelmente parte do conflito de classes sociais e econômicas. Sendo eu mesmo filho de um operário da indústria de roupas, foi-me concedido um tempo infindo para ler e meditar sobre o que lia. A instituição que me sustentou, a Universidade de Yale, faz inelutavelmente parte de um *establishment* americano, e minha permanente medição sobre literatura é portanto vulnerável às análises marxistas mais tradicionais de interesse de classe" (IDEM).

forma direta pela nossa sociedade essencialmente definida por uma consciente – e, em alguns casos, orgulhosa – luta de classes. Esse Shakespeare puro, ameaçado de contaminação pelas “escolas do ressentimento”, jamais existiu. Não foram os pesquisadores marxistas, imbuídos de uma síndrome da destruição do belo, que decidiram macular Hamlet. Não houve processo de historização de Shakespeare. Os autores não possuem outra condição senão serem históricos. Pode-se reconhecer a evidência desse fato. Ou esconder-se em um delírio baseado no desejo de uma abstração pura, de uma interpretação do fato literário como prova da existência de uma parte divina dentro da existência miseravelmente humana. A história recente da crítica literária, os embates de Bloom contra todos aqueles que ele jocosamente chama de “desejosos de abrir o cânone”, revelam não um problema teórico ou conceitual, mas uma vontade reprimida de estabelecer um domínio onde as transformações sociais não ocorram, onde não se seja obrigado a conviver com as minorias que invadem absolutamente todas as áreas da cena social. O suposto ataque à erudição não tem partido apenas de grupos adeptos do mais puro relativismo cultural, mas, estranhamente, dos grupos que deveriam de fato estabelecer algum tipo de predileção a esses elementos eruditos. Em nome da destruição de seus patrimônios pela ideologização da cultura, promove-se uma ideologização da cultura por outros meios. Empreende-se o maior dos esforços, destinado a impedir que Shakespeare seja substituído por uma autora negra do sul do Missouri, mesmo que para isso tenha-se que transformar Shakespeare em algo que ele não poderia jamais ter sido: um totem de universalidade, um sábio, um autor oco. Sobre o tema, pontuou Fabio Durão:

O valor torna-se uma categoria suspeita a priori. Isso se dá porque ele passa por um processo de desprendimento de qualquer componente que lhe seja exterior. Como algo cada

vez mais imanente a si mesmo. (...)A todos os atores, entretanto, parece escapar o essencial: que o objeto da contenda, o valor, é algo que não mais existe. Socialmente, é algo sem valor (DURÃO, Fabio in **Variações sobre os equívocos do debate do cânone**. Remate de Males, pp. 613-623, Jul./Dez. 2014).

Nas ciências humanas não há microscópios disponíveis, portanto é necessário realizar abstrações; estas possuem a força de ir além do que está aparente, pois a dedução se espalha pelas bordas do fragmento indiciário. Em grande parte, essa possibilidade, essa elasticidade conceitual dos fragmentos, é apropriada para abordar objetos que surgiram na periferia dos interesses acadêmicos tradicionais.

Esta é uma tese de filiação marxista, cuja tarefa primeira é refazer o contexto de surgimento de *Homem Invisível* e procurar compreendê-lo como uma etapa material da construção da negritude norte-americana. Contudo, o marxismo não é uma cartilha de rotinas ou uma régua com a qual se descreve pacientemente um objeto inerte. Karl Marx sempre se posicionou contra a reflexão sem tensão, isto, talvez, porque os objetos sociais não apenas possuem conexão política com o mundo concreto como também são essencialmente criados por ele. Quando encarados com a urgência e seriedade que demandam, esses objetos provocam o pesquisador e exigem dele reflexões capazes de gerar intervenções efetivas. Para pesquisadores marxistas, analisar fenômenos sociais demanda compromisso com as classes oprimidas. Para pesquisadores dos estratos dominantes, os fenômenos sociais demandam necessidade de se produzir argumentos em favor do barramento de qualquer solução que inclua uma proposta de equilíbrio de forças políticas. Nos dois lados, nenhuma neutralidade. É sempre guerra.

Em 2016, uma tese marxista sobre produções literárias possui certo aspecto exótico, uma vez que o marxismo ocidental tem, predominantemente, se caracterizado, nas últimas décadas, por concentrar seus esforços críticos naquilo que acredita ser o ponto nevrálgico da cultura capitalista: os conglomerados midiáticos e sua suposta capacidade de intervenção infinita no comportamento das massas. Assim, a própria literatura tornou-se um elemento secundário, cuja coadjuvância poderia interessar somente àqueles que se predispusessem à perda de tempo. A maneira como a interpretação de que a mídia é uma produtora de sentido (e não apenas mais uma das inúmeras manifestações do capital) tomou conta da crítica marxista tem muito a dizer sobre a falta de centralidade do letramento nas sociedades capitalistas. Os melhores esforços críticos estão direcionados a interpretar cada movimento e cada implicação política das decisões administrativas dos líderes midiáticos. Esse cenário propicia um acobertamento da ideologia do capital, pois, enquanto se está sempre preocupado em denunciar aquilo que se convencionou chamar de “interesses escusos”, gastando o tempo inventariando supostas razões ocultas, esquece-se da razão principal³. O campo midiático torna-se um palco de pirotecnias e performances hiperbólicas cujo objetivo central é distrair o indivíduo da única evidência que ele experimenta sem mediações: a experiência de ser explorado. Após mergulhar na ilusão de desvendar os interesses de pequenos grupos, os críticos da mídia acreditam ter chegado à verdade íntima dos fatos. Essa verdade, entretanto, tem como aparência uma resposta celular,

³ Assim, constrói-se um quadro atual onde a ideologia do capital se caracteriza por inflar o surgimento de grandes teorias da explicação global, com promessa de acesso ao "real motivo do funcionamento do mundo." Neste cenário surgem as mais variadas produções editoriais: narrativas de autoajuda; manuais empresariais que prometem revelar ao seu potencial comprador os segredos do mundo capitalista e que evidenciam a esquizofrenia de um sistema que ora se apresenta como óbvio e natural, ora exige de seus partícipes o domínio de sofisticadas técnicas de operação financeira.

limitada, perto demais das folhas e convenientemente longe das raízes. Ao olhar a questão étnico-racial, por exemplo, esses críticos procuram apontar os interesses de grupos que já não oferecem nenhum tipo de resistência social, gerando um tipo de crítica oca. Critica-se, assim, duramente, o regime do *apartheid*, as limpezas étnicas de Slobodan Milosevic e, é claro, o nazismo. Mobilizam-se todas as forças teóricas para combater sem tréguas aquilo que já não oferece mais revide. Na impossibilidade de destruir o inimigo real, os marxistas ocidentais parecem agora se contentar em mutilar os cadáveres de velhos inimigos já vencidos, conforme, aliás, já apontou Durão (2013).

Do lado de cá, por seu turno, os problemas não são menores. A crítica marxista negra, por sua vez, ainda que profundamente comprometida em negar tudo aquilo que foi descrito acima, possui evidente dificuldade em renunciar à tentação de ser uma mera resposta à falta de inserção dos negros no mercado de trabalho, tornando-se, por vezes, mais uma versão de um velho erro. Nesse cenário, a análise literária ocupa também espaço exíguo.

Como método teórico, a desconfiança em relação ao marxismo, algo talvez oriundo da falência das sociedades que se autointitularam marxistas⁴, aparece em diversos autores. A título de ilustração, cabe destacar Edgar Morin como expoente de um tipo específico de crítico do marxismo, detentor de um projeto teórico que embora inclua o reconhecimento de certos méritos do materialismo histórico, rejeita as soluções políticas apresentadas pelo projeto marxista.

4 É particularmente interessante que ninguém ouse chamar o capitalismo de insuficiente citando a experiência execrável do nazismo na Alemanha (cf. BEHEMOTH). Ou que ninguém tenha apontado como comprovante de uma “utopia capitalista” a África do Sul da década de 1980. De uma forma muito sintomática, todas as experiências administrativas malsucedidas no mundo são creditadas ao pensamento socialista. Todas as falhas administrativas dos países capitalistas são creditadas, por sua vez, a problemas maiores, problemas da natureza humana. A única crítica absorvida pelo capitalismo é a de que países capitalistas que vão mal necessitam de mais capitalismo.

É preciso saber que a crença na missão histórica do proletariado não é científica, mas messiânica: é a transposição, para nossas vidas terrestres, da salvação judaico-cristã prometida para o Céu. Esta ilusão foi trágica e devastadora. Marx não imaginava que, mesmo na era socialista, a ação de governar é uma ação de direção e que a arte de dirigir é uma arte de se dirigir em condições incertas. Ainda que, em seus estudos históricos, tenha sido sensível à complexidade dos antagonismos em movimento, ignorava o princípio primeiro da ecologia da ação, que nos diz que todo ato escapa às intenções do ator para entrar no jogo das inter-retroações do meio, podendo desencadear o contrário do efeito desejado (MORIN, 2002:96).

Um retorno à obra marxiana revela rapidamente que não há “missão histórica.” Tampouco porvir imutável. Marx não assegura que a classe trabalhadora fará um dia a revolução. Sua questão era de ordem bem menos esotérica: a classe trabalhadora *teria* que fazer essa revolução, afinal, se não a fizesse, ninguém a faria. O explorado não seria um messias solitário encarnado. Sua força seria oriunda justamente da confiança no potencial revolucionário do conjunto dos trabalhadores organizados como classe. Toda vez que a aplicação política do marxismo foi confundida com ideais místicos, imediatamente a substância revolucionária sumiu, ficando apenas a casca de um sistema vazio. O stalinismo foi, dentre outras coisas, uma tentativa de encarnar esse messianismo trágico. Desastroso é, portanto, o desfecho da experiência soviética, e não o conceito marxista.

É igualmente estranho Morin sugerir que Marx desconhecia esse tal princípio da ecologia da ação, segundo o qual os atos escapariam das intenções de seus autores. Ora, era precisamente nesses escapes, nessas fissuras, que se poderia construir outra opção de governança social⁵. Ademais, o que Morin

⁵ “O imperialismo e as guerras são fenômenos históricos que precedem de longe o capitalismo. Os males que são provenientes do poder do dinheiro não podem mais mascarar os males que são provenientes do *poder* do poder e que, de resto, sustentam a corrupção pelo dinheiro”

apresenta é uma redução do capitalismo a um mero sistema de circulação de papel-moeda, que se colocaria ao lado do poder. Essa concepção é profundamente favorável ao capitalismo e abriga certa tendência a retirar o sistema econômico do centro do debate. O problema, ao se sugerir o poder do poder, seria, então, de outra ordem, convenientemente etérea. Essa crítica, sedutora na medida em que responde, de uma só vez, a um impulso de querer pesquisar mais fundo, de encontrar o “real problema”, cumpre o papel de esvaziar a validade da questão central do pensamento marxiano. Na impossibilidade de desconstruí-lo, opta-se então por outro tipo de crítica: aquilo que se constitui seu pivô não é o *mais* importante, não é o principal. Essa operação se concretizará na página 97 de *Em busca dos fundamentos perdidos*, onde Morin afirma: “Hoje, aparece a evidência que só poupou os cegos: pior que o capitalismo é o pretenso socialismo na URSS, na China, no Vietnã, no Camboja.” E conclui: “Marx deve ser superado, isto é, integrado na constelação dos pensadores que podem iluminar nossa reflexão, a começar por sua aspiração a um conhecimento ao mesmo tempo antro-po-sócio-histórico.” Grosso modo, o que Morin propõe é um marxismo sem Marx – e Marx posto aí no que diz respeito ao que deve dele “ser levado em conta.” Basicamente, deve-se incluí-lo como *commodity* de uma longa tradição histórico-filosófica, destinada a interpretar o mundo de forma cada vez melhor, mais eficiente, sem, entretanto, jamais incorrer no risco de pretender de fato mudá-lo. A proposta de Morin, exposta de maneira jocosa e propositalmente reticente, dialoga com o estado titubeante do marxismo hoje. Vive-se rodeado de marxistas sem filiação marxista. Em outra direção, Fredric Jameson alerta para o fato de que

(...)ser um marxista inclui necessariamente a crença de que o marxismo é uma espécie de ciência: ou seja, uma axiomática, um *organon*, um circo de

(MORIN, Edgar. *Em busca dos fundamentos perdidos*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p.97).

conhecimentos e procedimentos distintivos (se fôssemos desenvolver o argumento, poderíamos dizer também que ele possui, como discurso, um estatuto característico, que não é o da filosofia ou o de outras formas de escrita) (JAMESON, 1999:19).

Assim, a questão racial habita esse espaço "de outras formas de escrita" e esta tese jamais (dado que nas filosofias de filiação não-marxista a posição dos marginais parece, ainda, não despertar interesse robusto em seus operadores) poderia encontrar em outra abordagem as condições desejáveis para seu desenvolvimento.

Um pensamento marxista acredita nas diferenças de resultado entre uma reflexão e outra, a depender, principalmente, do ponto de partida do observador. Afinal, se a consciência é gerada pelas condições, é razoável compreender que há algo de intrinsecamente relevante no trabalho produzido por esse pesquisador a partir de sua própria origem. Ou, em palavras melhores e mais eficientes:

Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX & ENGELS, 2007:94).

Por aqui, tem-se em mãos a tarefa de posicionar-se estrategicamente entre a personalidade narcisística de um autor cuja contingência de ter nascido

negro ele quis transcender, e a relevante obra que ele criou justamente manipulando suas próprias condições sociais. Entre uma baliza e outra, há pouco espaço. Mas nesse espaço, acredita-se, cabe uma tese.

1. Marxismo negro: do fundamento aos fundamentos

Uma aceitável definição de marxismo foi proposta por Edgar Morin no já citado *Em busca dos fundamentos perdidos*, publicado no Brasil em 2002, em que o pensador francês procura recuperar as raízes conceituais que a pretensa superação do marxismo teria legado ao debate intelectual acadêmico ao redor do mundo, mais especificamente na Europa. Diz ele: “Um marxismo é um compromisso estabelecido entre o método de Marx e uma sistematização que pretende ser a autêntica expressão do conjunto de ideias, teses e conclusões de Marx.” Ainda no mesmo capítulo, ele retoma a dimensão prática das ideias marxianas e acrescenta: “Por isso afirmo que em todo marxismo há uma ambivalência interna entre um sistema ou uma doutrina por um lado, e um método por outro” (MORIN, 2002:74).

Essa doutrina tem sido, até o momento, a feição mais eloquente do marxismo. E não apenas ela, mas aquilo que tem se apresentado em seu lugar, como sendo doutrina. Para efeito dessa tese, será considerado apenas o marxismo como método crítico, como meio de investigação teórica. Portanto, as eventuais insubordinações a esse ou aquele receituário interpretativo serão tomadas como comprovações de que o método dialético está sendo manipulado como instrumento político banal e vilipendiado como norte conceitual.

Morin utiliza o artigo indefinido ao procurar definir marxismo, contornando com rapidez o problema das filiações e realizando uma crítica à pretensa busca do “marxismo puro.” Longe de representar uma frouxidão no entendimento do que significa a obra de Marx, o *chiste* revela um profundo reconhecimento de que a obra marxiana tem sido apropriada e deturpada por inúmeros grupos, preocupados muito mais em apresentarem-se como herdeiros

de uma obra teórica messiânica, do que como debatedores dedicados. O efeito mais proeminente dessa operação é a instalação de um irônico cenário crítico, onde o marxismo acabou encontrando na comunidade marxista um poderoso inimigo. Desse modo, pesquisadores voluntariosos têm se caracterizado por tragicamente estarem destruindo, por acidente, aquilo que acreditam proteger. Não se trata de um cenário novo. No final dos anos 1980, conforme iam falhando as experiências autodeclaradas socialistas pelo mundo, maior se tornava o risco de sabotagem da teoria marxiana.

 Não obstante, à luz da desanimadora experiência pessoal e histórica, era necessário admitir que só se poderia permanecer socialista apesar e não por causa da União Soviética, ao contrário da maneira como muita gente no Ocidente tentou preservar suas convicções esquerdistas por delegação, abstraindo as condições de seus próprios países e ao mesmo tempo ficcionalizando a realidade de seu proclamado modelo (MEZAROS, 2010:39).

Portanto, mais importante do que a intensa atividade crítica, aquela era a hora de acolher aquilo que, temia-se, estava sendo expulso do mundo. A academia tornou-se, então, o refúgio daqueles que não conseguiram vencer a luta política. E, assim, criou-se um novo fetichismo, o de uma nova luta, a do mundo real (caracterizado pela dureza das disputas partidárias, da força do capital e das tensões do poder) em oposição a um suposto mundo humanizado (feito de rotinas acadêmicas herméticas e de teoria descompromissada com qualquer efeito social). Se para Marx, em 1845, era hora de os filósofos pararem de compreender o mundo e passarem a transformá-lo, para os marxistas traumatizados, a queda do regime soviético era o sinal de que estava na hora de retornar à atividade contemplativa. Assim, em um sentido perverso, a manutenção do divórcio entre ação política e atividade intelectual tem

participação ativa de certos grupos marxistas⁶. Neste cenário, dentre as inúmeras críticas direcionadas ao marxismo tradicional, uma especialmente relevante diz respeito ao espaço restrito ocupado pelas questões étnicas nas produções bibliográficas identificadas como marxistas. Sabe-se, por exemplo, que no plano político o próprio partido comunista soviético não recrutava indivíduos negros até 1921⁷. É sempre arriscado elucubrar sobre caminhos alternativos do passado, mas o fato é que, provavelmente, não fosse por Lenin, uma geração de talentos negros jamais teria se desenvolvido dentro do campo da teoria marxista. Nomes como C.R James, W.E.B. Du Bois e Hubert Harrison eram unânimes em apontá-lo como o grande responsável pela construção da ponte conceitual que uniu os dramas supostamente mais comuns da classe trabalhadora com as particularidades das origens étnicas diversas. Em 1884, convém lembrar, aparece, nos anais franco-alemães, uma crítica de Marx a Bruno Bauer, um adversário político de orientação hegeliana, e esse texto é particularmente importante porque nele Marx responde ao artigo de Bauer intitulado *A questão judaica*, em que são discutidas as relações entre a

6

Não desconheço os fortes ataques que a intelectualidade marxista tem sofrido nas últimas duas décadas. E estou consciente de que as críticas que faço ao estado das coisas podem facilmente ser confundidas com munição adicional ao lado contrário dessa guerra. Contudo, minha disposição para apontar as eventuais falhas na construção do marxismo trata-se somente de rigor crítico, algo que me parece levemente essencial em uma tese produzida por alguém que se propõe marxista.

7 "The communist parties did not actively recruit blacks until 1921. This change in policy seems to be largely the responsibility of Lenin, and is even more remarkable when we recall that Lenin's name was barely known to any of the national elements in the American movement four years earlier" ("Até o ano de 1921, os partidos comunistas não recrutavam negros. As mudanças em suas políticas de filiação se devem, em grande parte, a Lenin. E isso é ainda mais surpreendente quando recordamos que seu nome era pouco conhecido nos quadros do movimento americano comunista, quatro anos antes.") (ROBINSON, Cedric. **Black Marxism: the making of the black radical tradition**. Chapel Hill: University of North Carolina Press. 2000, p.219).

comunidade judaica e sua integração na vida política alemã. Marx argumenta que o tipo de emancipação pretendida por certos grupos é ilusória. A verdadeira emancipação pressupõe sacrifícios de duas ordens: o primeiro é o de ruptura com privilégios de classe; o segundo é o de extinção das próprias classes. Assim, os judeus – tal como qualquer povo em busca de emancipação – não poderiam reivindicar uma liberdade que não passa de um mero desejo de aquisição dos mesmos direitos exclusivos da classe dominante. Isto, sem dúvida, pode ser tomado de empréstimo na análise da questão racial negra. De nada adiantaria uma mera substituição das cores da opressão. Isso não significa, no entanto – nem para Marx, nem para o autor dessa tese – que o projeto de emancipação geral deva fingir desconhecer as inúmeras diferenças entre explorados de origem étnica periférica e explorados protegidos pela ilusão da igualdade patriótica (ou fenotípica).

O teor dessa crítica era radicalmente diferente do que Marx havia escrito até aquele momento. Ele havia mergulhado em um profundo processo de reelaboração de sua atividade intelectual e estava convencido de que era preciso atuar de forma mais ampla, complexa e politizada:

É lamentável testemunhar trabalhos servis, mesmo que em nome da liberdade, e lutar com alfinetadas e não com cacetadas. Estou cansado de hipocrisia, de estupidez, de autoridade brutal. Estou cansado de nossa docilidade, de nossa obsequiosidade, de nossos recuos, de nossas querelas por meio de palavras. Nada posso fazer na Alemanha. Aqui, falsifica-se a si mesmo⁸. (MARX, 2014:78).

8 Karl Marx, carta a Arnold Ruge, 25 jan. 1843, em *Correspondance*. Paris: Éditions sociales, 1978, p. 280).

Esse espírito de insatisfação com uma ciência social que se posiciona passivamente frente às estruturas opressivas da sociedade é imprescindível ao marxismo. E, dentro dessa concepção, a crítica marxiana precisa incluir um ajuste histórico com a questão racial na história do pensamento humano. Quando se mencionam aqui questões étnicas no marxismo, fala-se essencialmente da questão negra⁹. Fala-se, portanto, fortemente, de uma necessidade de diálogo, da ampliação de certos conceitos que precisam levar em conta os desafios sociais de cada etnia. Como parte do esforço em realizar essa tarefa, em 1982 o teórico californiano Cedric Robinson publica *Black Marxism: the making of black radical tradition*. Os processos econômicos, antes do *black marxism*, eram vistos como esvaziadores da causa étnica. Dizia-se: “mas isso é um problema maior, do sistema inteiro”. Isto é uma questão de cunho econômico, a pobreza não tem cor. A injustiça é universal”. Cedric Robinson encabeçou uma sistematização do pensamento negro norte-americano. Seu *Black Marxism* representa não apenas uma impressionante demonstração pública de erudição, como – e nisso reside sua força – uma convicta profissão de fé em um sistema político que assuma as suas limitações e as implicações de suas escolhas. Lançado em meio ao reaganismo e ao thatcherismo, dois pilares do liberalismo, *Black Marxism* encontrou um território esvaziado de representações na comunidade negra, com o esmaecimento da *blaxploitation*¹⁰. No campo da indústria cultural, Michael Jackson lançava o álbum *Thriller*, já ostentando os primeiros e decisivos passos de sua assustadora transformação étnica. Havia, portanto, uma crise da identidade negra americana e Robinson soube fazer dela uma oportunidade para oferecer a alternativa da reflexão marxista.

Em *Black Marxism*, Robinson elenca cuidadosamente dezoito

9 Evidentemente, dentro do espectro do marxismo étnico, há também abundantes e relevantes trabalhos sobre a condição dos irlandeses, dos escoceses, das minorias Han e Hui e de uma quase exaustiva lista de outras narrativas históricas.

10 Gênero cinematográfico criado nos EUA, no início dos anos 1970. Trazia protagonistas afroamericanos em temáticas policiais.

experiências de resistência dos negros. Ele resgata com minúcia a experiência dos quilombos brasileiros e a classifica como exemplo de organização política elevada. Para ele, os quilombos não eram apenas pontos de fuga das condições escravocratas, mas projetos políticos com uma ordem social diferente, um exemplo específico de comunismo que a esmagadora tradição histórica brasileira sempre tratou de desprezar, classificando-os como meros campos de refúgio, sem coesão social e sem nenhum tipo de vida social complexa. A baixa estima em relação aos quilombos tem a ver, ainda segundo Robinson, com o esforço em transformar o negro em um ser incapaz de organizar sozinho um sistema político e social¹¹. A concepção de que o negro é um conceito é sem dúvida uma contribuição direta do materialismo histórico. Mencionar isso não é exatamente algo novo, mas revelar que essa operação teve um alto custo fornece a suspeita de que o racismo não é fruto da organização despretensiosa da civilização ocidental, mas de um esforço concentrado para que ele aconteça.

Robinson faz parte de uma tradição teórica que acredita que o racismo era uma arma social que a riqueza utilizava para, uma vez compelindo os negros a acreditarem que eles valiam menos, justificar o baixo valor de seus salários. *Black Marxism* é o ponto mais alto de uma análise marxista que entende que a emancipação definitiva virá através da própria organização dos negros em relação à tomada dos meios de produção. E isso não apenas renova a proposição marxiana como também a recoloca em um novo patamar.

Em resenha ao livro o autor Berry Will descreve-o como uma obra magistral, mas subanalizada. A crítica central repousa sobre o fato de Robinson

11 "The creation of the Negro was obviously at the cost of immense expenditures of psychi and intellectual energies in the west. The exercise was obligatory. It was an effort commensurate with the importance black labor power possessed for the world economy sculpted and dominated by yhe ruling and mercantile classes of the new world were integral to the modern world economy" ROBINSON (2000:24).

ter, segundo o resenhista, confundido a história marxista com a história do marxismo no meio que circundava o autor. Em outras palavras menos dóceis: faltaria a Robinson conhecimento bibliográfico sobre aquilo que se propunha criticar.

The point of my essay, quite bluntly, is to show that Robinson is wrong about Marxism and that Robinson is not alone, the errors he makes being fundamental not only to current theorizing about race and class, my two principal concerns, but also to current theorizing about gender, culture, "relative autonomy" and causal explanations of oppression and exploitation (WILL, 2012:01).¹²

O que o resenhista chama de "relativa autonomia" é, na verdade, o cerne de algumas interpretações extraídas de pilares conceituais do campo dos Estudos Culturais, que, no intuito de reconhecer certa possibilidade de independência de ação dos oprimidos, acaba por subestimar os efeitos sociais da opressão. A crítica produzida por esse grupo sistematicamente posiciona o marxismo como um superado conceito assentado no intransponível determinismo econômico. Assim, segundo o autor, primeiramente apresenta-se uma premissa falsamente marxista (a de que a economia determina todas as formas e representações culturais) para depois provar sua inconsistência. *Black Marxism* possuía como objetivo tanto a ampliação do escopo crítico do marxismo como também o reconhecimento da história de luta que os negros travaram contra a opressão que lhes foi imposta durante o período de

12 Meu argumento nesse ensaio é, trocando em miúdos, mostrar que Robinson está errado sobre o marxismo, mas que ele não está sozinho em seus enganos. Os erros que ele comete dizem respeito não somente a uma frágil teorização atual sobre raça e classe, minhas duas atuais preocupações, mas também às teorizações sobre gênero, cultura, "autonomia relativa" e explicações causais de opressão e exploração (WILL, 2012, p.01).

escravidão. Para além de sua relevância conceitual, sua importância reside também no fato de ter sido a primeira tentativa teórica de esboçar uma relação entre a causa do combate ao racismo e o marxismo.

Dividido em três partes, o livro procura preencher uma lacuna editorial e reunir, em um só volume, uma série de reflexões de Robinson ao redor do mesmo tema. A primeira parte trata do surgimento do radicalismo europeu – onde o autor aborda as raízes do que chama de “racismo capitalista”, refazendo o percurso dos estudos de Eric Williams, no antológico *Capitalismo e Escravidão*. Já a segunda parte demonstra como o surgimento de uma produção acadêmica negra estava ligado à descoberta do pensamento marxista como aliado dos negros na construção de uma nova identidade social, fazendo do materialismo histórico a sustentação teórica para uma nova concepção do sujeito negro, mais senhor de sua história e muito pouco disposto a reproduzir o pensamento que sustentou sua própria exploração. Evidentemente, esse segundo capítulo dedica-se também à revolução haitiana, aos quilombos brasileiros e a própria organização dos comunistas norte-americanos no período da *Harlem Renaissance*.

O terceiro e última seção se dedica ao radicalismo negro e à formação de uma *intelligentsia* afro-americana, realizando um resgate dos textos de Du Bois, do conceito de trabalho, do que o capitalismo representa para os negros e das dificuldades da manutenção de uma elite negra no seio do capital.

Essas três partes juntas compõem um excelente e minucioso trabalho intelectual que visa deixar claro que marxismo e marxismo negro são conceitos diferentes¹³. Para Robinson, a própria aparição do radicalismo negro é efeito de

¹³ A partir desse momento, pode-se facilmente traduzir o termo *Black Marxism* por marxismo negro, por não haver mais risco de uma sobreposição de conceitos. Traduzi-lo logo no título teria um efeito contrário ao que se deseja. Tenho interesse justamente nessa localização gradual de sentido: marxismo tradicional, marxismo étnico, marxismo negro. Não desejo

um tipo específico de sociedade ocidental na qual o marxismo tradicional teve grande influência. Então, em uma interpretação grosseira do processo dialético, o marxismo negro pode ser tomado como uma espécie de síntese, em que a realidade anterior teórica pré-marxismo era a tese, o marxismo era a antítese e o *black marxism*, a síntese.

A primeira diferença entre os conceitos de marxismo tradicional¹⁴ e de marxismo étnico é óbvia, porém tende a ser vilipendiada pela maior parte dos teóricos marxistas como sendo um detalhe irrelevante: os produtores do segundo são membros de um grupo étnico politicamente não dominante, embora não necessariamente minoritário, enquanto os do primeiro grupo são caucasianos, membros de uma certa burguesia esclarecida. Essa dimensão, a do ponto de partida social dos observadores, é fundamental para se compreender as implicações políticas propostas pelo marxismo étnico.

Se Terry Eagleton estiver certo, “o marxismo é uma teoria científica das sociedades humanas e da prática de transformá-las”. Então, este pode naturalmente servir ao propósito das minorias porque, em sua universalidade, engloba todas as partes em um mesmo todo. Contudo, o que ocorre, na prática, é que a positiva natureza internacionalista do marxismo tem sido substituída por um discurso que se dedica a enumerar as questões como uma espécie de truque para protelar seu enfrentamento. Esse tipo de pensamento tem servido muito mais ao aparelho acadêmico burguês do que propriamente ao compromisso real de apoio às minorias. De resto, portanto, bastaria dizer que o marxismo negro é, então, uma teoria científica das sociedades humanas (e da

aqui outra coisa senão localizar fielmente as bases de onde as observações estão sendo feitas. Faz-se isso como antídoto ao risco sempre presente de pensar que a profissão de fé em um pensamento nos liberta automaticamente da necessidade de, de fato, exercê-lo.

14 Trata-se aqui do marxismo como sendo a reunião de textos teóricos escritos por Marx e não sua aplicação política ou sua apropriação ideológica posterior.

prática de transformá-las) que visa oferecer uma narrativa das histórias dos indivíduos negros durante sua luta por liberdade. Grosso modo, trata-se de um ajuste e não de uma mera forma de diferenciação conceitual. Por isso, o marxismo negro pode ser resumido, em um esforço intelectual muito perigoso, mas sempre necessário, a sete pressupostos, que são presunções com feição de descoberta. A saber:

a) que o processo de escravidão dos negros está inserido em um contexto de exploração humana que não se limita à doutrina da escravidão do negro pelo branco, mas é bem mais amplo que isso, pois se trata da exploração do homem pelo homem.

b) que a consciência sobre o item “a” não anula o fato de que homens negros recebem a herança dos explorados e que homens brancos recebem a herança da exploração e que, a despeito do que ambos pensem, uma injustiça histórica não se conserta apenas com boa vontade.

c) que o capitalismo, enquanto sistema econômico, tem pouco ou nenhum interesse em resolver a questão racial, uma vez que as consequências sociais das transformações ocorridas pela busca intensa do capital são irrelevantes para o próprio capital.

d) que, dentro de suas contradições já conhecidas, o capitalismo pode oferecer ao indivíduo negro uma emancipação individual, específica e não extensível, porque o que o caracteriza não é a ausência de benefícios para os indivíduos e sim o fato de não ter a busca de benefícios para os indivíduos como meta fundamental de seu projeto gestor.

e) que os negros jamais conseguirão compreender a própria história sem antes compreender a história daquilo que lhes foi feito.

f) que a escravidão foi a saída econômica encontrada para a falta de

trabalhadores livres para o cultivo de produtos como o algodão, o tabaco e o café. De modo que não foi a escravidão que nasceu do racismo, mas sim o próprio racismo que é consequência da escravidão.

g) que ao deparar-se com o fato histórico de que “o dinheiro por dez anos de serviço de um branco comprava toda a vida de um negro”, o indivíduo branco é confrontado com a evidência de que, com o ingresso do negro no trabalho remunerado, sua própria remuneração foi reduzida. Enquanto isso, o patrão, que paga o salário dos dois, não pode deixar de lembrar que está pagando bem mais do que já se pagou um dia. Essas tensões adicionam mais ingredientes e problematizam a tentativa de união dos trabalhadores.

Se o marxismo tradicional falhou ao tratar da questão negra – e isso é fato – é verdade também que isso deu a ele uma potente aparência de universalidade ensaiada no *Manifesto Comunista*. A razão pela qual o marxismo negro se instala (a falta de correspondência entre a proposição da exploração e os vazios de representatividade das minorias representadas) é fato incontornável para quem pretende pensar o arcabouço de valores morais que sustenta o sistema capitalista. As produções teóricas do marxismo negro precisam, então, manter-se como um pêndulo, ora se aproximando do seu objeto – o explorado negro – denunciando sua condição, apresentando-se para combater ombro a ombro o que o oprime, ora se afastando dele em nome de um diálogo mais amplo, que dê conta de explicar a razão da exploração. Não há como ocupar os dois espaços ao mesmo tempo. Não é por outra razão que o marxismo negro se manifesta com força nas comunidades negras. E não é por outra razão que é praticamente invisível em seminários, colóquios e congressos do pensamento marxista amplo, predominantemente caucasiano. Sua existência, ao mesmo tempo em que comprova o vazio anterior, fabrica, ao

ocupar esse vazio, uma insuficiência reflexiva, pois não possui capacidade capilar nas instituições acadêmicas. Dentro de certa economia teórica marxista, o presente, que deveria ser de ação, *de práxis*, torna-se a ponte enfadonha, o caminho modorrento que leva ao futuro perfeito da utopia¹⁵. Neste cenário, toda denúncia, todo lamento das minorias é recebido com reações de tédio, expressas em frases como: “Já sabemos disso, é o processo de exploração.” Passado e presente ganham a mesma carga: capitalismo ontem, capitalismo hoje, e socialismo amanhã. Como o capitalismo é considerado a fonte de qualquer mal, tudo o que ocorre de ruim sucumbirá quando ele for destruído. Essa posição outra coisa não é senão a transformação do potencial revolucionário dos trabalhadores em religiosidade secular, em uma crença numa metafísica trabalhista, um reino dos trabalhadores que tem, não por acaso, aspecto e vocação para uma inebriante promessa eternamente adiável.

Apesar das formulações do marxismo negro terem, evidentemente, derivado do marxismo tradicional, o próprio Marx foi pouco presente nas questões étnicas. Nas vezes em que citava a etnia, o fazia com o intuito de mostrar as implicações sociais e a necessidade de levar em conta suas implicações políticas. Assim, construiu-se um tipo perigoso de tradição gentil para com o racismo como modo de pensamento e ideologia. Na medida em que ele era o fruto de uma sociedade com imperfeições profundas, o único caminho para sua erradicação era a destruição do sistema que o gerava. Como resultado óbvio, tinha-se uma comunidade intelectual que pouco se preocupava com o tema, pensando que ele iria resolver-se por si só, no tempo certo. Essa utopia da superação racial flertava com um tipo particular de indiferença social, na qual

15 Como se vê, Morin possui companhia na interpretação do marxismo como uma bíblia teórica.

estavam mergulhados grandes pensadores da esquerda estadunidense¹⁶.

Marx subestimou a força do racismo em sua forma mais concreta. Na ideologia burguesa, o racismo não é apenas o resultado da organização social dos poderes econômicos. O racismo é frequentemente mais do que isso, é um dos pilares de sua sustentação. Na prática, o fim do racismo não é o fruto natural de uma sociedade onde as bases econômicas são mais racionalizadas. Embora sua origem seja, sem dúvida, econômica, sua extinção não pode ser empreendida através de transformações meramente econômicas. A ideologia não é uma lâmpada a qual se pode acionar com um interruptor, a ligá-la e desligá-la quando necessário.

A questão ideológica na sociedade burguesa – e de suas implicações nas lutas da classe trabalhadora – adquiriu então aspecto de centralidade no debate marxista. Em uma interpretação predominante no marxismo ocidental (considerando o pensamento gramsciano, por exemplo) o socialismo seria edificado no seio de uma sociedade sem classes, onde a própria tensão social desaparecia. Em Laclau & Mouffe essa possibilidade aparece interdita, porque, segundo os autores, a democracia pressupõe a manutenção de elementos em desacordo. A luta política, para se configurar como espaço de exercício das experiências históricas dos seres humanos, não pode abrir mão de seu caráter de transformação contínua. Não por outra razão Laclau & Mouffe foram apontados como autores "pós-marxistas", interessados em reformar as estruturas sociais capitalistas em vez de aboli-las. Em seus trabalhos individuais sobre estrutura social, Laclau chega a advogar que o mundo não se deixa

16 "I have investigated the failed efforts to render the historical being of black peoples into a construct of historical materialism, to signify our existence as merely an opposition to capitalist organization." ("Tenho pesquisado sobre os esforços fracassados na tentativa de tornar o ser histórico das pessoas negras uma construção do materialismo histórico, em significar nossa existência como uma mera oposição à organização capitalista.") ROBINSON (2000:21).

governar por apenas uma lei fundamental. Assim, a premissa de que a luta entre classes seria o motor da história ou mesmo a evidência de que a economia goza do protagonismo não passam de mitos para ele. O sistema não possuiria epicentro. E, sem epicentro, não há estratégia de combate que possa, unicamente, desintegrá-lo. A maior parte dos marxistas, entretanto, localiza o centro do capitalismo como sendo o do processo histórico de exploração do trabalho alheio. Eagleton, por exemplo, acredita em uma espécie de universalidade da sede exploratória do capitalismo, que escravizaria tanto homens quanto mulheres, tanto programadores do Google quanto funcionários do departamento de limpeza pública.

Se é verdade que o capitalismo já não tem preferências quanto aos excluídos, também é verdade que o pagamento da exploração é historicamente menor para aqueles que pertencem a minorias que ostentem um histórico de exploração. Assim, não é de espantar que, se é fato que o capitalismo não exclui os homens da exploração, é fato também que ele oprime de maneira mais grave as mulheres. De resto, o sistema, que não hesita em explorar um trabalhador branco, paga melhor a ele do que pagaria a um negro na mesma função.

Por essas razões, não basta apenas uma acomodação no conteúdo econômico para abarcar a interpretação do negro nas sociedades capitalistas. É preciso um programa específico, um esforço teórico que se debruce sobre as consequências sociais da exploração das explorações raciais. Não é garantido que o marxismo negro seja capaz de alcançar esse objetivo, mas, até o momento, ele é a ferramenta mais eficiente à disposição dos que desejam fazê-lo.

Quando, ainda no começo do século XX, o comunismo abordou o problema social do racismo, a primeira questão proposta foi sobre o *status* do negro em uma sociedade marcada pela segregação racial. No sentido social,

ainda que a escravidão houvesse sido abolida, havia, na prática, muitas semelhanças entre a condição de um escravo e de a um negro agricultor na parte sulista do país¹⁷.

As reflexões de teóricos como Herberg deixaram evidente que há, para os negros, um problema adicional ao problema da restrição econômica. É uma espécie de problema derivado, uma forma de efeito colateral do já danoso sistema de hierarquização social proposto pelo capitalismo. O esforço em criar o consenso de que a escravidão dos negros não era fruto de um desejo irracional, mas, antes, de uma necessidade econômica, tem reflexos na organização social atual. Ocultar o componente de incivilidade dos processos sociais era fundamental para garantir a manutenção da crença de que o sistema era racional e, portanto, imune a crises. Nesse processo procurou-se produzir explicações racialistas que davam conta de legitimar a escravidão. Essas explicações residiam no campo semântico do esforço de certa naturalização da força de trabalho dos negros. Assim, sua exploração não passava do inteligente uso das forças da natureza, algo que não era novo e tampouco reprovável. Por essa razão, dedicou-se tanto tempo ao convencimento de que os negros eram nada mais do que animais localizados um pouco acima das mulas, mas muito abaixo dos seres humanos.

Em um documento oficial da Secretaria de Assuntos de Governo de Hispaniola, datado de 1518, um funcionário pede que "seja dada permissão para trazer negros, raça robusta para o trabalho, em vez de nativos, tão fracos que só podem ser empregados em tarefas que não exijam resistência, como

17 "In the South, the Negro peasant is practically a serf; in fact his status is substantially no more than a modified form of the slavery of former days". ("No sul, o negro camponês é praticamente um servo. Na verdade, seu status não é substancialmente maior que o de um escravo de tempos atrás"). (HERBERG, Will, "Marxism and the American Negro" in SUNDQUIST, Eric. **Cultural Contexts for Ralph Ellison's *Invisible Man***. Bedford Books, Boston, 1995, p.199).

cuidar dos sítios ou dos milharais (WILLIAMS, 2012:32).” Há, portanto, na literatura especializada em história da escravidão, uma certa fetichização do índio, descrito muitas vezes como incapaz de suportar o trabalho insalubre das *plantations*. Ironicamente, essa suposição de que o índio era incapaz de suportar o trabalho não se tornou uma prova de que o trabalho escravo era inumano, mas sim de que aqueles capazes de fazê-lo tinham obrigatoriamente de sê-lo. Formava-se uma perversa lógica através da qual os escravos eram enviados para um trabalho simplesmente porque podiam suportá-lo. E suportavam porque, afinal, essa era a única maneira de viver.

Mais tarde, essas tentativas de influência nas relações sociais criaram marcas reconhecidas facilmente nos baixos índices de empregabilidade dos negros em postos de comando e na necessidade de criação de sucessivas políticas públicas de reparação e de ação social afirmativas. Ora, a crença de que os negros não são aptos ao trabalho intelectual encontra sua sustentação na raiz do trabalho escravo: sempre braçal. Em ampla medida, foi daí que derivou o pensamento de que o negro, tal qual um animal de tração, servia muito bem ao propósito de trabalho físico, mas não deve ser considerado a melhor opção para cargos que demandem atividades cerebrais. Quando o marxismo tradicional pensa a escravidão como uma etapa econômica já ultrapassada, ele deixa de levar em conta as consequências desse processo. Trabalhadores brancos e trabalhadores negros são iguais em muitas coisas, mas não são iguais no que diz respeito a serem brancos e negros. E se essa distinção fenotípica é importante para as sociedades, ela deve ser também importante para o marxismo, pois não se muda uma sociedade sem entender o funcionamento do que nela se pretende mudar.

No caso do marxismo negro, a operação implica em não apenas

tomar a escravidão como sendo uma etapa indispensável da produção de riqueza e da apropriação desta pela classe dominante. É preciso colocar a opressão dos negros, o horror da escravidão, como parte central do debate da história econômica. Sai o raciocínio mecanizado, entra a economia política negra. O marxismo negro é, portanto, uma visão do marxismo pensada e refletida através da história social dos negros. E uma visão da história dos negros pensada e refletida pelo marxismo. Sob outro aspecto, igualmente importante, o materialismo histórico – motor teórico do marxismo – é absolutamente fundamental para a tarefa de reversão do processo de apagamento da história, da cultura, do passado e da materialidade da existência dos negros. O continente africano sempre foi descrito como um imenso deserto. Os negros eram tidos como representantes da desolação e da barbárie. Enquanto os brancos tinham a música, os negros tinham o barulho. Enquanto os brancos tinham a religião, os negros tinham a superstição. Então, a primeira tarefa dos teóricos materialistas negros foi reconstituir um modelo de história do negro, porque, afinal

[...] o que deve fazer o intelectual negro? Possuir uma “consciência crítica” refinada e dolorosa e calar-se, para “não agravar os problemas”? Ou impor-se o dever de dar combate tenaz ao nosso modo de ser, ambíguo e covarde, de afirmar uma democracia racial que não existe, de tolerar o preconceito de não ter preconceito, de silenciar “para não piorar as coisas”? O intelectual “branco”, por sua vez, deve ficar surdo e mudo, submetendo-se a um código racial hipócrita e dilacerante? (FERNANDES, 1989:25).

Esse foi o primeiro passo para desmontar a lógica de desidratação das cargas culturais dos negros: reconstrução histórica crítica, através da adoção de uma postura política de engajamento intelectual. A escravidão havia retirado

dos negros sua noção de território, de identidade e de pertencimento¹⁸. A estratégia escravocrata fabricava, assim, com o cuidado cínico que lhe era comum, o argumento que usaria no momento seguinte: não são seres humanos, não possuem país, história, território. Du Bois, espécie de avô teórico do marxismo negro, em um artigo intitulado *Socialism and the Negro Problem*, publicado na *The New Review: a Weekly Review of International Socialism*, em fevereiro de 1913, refletiu sobre as soluções propostas pelo socialismo e o diagnosticou como o único instrumento que os negros teriam, naquele momento, para começar a reconstrução de suas identidades destroçadas pela exploração. Apesar disso, a história da esquerda não está naturalmente ligada à luta dos negros. Em grande parte, os negros eram vistos como vítimas de uma história cruel e de um processo de exploração. Dessa maneira, era particularmente difícil encontrar pensadores que fugissem dessa dupla concepção (a de que os negros não tinham culpa daquilo que eram e de que somente através da esquerda seria possível retirá-los dessa condição). Essa articulação não servia para eliminar o racismo, uma vez que trazia em seu bojo a concepção de que os negros eram um tipo de grupo homogêneo, igualmente marcado por privações materiais e condutas históricas que o tornaram algo desprezível. Em grande parte, direita e esquerda discordavam do remédio, mas concordavam com o diagnóstico.

Essencialmente, o que há de relevante no socialismo aplicado à causa negra é que os indivíduos negros são marcados por traços físicos inapagáveis. Ainda que enriqueçam, ainda que se mudem, ainda que deixem Luanda e se

18 “No entanto, a despeito de todas as explicações ideológicas, o homem negro teimosamente insistia em conservar suas características humanas, só restando ao homem branco reexaminar a sua própria humanidade e concluir que, neste caso, ele era mais do que humano, isto é, escolhido por Deus para ser o deus do homem negro. Era uma conclusão lógica e inevitável do caminho da radical negação de qualquer laço comum com os selvagens” (ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.280).

mudem para o lado oeste de Notting Hill, ainda que ostentem títulos acadêmicos, carros esportivos e expressões idiomáticas sofisticadas, serão sempre testemunhas de uma diferença, pagarão por ela e serão chamados a explicar seu deslocamento, sua localização irregular, sua história pregressa que supõe humilhação e não triunfo, submissão e não prestígio. Para o negro, a cooptação nunca é definitiva, nunca é completa. Seu próprio corpo é a prova pública de sua origem, embora haja, é claro, dentro do grupo étnico negro, inúmeras variações fenotípicas, inúmeras cores.

Quando se propõe a descoberta da relação entre a predominância de uma determinada cor nos contextos de pobreza, toma-se a direção rumo à desnaturalização dos processos socioeconômicos. Contudo, a hegemonia, afinal, quando atacada, não se furta a responder utilizando seu arsenal de resistência às mudanças. Não é à toa que os regimes capitalistas sempre enfatizaram os indivíduos como frutos de suas próprias capacidades e de seus próprios erros, sem qualquer peso do contexto histórico no qual nasceram, nem dos elementos sociais que os cercam. E não é por outro motivo que a literatura de massa afro-americana está cada vez mais preocupada em estufar a noção de “fique rico ou morra tentando”, fazendo com que a condição dos negros dialogue com o espírito americano do trabalho e do progresso, fazendo com que os negros do século XXI entendam suas lutas como as mesmas de todos os homens que já pisaram na Terra, independentemente da cor. O que convenientemente se esquecem de mencionar, por certo, é que as condições para negros e brancos não foram apenas levemente diferentes do ponto de partida, mas total e propositadamente diversas. O capitalismo, como sistema que aceita, assume e entende as explorações como fatos sociais inevitáveis de um sistema de vencedores e vencidos, não poderia oferecer ao negro nada além de uma

promessa de liberdade individual, localizada em um plano limitado e celular, que dependia de uma série de condições sociais favoráveis que, improvavelmente, podem reunir-se ao seu redor para que sua capacidade pessoal seja suficientemente volumosa a ponto de fazê-lo vencer a condição social marginal de seu ponto de partida.

Por fim, o problema conceitual é: o que resta do pensamento marxista no *black marxism* que o permita chamá-lo, ainda, de marxismo? E, o que me parece ainda mais relevante, o que falta no marxismo comum a ponto de ser necessária essa nova reflexão, intitulada marxismo negro? A resposta, ainda provisória, é que não se pode ser, a um mesmo tempo, caminho e caminhante, ferrovia e locomotiva. A dialética marxista não apenas prevê a reflexão do marxismo como também uma reinterpretação de si, porque sua preocupação é com a resolução dos problemas reais dos seres reais. E os problemas mudam de acordo com a dinâmica das sociedades e com a ação histórica dos seres. Assim, acredito que o marxismo negro é um desmembramento teórico que comprova a eficiência de um modelo de pensamento que permite rever a si próprio sempre que suas armas se mostrem insuficientes para seus propósitos. É possível dizer que, para tomar de empréstimo uma metáfora brasileira, o marxismo negro está dentro do marxismo tradicional tal qual a fruta está dentro da casca¹⁹. Assim, o marxismo negro é o arcabouço teórico mais adequado a esse enorme esforço de desfazer o apagamento da história negra e resgatar o peso de sua materialidade na constituição de estratégias antirracismo, hoje em dia. O que inegavelmente o

19 Há, no marxismo negro, um princípio de vingança conceitual, de revide, de resistência, de combate que não seria possível sem o espírito materializado no manifesto Comunista e nas sustentações teóricas realizadas ao longo da extensa produção bibliográfica de Marx e, é preciso sempre lembrar, também de Engels, de que os oprimidos não têm outra coisa a perder senão seus próprios grilhões. Para os que descendem de escravos, não haveria metáfora mais poderosa.

marxismo ofereceu à causa negra – reconhecendo como “causa negra” os esforços que negros e brancos lançam mão para erradicar as injustiças raciais – não foi, contudo, um modo de reorganização, mas sim uma proposta de recuperação histórica que faz da escravidão uma ocasião e não um princípio de natureza. O marxismo, em seu peculiar modo de desnudar as intenções das classes, desfez o velamento ideológico que sustentava o racismo. Isso não equivale, evidentemente, a dizer que ele eliminou o racismo das sociedades que o implantaram (supondo que tenha havido, realmente, sociedades socialistas), mas sim admitir que pelo menos a explicação econômica pretensamente neutra se tornara impossível. O marxismo negro em sua melhor forma não é um evento de adulação, mas de reflexão. Em sua pior versão, retira do debate uma possibilidade de identificação das lutas dos negros como epicentros das mudanças, recuperando indícios que permitam resposta às questões fundamentais de toda reflexão histórica: quem fez o quê, a quem e por quê?

1.1 A mercadoria em preto e branco

Existe um tipo fundamental de alienação que marca o trabalho dos negros na história: os benefícios produzidos pela sua própria atividade produtiva não permaneceram com os negros²⁰. Enquanto escravizados, eles eram mercadorias que geravam mercadorias, produtos que possuíam a capacidade de se reproduzir por mitose social. A mercadoria é, ao mesmo tempo, núcleo e representante do capital. E, como tal, oprime os indivíduos, através de sua capacidade de disseminação e dissolução através do uso. Ela toma a forma material não apenas em objetos de consumo, mas também em instrumentos de registro. Os acervos de documentos de cultura formal, os museus, as casas de cultura, as bibliotecas, não apenas operam como depositários, como guardiões de uma história particular daqueles-que-possuem-muito, mas como presença ofensiva que reafirma a separação entre eles e aqueles-que-sentem-não-possuir-nada. Por essa razão, a ascensão das classes oprimidas começa com uma vertiginosa busca aos objetos de consumo e de ostentação²¹. Trata-se não apenas de uma conquista simbólica, mas de uma tentativa de revide da primeira em relação à segunda. A lista de mercadorias a serem adquiridas é enorme e está em constante mudança. Até que seja

20

O sistema legal beneficia as ideologias dominantes porque ele é, em si próprio, a ideologia dominante. Enquanto o Estado garantiu terras para os imigrantes europeus, impediu que os negros possuíssem o mínimo direito de sua liberdade; enquanto os indivíduos brancos eram convidados a produzir em suas próprias lavouras, os indivíduos negros eram trazidos para trabalhar nas lavouras de outros. Por isso: "[...] o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições coletivas são mediadas pelo Estado, adquirem por meio dele uma forma política. Daí a ilusão, como se a lei se baseasse na vontade e, mais ainda, na vontade separada de sua base real [*realen*], na vontade livre. Do mesmo modo, o direito é reduzido novamente à lei" (MARX & ENGELS. Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007, p.76).

21 No Brasil, os fenômenos da nova classe C, e o surgimento do funk ostentação são exemplos eloquentes disso.

completada, já estará obsoleta. Dispositivos eletrônicos que hoje são fundamentais estão em posição de saída em uma fila de superação tecnológica. Hibernam produtos para o futuro. Em um pensamento capitalista, uma clara comprovação da vitalidade do sistema. Em um pensamento anticapitalista, uma evidente demonstração da irracionalidade dos meios de produção. A questão do consumo não é apenas a questão ortodoxa da relação de desejo e de aquisição, de oferta ou de procura. É, por óbvio, bem mais que isso. Marx estava convicto das separações das dimensões do desejo e da necessidade. E não foram poucos os que investiram nessa linha de pensamento. Ainda hoje há pensadores marxistas que acreditam que basta desfazer a ilusão dos poderes da mercadoria que tudo estaria resolvido. O fetiche da mercadoria seria uma artimanha pronta a ser desfeita, como uma crendice oriunda das sociedades em fase de pensamento mágico. Mas não é a confiança de que a mercadoria de fato possua valores que supostamente se atribui a ela o que atrai os consumidores à mercadoria. Não é que o proletariado sonhe com um carro esportivo porque de fato acredita que será, no momento de sua aquisição, melhor *por causa* dele, mais bonito, mais inteligente, mais respeitável. Esse pensamento, indulgente com as massas, tem em como principal problema a ineficiência de sua elaboração. As massas não consomem o que o mercado sugere porque acreditam naquilo que o mercado propõe, mas porque, antes, acreditam que professar a fé no mercado é importante para que o restante da sociedade os veja como partícipes dela. Assim, não é que o proletariado tenha se dirigido à concessionária disposto a empregar centenas de horas de seu trabalho na troca de um motor à combustão envolto por um monte de aço carbono, polietileno e elastômero. Ele não acredita em nenhuma das características mágicas, em nenhum fetiche da mercadoria carro. O que ele pretende é utilizar o carro como

um selo de reconhecimento que permita aos outros o verem como alguém inserido positivamente na cadeia econômica. Ostentar é sempre o exercício de mostrar sem solicitação aquilo que se tem²².

Entre chassis e corpos escravizados não havia diferença: negros eram usados para ostentar riqueza, de modo que qualquer dispositivo moral se reproduzia já de saída: vergonha era não ter escravizados para si.

Já em 1944, na publicação de *Capitalismo e escravidão*, Eric Williams apontava o protagonismo da escravidão nas sociedades capitalistas. Sua conclusão mais pungente (a saber: que a escravidão é um fenômeno econômico, que tem como o racismo seu sucessor e não seu causador)²³. Portanto, o sistema de escravidão negra já estava construído e funcionando. Os negros ocuparam postos que eram do sistema. Eles não foram arquitetados especialmente para eles.

Eis aí, portanto, a origem da escravidão negra. A razão foi econômica e não racial. Não teve nada a ver com a cor da pele do trabalhador e sim com o baixo custo de mão de obra. Comparada ao trabalho indígena e branco, a escravidão negra era muito superior. (...) As feições dos negros, cabelo, cor e a dentição suas características “sub-humanas” tão amplamente invocadas, não passaram de racionalização posterior para

22 Sem dúvida, Bourdieu já abordou exaustivamente – e com mais sucesso – esse aspecto. Vale ressaltar, ainda, que boa parcela do marxismo ocidental possui a presunção de que toda suposição de inteligência do proletariado é, na verdade, uma estratégia íntima de adulação, com o objetivo secreto de cooptá-lo para uma opressão ainda mais severa. Tal acontecimento não passa de indiferença social disfarçado de exercício crítico.

23 “Quando se adota a escravidão, não se trata de uma escolha em detrimento do trabalho livre; simplesmente não há escolha. As razões da escravidão, escreveu Gibbon Wakefield, 'são condições não morais e sim econômicas; dizem respeito não ao vício e à virtude, mas à produção'. Com a população reduzida da Europa no século XVI, não haveria como prover a quantidade necessária de trabalhadores livres para uma produção em grande escala de cana-de-açúcar, tabaco e algodão no Novo Mundo. Por isso foi necessária a escravidão; e, para conseguir escravos, os europeus recorreram primeiro aos aborígenes e depois à África” (WILLIAMS, Eric. **Escravidão e capitalismo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2012, p.33).

justificar um fato econômico simples: as colônias precisavam de mão de obra e recorreram ao trabalho negro porque era o melhor e o mais barato. Não era uma teoria; era uma conclusão prática extraída da experiência pessoal do fazendeiro (WILLIAMS, 2012:51).

Talvez haja nisso uma crítica da alienação da cor. Os negros passam a ser acidentalmente negros. Subtrai-se a origem de seus traços fenotípicos dominantes porque se deseja, em última instância, ocultar o crime de seu sequestro. O escravo é, a um mesmo tempo, mercadoria e força de trabalho. Ele não pode vender sua força de trabalho, pois não é dono dela. Não pode colocar-se à disposição de outra atividade. Não pode evadir-se. Não apenas é propriedade do seu senhor como também é transmitido como um bem através da sucessão. Quando da morte do senhor, faz parte do espólio, não de suas relações. É certo que o capitalismo eliminou a escravidão. E é certo também que ele garantiu uma série de liberdades antes inexistentes. Isso nunca foi negado. O que é relevante para esta tese é que ele realizou essas coisas como efeitos colaterais tolerados de um fluxo de ação e não como medida fundamental. Entre os interesses dos senhores e os interesses de expansão do sistema econômico, venceram os interesses do sistema. Os escravos sumiram. Todos viraram trabalhadores remunerados. Quando se flagra uma situação de trabalho análoga à escravidão, o combate é realizado com indenizações, que provocam o indenizado a monetizar seu sofrimento e injetar ainda mais combustível no motor que o ofendeu. Evidentemente, o capitalismo devolve o capital como uma tentativa garantida de sedução das forças que se opõem a ele, uma vez que

(...)é da natureza do capitalismo confundir distinções, desmontar hierarquias e misturar, da forma mais promísqua possível, diversas formas de vida. Nenhuma forma de vida é mais híbrida e pluralista.

Quando se trata de quem deve ser explorado, o sistema é admiravelmente igualitário. É tão anti-hierárquico quanto o mais pio pós-modernista e tão generosamente inclusivo quanto o mais honesto vigário anglicano. Anseia por não deixar rigorosamente ninguém de fora. Onde houver lucro a obter, negros e brancos, mulheres e homens, crianças e idosos, bairros em Wakefield e aldeias rurais na Sumatra serão todos peixes na mesma rede e sujeitos a um tratamento impecavelmente igual. É o sistema mercantilista, não o socialista o grande nivelador. Ao mercantilismo não interessa que escola seu consumidor frequentou ou que tipo de sotaque adota, mas sim, impor de forma precisa o tipo de uniformidade para a qual, como vimos, Marx torcia o nariz (EAGLETON, 2012:136).

Como se vê, contra o risco da união dos trabalhadores levanta-se a sedução de uma realidade onde a economia equalizaria a todos. Esta equalização – confundida com igualdade – é de fundamental importância quando se considera as reações burguesas aos movimentos antirracistas. O pensamento do racismo, que eclodiu no século XIX como uma forma de dar corpo as suspeitas supersticiosas e às diferenciações, não nasce com o capitalismo, mas é através dele que, junto ao crescimento da ideia de indivíduo, vai se desenvolver.

Na fronteira da reflexão proposta aqui, está o entendimento de que a exploração da vida humana – e não apenas de sua força de trabalho considerada em seu sentido restrito – é hoje o motor do capital. Esse limite se transforma em um ponto de partida porque, ao alongar a crítica ao sistema, chega-se a uma conclusão elegante, porém enganosa, de que os negros foram escravizados pelo sistema econômico, e não por seus exploradores. E, assim, nessa reflexão avançada, não faria mais sentido falar em negros e brancos. E sim em explorados sem cor e exploradores sem preferências étnicas.

Esse conflito axiológico está claro, por si

mesmo não impede a continuidade do privilégio, negado em um plano, mas confirmado em outro. A ordem social competitiva oculta-o, atrás de abstrações econômicas e sociais, convertendo-o, porém, em um de seus princípios ou forças integrativas. Contudo, o conflito axiológico aumenta a visibilidade negativa do privilégio, ao mesmo tempo que fornece fundamento moral e legitimidade política a várias modalidades e percepção crítica e de opção ao privilégio (FERNDANDES, 2007:290).

A tal *visibilidade negativa do privilégio* a que Fernandes se refere se insurge através das narrativas de contra-racismo acidentais ou voluntárias. A adulação do indivíduo tornou-se tão severa que mesmo aquilo que se coloca como artífice de sua crítica possui uma imensa carga de elogio a ele. As críticas constantes em nome da massa que, manipulada, perde sua capacidade de decidir, não passam de um modo tacanho de justificar o próprio processo de abdicação da consciência. Ora, a força coercitiva dos sistemas não pode ser utilizada como bode expiatório para aquilo que, na verdade, tem origem na própria pulsão opressora de alguns indivíduos. Ao mencionar que certas classes são manipuladas por outras não se pretende a denúncia da classe manipuladora, mas o alívio da classe pretensamente manipulada. Em ampla medida, esse exercício serve a todas as classes. À alta, quando se vê frente a um governo visto como opositor ao que ela pretende; à média, que acredita que detém para si o monopólio da potência da revolução; e à baixa, que seria absolvida de seu papel revolucionário porque está condenada a uma manipulação infundável. As massas manipuladas são, afinal, consideradas, de partida, absolvidas, como se para perder sua própria capacidade de decidir não tivessem que, antes, abdicar conscientemente dela. Além da adulação ao indivíduo, porque a crítica à massa não passa disso, de uma forma de rendição ao império do individual, essa operação tem como objetivo tornar mais simples

o processo político. A simplificação pretende fazer crer que há manipulados inertes e manipuladores ativos. E de que não se trata de um sistema de manipulação coeso, mas sim da soma de inúmeras ações manipuladoras individuais.

Contudo, o fato de os seres humanos construírem sua própria história não os faz independentes ou poderosos ou sequer capazes de alterar as condições sob as quais eles são convidados a fazer sua história. O sentido de história aqui se aplica muito mais ao modo ordinário de se viver do que propriamente a algum projeto ideológico. Mais além, no mesmo texto, em um melancólico tom, Marx argumenta que a tradição das gerações passadas pesa no cérebro dos vivos. O peso dessa herança dificulta a transformação da sociedade e equivale a uma âncora deitada a impedir o movimento de um navio. No atual desenvolvimento do sistema capitalista, os agentes sociais se camuflam e se confundem, a ponto de o próprio mercado apresentar-se todo como um corpo sem coesão, encenando uma caoticidade calculada, que encobre sua real organicidade.

1.2 Marxismo negro x Estudos culturais

Relevantes críticas tem sido feitas contra os Estudos Culturais ao longo das últimas duas décadas. A principal consiste em acusar seus pesquisadores de estarem contribuindo significativamente para a desidratação sociológica dos objetos que se dispõem a analisar. Os Estudos Culturais estariam, assim, inflando cada vez mais um processo de propaganda do ineditismo que favorece a interesses publicitários e agrada muito aos autores dessas produções, mas que ajuda pouco a compreender suas obras. No caso

específico de romances escritos por autores negros, poderia ocorrer uma perversa celebração da existência dessas obras, utilizando acidentalmente um tipo de argumento carregado de um bem intencionado racismo, no qual a obra vale justamente por ter sido escrita por um negro e não pelo que foi escrito por esse indivíduo específico, como se a mera existência da autoria de negros representasse, por si só, um motivo de comemoração, tal qual o que acontece aos pais a testemunharem os primeiros passos de seus filhos ou àqueles vídeos caseiros, visualizados à exaustão no ambiente digital, onde cães são incitados a tocar piano sob a torcida entusiasmada de seus donos²⁴.

Não é, contudo, responsabilidade dos Estudos Culturais (E.C) que certas rotinas interpretativas tenham resultado em politicamente confortáveis exercícios de simulação de reconciliação entre classes. Os E.C., ainda que privilegiem objetos incomuns, vilipendiados pela crítica ortodoxa, possuem origem dentro da hegemonia, de onde partem até a periferia, a fim de ouvir as aflições daqueles que lá habitam. Contudo, quando se trata de um livro sobre um protagonista negro, escrito por um autor negro, analisado por um pesquisador negro, é desejável diversificar a compreensão crítica com teorias mais exógenas, porque não é preciso realizar o espetáculo da compreensão dos oprimidos e, afinal, entre iguais, não parece razoável padecer de qualquer tipo de constrangimento nas abordagens. Não é preciso voltar-se para os excluídos quando se é um deles; basta um espelho e alguma coragem teórica. Eis a verdade única da opção pelo marxismo negro em detrimento dos E.C. Em sua crítica sobre a multiplicidade dos estudos (*cultural studies*, *african american studies*, *queer studies* e todas as suas variações) Fabio Durão denuncia o caráter

24 “É interessante observar aqui a função semântica desse processo de adjetivação, que põe em cena uma transformação dialética de conteúdo em forma. Porque o substantivo “studies” na realidade funciona como um significante vazio, cujo significado acaba sendo a própria instauração de uma disciplina” (DURÃO, 2011:14).

vazio do significante *studies*, que tem tido como função nada além do que a própria instauração do campo (DURÃO, 2011:14). No caso dos estudos afro-americanos, o sentido da instalação dos departamentos dedicados a eles segue a lógica das ações afirmativas e tem consonância direta na tentativa de aumentar o acesso das minorias à universidade, tornando-as analistas de si mesmas.

Essa perda de distanciamento em relação ao objeto, originadora de um desejo de práxis que só pode ser visto com bons olhos, diferencia a Teoria daquela outra, a da tradição filosófica, a *theoria* aristotélica, puramente contemplativa e dissociada das outras formas de agir e pensar (DURÃO, 2011:17).

Em outro aspecto da crítica, mas percorrendo a mesma trilha crítica, Bill Readings, em *University in Ruins*, aponta para o fato de que os Estudos Culturais não são um problema para a universidade e sim da universidade, no sentido que eles não foram criados a partir de uma pressão social para a inclusão de objetos estranhos à sua tradição, mas que representaram um movimento de rendição voluntária da universidade a um espírito de valorização das audiências e de tentativa de sedução de grupos que não demonstravam qualquer interesse nas reflexões que nela se produzia²⁵.

25 "The human can do what they like with the culture, can do cultural studies, because culture no longer matters as an idea for institution. (...)The call to move beyond the outside Academicism is not a response to an act of repression *by* the University; it is a response to the repressed *of* University itself. To put it in another way, the lesbian and gay, african-american and feminist movements are different in that neither their genesis nor their goals are essentially linked to the University (though the recent emergence of Queer Theory can, I think, be seen as an attempt to academicize Gay and Lesbian Studies and in just that way)." (Os seres humanos podem fazer o que quiserem com a cultura, podem fazer estudos culturais, porque, para a instituição, a cultura não interessa mais como ideia. O convite a mover-se para fora do academicismo não é uma resposta ao ato de repressão sofrido pela Universidade; ela é uma resposta à repressão produzida pela própria universidade. Em outras palavras, os movimentos feministas, os movimentos gays, os movimentos lésbicos, e os movimentos afro-americanos são fenômenos diferentes, afinal, nem seus objetivos nem mesmo suas origens estão ligadas à universidade (embora o recente surgimento da Teoria Queer possa, acho, ser visto como uma tentativa de academicizar os estudos LGBT.) (READINGS, Bill. **The University in Ruins**. Cambridge: Harvard University Press, 1997, p.91).

Tais departamentos nascem de um diagnóstico de falência dessas instituições no que diz respeito à abordagem de temas que precisam garantir e preservar. A criação de um departamento garante verbas, editais, rotinas de ocupação de temas que, de outra maneira, parecem obter pouca atenção de instituições tradicionais. Por outro lado, esses mesmos departamentos parecem evidenciar o isolamento de suas temáticas e funcionam como uma limitada celebração fetichista das diferenças étnicas.

O problema torna-se ainda maior quando a especificidade de um objeto se coloca como empecilho para se pensar o todo, para elaborar um pensamento que seja capaz de articular propostas amplas de reflexão teórica. A questão é que grande parte dos *black studies* se tornou uma autorização para se pensar qualquer coisa sob uma ótica pretensamente negra, ainda que o resultado dessa reflexão não tenha qualquer relação com a etnicidade em questão. Ainda para Durão, os Estudos Culturais produzem um problema implosivo na medida em que estabelecem que tudo é cultura, e onde tudo é uma coisa, evidentemente, perde-se a capacidade de se encontrar e se discernir esse *tudo* do restante. Eis o retorno da velha verdade intransponível da diluição das coisas pelo excesso. O conceito sem seu contrário, a ideia sem seu oposto, passa a representar um problema que outra coisa não gerará senão seu próprio desaparecimento²⁶.

Através dos Estudos Culturais tornou-se possível estudar a presença de Kafka em Jack Bauer ou mesmo a estrutura patriarcal em uma telenovela

26 “Muitos dos pesquisadores, nos EUA, que se voltam para os excluídos possuem as melhores intenções, mas isso não impede que o sistema funcione como máquina produtora em seus aspectos de produção – pelo contrário, a boa consciência incentiva que se trabalhe mais horas e se produza mais rápido. A concepção de cultura para os Estudos Culturais adequa-se perfeitamente a isso, pois se trata de uma ideia sem alteridade. Quando tudo é cultura, não há esfera alguma que possa funcionar como seu outro” (DURÃO, 2011:71).

brasileira. Por uma perspectiva generosa, trata-se de uma liberação de uma importante possibilidade de iluminação de objetos que, antes vilipendiados, podem agora ser vistos em toda a dimensão de testemunhos de sua época. Por uma perspectiva rigorosa, trata-se de um processo de equiparação da cultura dos oprimidos com a dos opressores, não ressaltando sua real relevância (o que foi feito com bastante ênfase por Raymond Williams e Stuart Hall), mas transformando as politizações em diferenças inerentes ao processo cultural.

Essa visão de cultura tem servido para estabilizar minorias potencialmente revolucionárias. O passado das elites é colocado lado a lado com o passado das classes trabalhadoras como meras práticas típicas de uma cultura ou de outra. A produção das comunidades pobres é celebrada com entusiasmo, porque representaria uma legítima forma de expressão. Essa comemoração torna desnecessária qualquer reflexão transformadora. Em um sentido bastante surpreendente, os E.C. se tornaram um celebrador do estado da cultura, oferecendo o campo das disputas culturais como um substituto das batalhas sociopolíticas.

Em ampla medida, os E.C. procuraram abrir as universidades para objetos de margem, mas em sua ânsia não fizeram outra coisa senão aumentar o poder de resposta à audiência externa sem, no entanto, necessariamente confrontá-la, provocá-la ou transformá-la. Seus nomes mais eloquentes continuam sendo replicados, porém cada vez mais os Estudos parecem servir como confirmadores de que o centro foi achatado, deformando-se em direção às periferias. É nessa deformação que podemos ver as lacunas do enfrentamento político que essa abordagem ostenta. Às questões da cor, por exemplo, mesmo Raymond Williams deu respostas tímidas. Por exemplo:

Williams não trata extensivamente de questões de raça, o que, obviamente não o

torna um racista. Na verdade todo o seu projeto de política cultural está voltado precisamente para a transformação do sistema que sanciona preconceitos. Como se sabe, o racismo contra negros e asiáticos se tornou especialmente evidente na Grã-Bretanha com a chegada dos imigrantes vindos dos diferentes lugares do império e os problemas de sua integração social (CEVASCO, 2001:31).

A questão é justamente esta: a questão racial aparece costumeiramente como um tema menor nas reflexões teóricas ocidentais. O que, se não os torna racistas – é verdade óbvia que não – também não contribui para a luta das etnias. Cumpre saber por que, se os estudos culturais tiveram tamanha disposição para combater os entraves de uma tradição engessada, não apresentaram igual interesse em enfrentar os problemas da hierarquização racial? E por que, afinal, para pesquisadores tão relevantes, o tema étnico é sempre tratado de soslaio com vagas menções a ele.

Cevasco argumenta, com propriedade, em *Para Ler Raymond Williams*, que há extensas preocupações do autor com outras lutas, igualmente relevantes, como a temática feminista. Seu argumento é de que a postura socialista rejeita divisões de raça e nação em favor de um projeto de construção de uma nova identidade, edificada a salvo da classe dominante. A tentativa de colocar a questão racial sempre como integrante de um processo “mais amplo” é, sem dúvida, bem intencionada, mas tem sido utilizada como falsificação, como um modo de adiar o tratamento dessas questões. Surpreende, entretanto, que tantos pesquisadores dispostos a procrastinar o debate racial estejam totalmente interessados no debate feminista. Terry Eagleton, por exemplo, raramente menciona questões de preconceito racial em seus trabalhos, mas sempre

encontra um modo de acenar para os grupos feministas sobre aquilo que o marxismo teria a oferecer. Especula-se que isso se deva à maior penetrabilidade do gênero nas questões sociais. Afinal, um homem branco, uma vez que eventualmente decida tornar-se pai, não pode, ainda que esse seja seu preconceituoso desejo, evitar que seu filho seja um indivíduo do sexo feminino. Já a cor depende de uma combinação de fatores razoavelmente controlados. É impossível prever que uma determinada mulher gere indivíduos do sexo masculino. Contudo, é possível prever, de antemão – através da percepção de seu fenótipo – se ela é capaz de gerar um filho de acordo com a cor considerada, pelo mesmo preconceituoso hipotético do caso apresentado, desejada. O gênero passa a ser, então, um tema de todos, enquanto a cor continua um tema sem sedução alguma, restrito a categoria de um grupo do qual o pesquisador não necessita participar.

O resultado concreto desse desprezo é que o conselho silencioso do marxismo ocidental aos negros tem sido o mesmo durante décadas: sucessivas recomendações de espera, de não-ação. Mais uma vez, conservadores e progressistas possuem a mesma prescrição para o mesmo mal. Diferem somente no diagnóstico. Enquanto os primeiros acreditam na manutenção das diferenças raciais como inerentes às diferenças entre seres humanos – os melhores se destacarão pela competência, independentemente das condições, e quanto melhor forem menos importantes as condições – os outros, progressistas, esquerdistas e um sem-número de entusiastas do desenvolvimentismo social, têm afirmado constantemente – e de forma vergonhosa e particularmente perturbadora para os negros – que o conjunto de reflexões marxistas não pode oferecer a eles outra coisa senão a promessa de um efeito colateral futuro.

Assim, o marxismo negro, grosso modo, se assenta na concepção de que o ponto de partida dos negros conduz mais facilmente a uma perspectiva negra, ao levar em conta o que, de maneira mais evidente, interessa a eles. Isso não significa dizer, convém sempre lembrar, que os Estudos Culturais seriam produtos sem validade teórica. O que está em jogo aqui é que as outras teorias não são suficientemente raciais. E o que não é suficientemente racial não possui força para compreender aquilo que tem sido fundamentalmente definido como racial. Para Raymond Williams, “todo pessoal é político”. Mas para o marxismo negro é preciso que o contrário também seja levado em conta, e isso ocorre somente no momento em que o marxismo negro é levado a julgamento, quando é acusado de ser uma distorção de uma teoria ampla e neutra, uma tentativa de customizar – algo tipicamente capitalista – o que deveria ser universal. Todo político é pessoal.

A proposta desse capítulo não é, portanto, contrapor marxismo negro e estudos culturais, mas elencar as razões para a escolha de um em detrimento do outro. É eloquente a insistência com que os trabalhos dessa área têm repetido o argumento de que a urbanidade de hoje permite um trânsito bastante grande entre as diferentes identidades. E que a economia é uma dimensão superestimada, pois a *verdadeira* experiência humana reside no campo da cultura. Poucos argumentos engendrados atualmente possuem tanta vocação para ser sustentáculo dos sistemas de opressão como este. Por isso, o marxismo negro continua sendo a mais potente e organizada proposta de entendimento das situações sociais que envolvem etnicidade. Ele não está preocupado apenas com o enaltecimento da cultura negra, mas também pretende recuperar a narrativa das tensões existentes entre negros e brancos. Ele não pretende nomear culturas como comportamentos equivalentes. Ele advoga em favor da

manutenção da consciência de uma relação entre a materialidade e experiência cultural, entre privações econômicas e os agentes que as impõem, entre a constituição do solo e o tipo de dança local.

Na direção do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, durante a década de 1970, Stuart Hall encabeçou o período de maior pungência dos Estudos Culturais, o período pelo qual a área é hoje conhecida, compondo um quarteto que, além dele próprio, possuía Hoggart, Williams e Thompson. O predomínio de Hall nas questões negras é resultado do completo desprezo que o marxismo delegou à questão nas décadas de 70 e 80. As guerras em território africano eram encaradas como meras conversões dos negros à causa marxista, enquanto a produção teórica simplesmente se mantinha distante, observando tudo com um entusiasmo discreto, esperando o desfecho inevitável, como se a revolução fosse uma fase de amadurecimento intangenciável da história dos negros. Sua crítica ao marxismo aparece no texto *O problema da ideologia: o marxismo sem garantias*, onde Hall afirma que

(...) o pós-marxismo continua sendo uma das maiores e mais vigorosas escolas teóricas da atualidade. Os pós-marxistas utilizam os conceitos marxistas e, ao mesmo tempo, demonstram a inadequação destes. Aparentemente, eles continuam sentados sobre os ombros das próprias teorias que acabaram de destruir em definitivo. Se o marxismo não existisse, o pós-marxismo teria que inventá-lo para que os “desconstrucionistas” ao desconstruí-lo de novo, tivessem algo mais a fazer. Tudo isso tem garantido ao marxismo uma curiosa qualidade de vida-após-a-morte. Está sempre sendo transcendido e preservado. Não há local mais instrutivo para se observar esse processo do que a própria ideologia (HALL, 2002:293).

Não há dúvida de que essa operação exposta didaticamente por Hall acontece exatamente da maneira flagrada por ele. Também é impossível negar certa manobra diversionista daqueles que se autodeclaram pós-marxistas. Mas falta ainda à sua crítica identificar os motivos dessa negativa. Por que, afinal, importa aos pós-marxistas serem vistos como tais? Qual o poder desses termos *pós* e *marxista* quando colocados juntos? O pós-marxismo, assim como o pós-modernismo, o pós-feminismo e mesmo o pós-colonialismo, tem como objetivo fornecer uma justificativa metamórfica que possa, caso necessário, creditar suas eventuais contradições conceituais ora à superação, ora à tradição do radical em questão.

Quando o pós-marxista se encontra frente a um objeto a que deseja responder com um alinhamento ao capital, atribui sua postura a um estado de superação, de renovação, de evolução, daí a importância do sufixo *pós*. Quando esse mesmo pós-marxista encontra frente a si um objeto claramente oriundo da formação básica dos instrumentos sociais, ele não hesita em utilizar uma nomenclatura clássica da obra marxiana – como classe ou força de trabalho, por exemplo. O pós-marxista é, então, alguém que rejeita as soluções do marxismo, mas apoia seus diagnósticos.

Não há, exatamente, uma oposição frontal entre Estudos Culturais e marxismo negro. O que há é uma diferença de atenção entre o que no primeiro é cultura e o que no segundo é história. Se para os E.C. as práticas suavizam a história, para o marxismo negro a história produz as práticas. Há uma ênfase na configuração da cultura nos E.C., enquanto no marxismo negro jamais se perde o fio condutor entre condição histórico-material e prática social das comunidades. Os E.C. ressaltam as ambiguidades étnicas, o que, por vezes, parece atuar como um suavizador das hierarquizações existentes no meio

social. Ali, não há desigualdade a ser resolvida. Não há hierarquização. Enquanto que, no marxismo negro, não se trata de culturas *dentre* culturas, mas de culturas *sobre* culturas, de práticas opressivas sobre indivíduos oprimidos. Nos E.C. a identidade está solta, independente, descolada das condições materiais, porque, em essência, é móvel, líquida, portátil, maleável pela própria vontade dos indivíduos. No marxismo negro, ela está presa às condições materiais que moldam a consciência. Quando as condições materiais mudam, a consciência muda. Quando o cenário se transforma, o indivíduo se transforma.

Definir os estudos de marxismo negro é bem mais simples do que definir os Estudos Culturais, a multiplicidade de autores e de abordagens torna a área bem mais complexa, e qualquer tentativa de postular um padrão único a autores tão diversos deve ser considerada com reservas. Entre Cornel West e Angela McRobbie há tantas diferenças que faz pouco sentido incluí-los na mesma escola de crítica, embora sejam autores do campo dos Estudos Culturais. West pensa a raça enquanto mito fundador da sociedade norte-americana. McRobbie costumava fazer a crítica do que se convencionou chamar de "movimento pós-feminista". Outro nome digno de nota é Bell Hooks, uma crítica que se notabilizou por possuir uma alta penetração na sociedade civil, tratando de feminismo e do tema da violência como resposta política nas comunidades negras. Seus trabalhos são constantemente criticados por sua forma não acadêmica, pela suposta ausência de notas de rodapé e de referências bibliográficas que possibilitem a seus livros o alcance do *status* de texto científico.

É mesmo em Raymond Williams que as diferenças se tornam mais radicais. Em um artigo intitulado *Base e estrutura na teoria da cultura marxista*, Williams procura descobrir onde a base determinante começa e onde termina a

superestrutura determinada. A empreitada termina por revelar-se uma operação fracassada, uma vez que não existe propriamente uma "cultura marxista." A cultura do marxismo é precisamente a cultura do capitalismo, porque ele existe em resposta a ele, e desaparecerá por completo quando este desaparecer por completo. Onde os Estudos Culturais veem a força dos hibridismos, o marxismo negro vê o vento. Onde os Estudos Culturais comemoram o fim da guerra, o marxismo negro murmura que a guerra não terminou.

2. Ellison em Vermelho

Uma visita à Biblioteca do Congresso, em Washington, depositária legal dos originais de Ralph Ellison, oferece a quem procura por materiais sobre o autor cerca de vinte e nove caixas contendo fotos, documentos e anotações diversas reunidas por ele e por seus familiares até sua morte, em 1994. Impressiona a profusão de registros fotográficos de Ellison em situações sociais, como jantares suntuosos, que dão a quem observa a sensação de estar explorando a vida de uma celebridade do universo *pop*, algo oposto ao perfil que, em geral, se atribui ao autor, que é o de um homem interessado em alta cultura, com um vasto conhecimento em composição musical e certa aversão a eventos sociais. Entretanto, uma observação atenta às datas dos registros demonstra que as fotos remontam ao período imediato ao recebimento do National Book Award, em 1953. Após essa data, o autor reduziu paulatinamente o número de aparições públicas, até se tornar uma espécie de autor recluso, sempre encalacrado em seu apartamento na face norte do Harlem. Grande parte dessa atitude deveu-se a um forte sentimento de inadequação. A lista de desafetos de Ellison aumentou ano após ano desde a publicação de *Homem Invisível*.

Um de seus primeiros trabalhos como crítico foi resenhar uma novela irregular de Waters Turpin chamada *These low Grounds* para a publicação de filiação marxista *New Challenge*. Nela Ellison parece manifestar, a despeito da linha editorial da revista, um desprezo pelas intenções políticas do autor e uma grande atenção à sua questionável qualidade estética. O texto de Ellison destoa dos demais textos presentes na *New Challenge*. É recheado com referências teóricas e considerações sobre o encadeamento dos capítulos, enquanto o

restante de suas resenhas se caracteriza por um único critério de julgamento das obras analisadas: a presença de personagens negros.

Em carta escrita em 14 de abril de 1940, Ellison revela pela primeira vez, e de forma direta, suas restrições quanto ao modo como o Partido Comunista dos EUA pensava as questões artísticas:

As I write, opinion on the book seems sharply, violently defended. This, I think is good; the assumptions of many CP members have been challenged. It is interesting to note that many reject the humanist implications of your choice of a character like Bigger, which means that they reject - or do not understand - the humanist implications of Marxism. Reddic tells me Herndon was horrified by the murder of Mary! This and other reactions on part of cp leaders makes a question to what extent they are emancipated from bourgeois taboos... from a literary standpoint, however the book has raised several interesting problems for me, though I haven't bothered to put them on paper, or even to think them out fully. One is: How far can the marxist writer go in presenting a personalized, humanist version of his ideology? Both Gorky and Malraux attempted this and both ran into mysticism and criticism from the politicians and poetticians Then, again, does the writer who accepts Marxism have the freedom to expound a personalized philosophy? As I study Max's speech, it seems to me that you were struggling to create a new terminology, ie. You were trying to state in terms of human values certain ideas, concepts, implicit in Marxist philosophy but that, since Marx and later Lenin, were so occupied with economics and politics, have not been stated in humanist terms of Marxist coloring. This lack I am trying to get at is indicated by the almost total failure on the part of Marxist-leninism to treat human personality. Am I shooting up blind alley in this?²⁷

27Ralph Ellison, em carta escrita em Nova York a Dick Gregory. Acesso disponível através da visita à Library of Congress. "Enquanto escrevo, o debate sobre o livro tem sido travado de forma afiada, violenta. Isso, eu acho, é algo bom. As premissas de muitos membros do PC foram desafiadas. É interessante notar que muitos rejeitam as implicações da escolha de um personagem como Bigger, o que significa que eles devem rejeitar - ou ao menos não entender - as implicações humanistas do marxismo. Reddic me contou que Herndon ficou apavorado com o assassinato de Mary! Reações como essa, por parte dos líderes do partido, faz com que nos perguntemos o quão emancipados eles estão dos tabus burgueses... do ponto de vista literário, contudo, o livro traz vários problemas interessantes para mim. Ainda não me dediquei a colocar

Em outra correspondência, endereçada ao mesmo amigo, Ellison expõe sua preocupação agora não apenas com o baixo interesse dos membros do Partido Comunista em relação às questões estéticas, como também em relação ao dogmatismo político. Aparecia então a preocupação com as liberdades individuais, que o afasta do partido logo depois do final da Segunda Guerra.

I would like very much to talk with you concerning independence of thought. I believe we should serve notice on them that, godamit, they are responsible to the Negro people at large even if they do spit in the faces of their members and that they must either live up to their words or face a relentless fire of mature, informed criticism which will use everything from the many forms of written word to the platform and the radio. If they want to play ball with the borgoise they needn't think can get away with it. If they want to be lice then, by God, let them be squashed like lice. Maybe we can't smash the atom, but we can, with a few well chosen, well written words, smash all that crummy flith to hell. You are right. They haven't changed, but they will have to; and I hope you give them hell from one end of the country to the other. What the hell do you and I care about their hate, they hated us all the time. I'm prepared for their hate. The moment that I begin to speak and write like a man they'll use all their energy to jam me off the airways, because, like you, I'll be speaking on the wavelenght of the human heart; (...) I see this way: they have no conscience within them, and the only force politically capable of keeping them in line until that happens, are the negroes. It is our

essas coisas no papel, nem sequer pensei nelas com afinco. Uma delas é: "Até que ponto um escritor marxista pode ir, representando uma versão personalizada e humanista de sua própria ideologia? Tanto Gorki quanto Malraux tentaram ir longe e ambos caíram no misticismo e na mera crítica e políticas e comportamentos. Então, de novo, pode o escritor que aceita o marxismo ter liberdade de expor uma filosofia personalizada? À medida que estudo o discurso de Max, parece que estamos lutando para criar uma nova terminologia. Você estava tentando estabelecer em termos de valores humanos certos conceitos, ideias, implícitos na teoria marxista, mas isso, desde Marx e depois também com Lenin, tem ocupado pouco espaço, se comparado à economia e à política. Essa falha, com a qual estamos lidando aqui, é parte fundamental da total incapacidade da interpretação marxista-leninista em abordar a questão da personalidade humana. Estaria eu entrando em uma rua sem saída?"

job as Joyce put it: "to create the uncreated conscience of our negroes"²⁸.

Quando o conteúdo do discurso de Khrushchov (sobre o culto à personalidade e suas consequências, onde o político acusa seu antecessor Stalin de inúmeros crimes cometidos contra os próprios soviéticos) chega aos EUA, Ellison já não faz parte dos quadros do partido, limitando-se a emitir aos amigos um lembrete cínico, em tom jocoso: "I told you so."

Depois da publicação de *Homem Invisível*, Ellison não apenas almejava superar sua fase de estudante do materialismo histórico como desejava, mais do que isso, apagá-la. Nesse esforço, passou a evitar em suas entrevistas qualquer menção à sua atividade como crítico marxista. Quando era pressionado a falar em termos políticos, emitia opiniões contrárias a qualquer tipo de ideologia que parecesse alinhada à esquerda, com contundência e evidente desconforto. Não há dúvidas de que o capitalismo revelou-se para ele um amigo conquistado a duras penas. E o projeto socialista, ao contrário, revelou-se um inimigo insuspeitado em quem ele sentia ter desperdiçado confiança e dedicação.

28 Ralph Ellison, em carta escrita em Waitsfield, Vermont, em 18 de agosto de 1945 a Dick Gregory. Acesso disponível através da visita à Library of Congress. "Eu gostaria muito de conversar com você sobre minha preocupação com a independência de pensamento. Eu acredito que devemos alertá-los sobre isso, de que eles são, afinal, responsáveis pelas pessoas negras mesmo que eles cuspiam em suas faces, e que eles devem viver de acordo com seus discursos ou encarar o fogo incontornável dos fatos. Se eles querem jogar bola com a burguesia, não devem ao menos achar que poderão levar a bola para casa. Se eles querem ser piolhos, que sejam esmagados como piolhos. Nós podemos até não conseguir esmagar um átomo, mas podemos tranquilamente, com as palavras adequadas, mandar esses imundos para o inferno. Você está certo. Eles não mudaram, mas terão que mudar. E eu espero que você transforme tudo em um inferno para eles. Que, diabos, nos importa o ódio deles? Eles sempre nos odiaram, o tempo todo. Estou preparado para isso. No momento que comecei a escrever e falar como um homem eles usaram toda energia para me excluir, tudo isso porque, como você, eu falarei da oscilação dos corações humanos. Eu vejo assim: eles não tem consciência e a única força politicamente capaz de mantê-los sob controle somos nós. Nosso trabalho é, como diria Joyce, 'criar a não-criada consciência de nossos negros'."

O fato incômodo da história particular de Ellison é que foi sua parte marxista quem refletiu e redigiu *Homem Invisível*, mas foi sua parte antimarxista quem divulgou a obra e colheu os dividendos da publicação. Em 1962, ao participar de um painel, na Universidade Yeshiva, em Nova York, intitulado *A crise de consciência em escritores de ficção de minorias*, Ellison disse que se recusava a ser "uma peça na engrenagem dos direitos civis."²⁹

Quando os editores começaram a trabalhar na preparação dos originais de *Homem Invisível*, encontraram um autor disposto a alterar todos os pontos solicitados. De certa forma, tudo aquilo que parecia extensivamente agressivo à moral liberal estadunidense foi suprimido. Um exemplo emblemático é o capítulo em que o protagonista é submetido a torturas psiquiátricas em um hospital. Na versão original, havia descrição exaustiva das sessões de tortura, além da crítica à política manicomial norte-americana. Há, também, insinuações e acusações a um aspecto eugenista da cultura dos anos 1950. A versão primária do livro jamais foi publicada, entretanto, quando se tem acesso a ela, fica-se com a certeza de que o Ellison de filiação marxista, o intelectual de pretensões revolucionárias, ficou para sempre preso naquelas páginas não publicadas.

Isso pode ser explicado, em parte porque

(...) more specifically, every black American novelist works within and against a narrative tradition, oral and literary, that each inherits as part of one's cultural legacy and in which each participates, however marginally, in the elusive quest for authority, autonomy, and originality. The contribution and significance of each novelist, in other words, are influenced by his or her relationship to past and present novelists as well as by the tradition, both in the narrow literary sense of T. S.

29 PIERPONT, Claudia Roth. **Roth libertado: o escritor e seus livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.27.

Eliot and in the broader cultural sense (BELL, 1987:14).³⁰

Essa responsabilidade, adquirida com a consciência cultural, de que há algo a ser reinventado quando se trata de literatura, tornou-se um ponto central tanto na produção estética de Ellison quanto na produção teórica.

The novel is a form which deals with change in human personality and human society, bringing to the surface those values, those patterns of conduct, those dilemmas, psychological and technological, which abide within the human predicament. It can abstract, from the flow and fury of existence, these patterns, which are abiding, and re-create them in the forms of artistic models that can be controlled and imbued with the personal values of the writer, down even to the last punctuation mark. (ELLISON 1995:310)³¹.

O nível de intervenção de valores que uma história de ficção poderia suportar não parecia ser mensurável para Ellison naquele momento. Por isso ele parece ter procurado reduzir ao máximo qualquer tipo de valor extraliterário que pudesse concorrer para a visualização de seu trabalho como autor, de sua alta capacidade de manipular o ambiente em que vivia e transformá-lo em cenário do artefato estético que pretendia construir.

30 "Especificamente, todo escritor americano negro trabalha dentro e contra a tradição narrativa, oral e literária, que existe como parte de um legado cultural e no qual se vive, contudo, de forma marginal, no desafio da busca por autoridade, autonomia e originalidade. Em outras palavras: a contribuição e a relevância de cada novelista são influenciados por sua relação com o passado (seja ele homem ou mulher) e com os romancistas que vieram antes dele, através da tradição, no sentido restrito de T.S. Eliot e também em um sentido mais amplo" (BELL, 1987:14).

31 "O romance é a forma através da qual se lida com as mudanças da personalidade humana e da sociedade, fazendo emergir à superfície valores, modelos de contudo, dilemas, comportamentos psicológicos, práticas sociais, e tudo o que envolve ser um humano. Ele pode surgir de forma abstrata, vindo da fúria e do fluxo da existência, mas o fato é que esses modelos, que são duradouros, são recriados de forma artística, forma essa que pode, ao meu ver, ser controlada e submetida ao valores pessoais do escritor, do começo ao ponto final" (ELLISON 1995:310).

I was of the city, you see. But during the fall cotton-picking season certain kids left school and went with their parents to work in the cotton fields. Now, most parents wished their children to have no contact with the cotton patch, it was part of an experience which they wanted to put behind them. It was part of the Old South which they had come west to forget. Just the same those trips to the cotton patch seemed to me an enviable experience because the kids came back with such wonderful stories. And it wasn't the hard work which they stressed, but the communion, the playing, the eating, the dancing and the singing. And they brought back jokes, our Negro jokes – not those told about Negroes by whites – and they always returned with Negro folk stories which I've never heard before and which couldn't be found in any books I know about (ELLISON 1995a:07).³²

Ele decidiu então que era preciso rejeitar qualquer tipo de apoio setorial à obra. Aceitaria, contudo, apoio de grupos favoráveis à causa negra, desde que estivessem dispostos a renunciar aos discursos panfletários e a lutar pela melhoria da condição dos indivíduos e não utilizá-los como instrumentos para uma revolução futura. Assim, ele se distanciava cada vez mais de seu ciclo de contatos socialistas e se aproximava do partido republicano. Aproximava-se particularmente do grupo político de Eisenhower, militar, algo que acenava ao passado recente de Ellison, ex-combatente da marinha americana durante a Segunda Guerra. A plataforma eleitoral de Eisenhower incluía um tema especialmente importante para Ellison: a lei Taft-Harley. Dentre outras coisas, o decreto regulava o direito de greve dos trabalhadores, o processo de filiação

32 "Eu era da cidade, entende? Mas durante a temporada de colheita do algodão, alguns garotos deixavam a escola e iam com seus pais para os campos de colheita. A maioria dos pais desejava que seus filhos não tivessem contato com a plantação de algodão, porque fazia parte de um tipo de experiência que eles queriam deixar para trás. Aquilo fazia parte do velho sul que eles tentavam esquecer no oeste. Contudo, aquelas mesmas fitas de algodão pareciam para mim uma experiência invejável, porque aqueles garotos voltavam cheios de histórias maravilhosas. E não era o trabalho duro, o que eles mais ressaltavam em suas histórias, mas as brincadeiras, a comida, a dança, a cantoria. E eles traziam piadas, piadas de negros não aquelas sobre os negros, contadas pelos brancos. Eles voltavam com histórias do folclore negro que eu nunca tinha ouvido antes e que eu não poderia encontrar em nenhum livro que eu conheça."

aos sindicatos e, principalmente, fiscalizava a relação dos socialistas com as entidades sindicais. Ellison apoiara porque acreditava ser o sindicato mais um instrumento de opressão às classes trabalhadoras.

Tendo nascido em uma comunidade pauperizada da capital do estado de Oklahoma, Ellison passou a infância dependendo de um delicado sistema de colaborações e favores à sua família. Seu pai morrera ainda quando Ellison tinha apenas quatro anos; sua mãe dedicava-se a dois subempregos e a inúmeras atividades informais socialmente humilhantes. Para suprir as necessidades culturais de seus filhos, recorria aos inúmeros patrões que tinha, pedindo a eles revistas velhas, livros e antigos discos de ópera. Assim, grande parte da formação cultural do autor foi construída a partir de uma desordenada e caótica reunião de fragmentos da cultura branca liberal. Na adolescência, contudo, quando as condições materiais da família Ellison melhoraram, a mãe ingressou em movimentos de direitos civis e o filho pôde se dedicar inteiramente à prática musical; ambicionara, afinal, tornar-se um concertista famoso – e, caso isso não fosse possível, no mínimo um jazzista virtuose.

As dificuldades financeiras retornaram antes que Ellison pudesse concluir seus planos. Ele acabou abandonando a carreira musical bem antes de obter dela qualquer tipo de retorno econômico. Restou-lhe explorar o talento literário. Primeiro, inscreveu-se para todos os pequenos jornais comunitários de Oklahoma. Depois, aceitando sugestões de amigos da classe média branca local, partiu para Nova York. É lá que conhece Richard Wright e começa a se tornar presença notável na comunidade negra americana. Atua como editor, jornalista e revisor. Estava particularmente interessado na realidade nova-iorquina, bastante diferente da sulista de onde viera, e ali esboça suas

primeiras impressões sobre a realidade dos negros nos EUA. A maior liberdade de que goza em Nova York é rapidamente atribuída à opulência financeira deste lado do país. A constatação deste fato, para Ellison, redundava logicamente em sua filiação liberal, ainda que produzisse textos de conteúdo marxista para publicações dirigidas por marxistas e consumidas por marxistas. Portanto, não houve exatamente uma transformação de um Ralph Ellison socialista em um Ralph Ellison liberal, mas um ajuste de afinidades e interesses, bastante parecido com aquele efetuado por sua mãe durante a dura infância do autor, em Oklahoma. As negociações radicais são, como demonstrou Marx, fatores que alteram não apenas as condições sociais, mas também aqueles que as negociam.

2.1 A tradição encontrada

Uma retrospectiva da literatura afro-americana apresenta, com poucas variações, quase sempre o mesmo mapa: cinco momentos distintos que, encadeados, revelam um retrato da história das comunidades negras nos EUA. No primeiro momento, localizado entre os anos de 1769 e 1862, estão os trabalhos seminais apresentados por escritores negros como Olaudah Equiano, produtor de uma série de relatos sobre o período da escravidão. Logo atrás dele estão Jupiter Hammon, autor de *An evening thought*, obra de 1781; Phillys Wheatly's, com seu *Religious and Moral* e Frederick Douglas, de 1818, ele mesmo um escravo alforriado que publica, através de recursos pessoais, sua própria biografia intitulada *Life and Times of Frederick Douglas*. Nela, Douglas elenca os maus-tratos recebidos, os episódios de tortura ao qual foi submetido e tece

considerações sobre a moral de seus antigos senhores e sobre os costumes da elite local.

A lista dos pioneiros contempla ainda Lucy Terry, com *Bars Fight*, de 1850, um poema sobre um incidente envolvendo o assassinato de uma família branca por escravos negros. Esse tipo de narrativa se caracteriza pelo predomínio de registros (não necessariamente autobiográficos) cuja pretensão seria denunciar as condições de vida dos escravos. Apesar de relevantes para a organização e para os primeiros passos do sistema literário afro-americano, essas obras não apresentavam particularidades estéticas, tendo a maioria de seus méritos credenciados somente ao valor histórico de suas publicações. Seus autores concentravam-se na necessidade de propagar os sofrimentos e as agonias da escravidão e, por vezes, superestimavam o valor da *mensagem* que pretendiam emitir em detrimento da *forma* com que a emitiam.

Publicado em 1861, *Incidents of a Slave Girl*, de Harriet Ann Jacobs, foi o último capítulo das chamadas *narrativas de escravo*. A partir do ano seguinte, com a abolição da escravatura nos Estados Unidos, tais obras perderam força e a literatura afro-americana ingressou em seu segundo estágio. Esse segundo momento é marcado por uma reunião de autores mais preocupados em fornecer ao público letrado obras que os identificassem como autores de produções dignas de prestígio. O que interessava a eles não era apenas empreender um trabalho de qualidade extraordinária, mas sim ser reconhecido pela realização de tal trabalho. O exemplo mais relevante dessa ambição aparece em 1892, com a publicação de *Oak and Ivy*, de Paul Lawrence Dunbar. Nascido em 1872, Dunbar foi o primeiro poeta afro-americano a publicar uma obra utilizando o dialeto das comunidades negras para escrever seus textos. A publicação de *Oak and Ivy* encontrou forte resistência nos editores tanto pela

forma de seus versos quanto pela insistência de Dunbar em fazer-se presente em todas as rotinas sociais do mundo literário (saraus, encontros e reuniões com outros escritores), reivindicando obter o mesmo tratamento dedicado aos seus colegas.

Sunshine on de medders,
Greenness on de way;
Dat's de blessed reason I sing all de day.
Look hyeah! What you axing'?
What meks me so merry? '
Spect to see me sighin' W'en hit's wa'm in
Febawary?³³

Os versos de *Oak and Ivy* orbitam ao redor dessa contemplação do cotidiano, com finais irônicos e a revelação de certa descrença no poder transformador das produções literárias.

O terceiro momento da literatura afro-americana se inicia em 1920, com a criação do *New Negro*. Este movimento, também conhecido como *Harlem Renaissance*, inicia em 1920 e perdura até 1937. Ele contempla não apenas a literatura, como também o jazz, a sociologia e certos estudos sobre a cultura americana. É o começo da massificação cultural e a gênese dos movimentos negros pelos direitos civis que tomariam o país nas décadas seguintes. De seu grupo fundador destacam-se W.E.B. Du Bois e Sterling Brown. Du Bois ocupa, junto a Hubert Harrison, o lugar mais importante da tradição intelectual negra nos Estados Unidos. Sterling publica, em 1936, o pioneiro e autoexplicativo estudo *The Negro in American Fiction*, onde problematiza as representações dos indivíduos negros na literatura americana. A obra é uma tentativa de

33 “Luz no que importa/folhagens à vista/É por essa abençoada razão que eu canto/Olhe isso/O que você está perguntando?/O que me faz tão contente?/Espera me ver suspirar quando faz calor em fevereiro?” (DUNBAR, Paul Lawrence. *Oak and Ivy*. Charleston: Nabu Press, 2010, p.58).

interferência na construção de um imaginário sobre o negro norte-americano como alguém sempre representado e, no entanto, nunca realmente analisado.

O *Harlem Renaissance* não apenas serviu como incubadora de certo processo de construção da autoestima dos negros americanos como também produziu frutos no modo de inserção de seus autores ao criar uma nova concepção de autor e ao reafirmar a necessidade de se construir uma história particular da literatura negra. De certa maneira, o movimento preparou o campo das disputas sociais para o que viria a seguir. De 1937 a 1993, tem lugar esse quarto movimento, sem dúvida o mais relevante da literatura afro-americana, que é o estabelecimento das grandes obras de culto que vão moldar esse nicho literário durante as décadas seguintes. Nesse grupo estão os nomes de maior densidade estética, nomes como James Baldwin, Richard Wright, Toni Morrison, Alice Walker, Ralph Ellison, Maya Angelou, Ann Petry e Zora Hourston. Zora, aliás, é quem inaugura essa fase ao publicar, em 1937, *Their eyes were watching god*. Muitas das acusações feitas a ela (a saber: de que a obra conduzia o leitor a um perigoso jogo de identificação no qual os negros eram retratados com assustadora precisão, mas vistos como peças exóticas de um tipo de cultura estereotipada em que as crendices e as superstições compunham a visão pejorativa que se tinha deles; ou ainda: de que a própria Zora aproveitava-se publicitariamente de sua condição de negra para fazer crer que seu relato era o mais próximo que qualquer escritor já produzira) esbarravam no fato de que os autores da época, dentre eles Richard Wright e Ralph Ellison, reconheciam em seu texto uma excelência que fazia as críticas a ela parecerem irrelevantes.

Ships at a distance have every man's wish
on board. For some they come in with the tide. For others
they sail forever on the horizon, never out of sight, never
landing until the watcher turns his eyes away in

resignation, his dreams mocked to death by time. That is the life of men. Now, women forget all those things they don't want to remember and remember everything they don't want to forget. The dream is the truth. Then they act and do things accordingly³⁴.

É surpreendente que seu trabalho, antes absolutamente esquecido, tenha ganhado imensa relevância nas discussões sobre o estado da literatura afro-americana contemporânea. Em 1972, quando suas obras estavam esgotadas e não havia nenhuma editora interessada em reeditá-las, a escritora Alice Walker decidiu empreender a divulgação da obra de Zora, publicando inúmeros trabalhos sobre *Their Eyes Were Watching God*. Dez anos depois, ao receber o Pulitzer, Walker tornou a utilizar a popularidade recebida com a premiação para lançar ainda mais audiência sobre a obra de Hurston. Em ampla medida, Walker parecia ter descoberto em Zora a experiência de si própria em outros tempos. Grande parte de seu próprio trabalho como autora aponta para a mesma direção dos textos de Zora. Embora semelhantes na escrita, as autoras têm tido repercussões diferentes. Zora teve reconhecimento limitado de seus pares e pouquíssima remuneração em vida. Quando morreu, em 1960, sua obra mergulhou em um ostracismo de onde saiu apenas dez anos depois por influência direta da própria Walker. Era fundamental para a vencedora do National Book Award de 1983 que sua premiação significasse não apenas um reconhecimento à sua própria capacidade autoral como também um resgate de toda a história feminina na literatura afro-americana. Foi por intermédio dela que se iniciou uma intensa campanha na sociedade civil norte-

34 "Navios à distância trazem o desejo de cada homem a bordo. Para alguns, eles vem com a maré. Para outros, eles velejam para sempre no horizonte, nunca saem do alcance dos olhos, nunca atracam até que o observador vire seus olhos, resignado. Seus sonhos zombaram dos que foram mortos pelo tempo. Essa é a vida dos homens. Agora, as mulheres esquecem todas essas coisas. Elas não querem lembrar e lembrar é tudo o que eles não querem. O sonho é a verdade. Então elas agem e se comportam como se deve" (HURSTON, Zora Neale. **Their eyes were watching God**. Nova York: Harper Collins, 2002, p.12).

americana (com o apoio decisivo da NAACP – National Association for the Advancement of Colored People) para que *Their Eyes Were Watching God* se tornasse parte do currículo escolar das escolas norte-americanas. Essas pressões, que partem ora dos escritores diretamente interessados na questão, ora de associações e organizações que pretendem encampar as obras como portadoras de uma semente de conscientização para a causa que defendem, posicionam as obras em direção de postular a centralidade do sistema literário.

Se o período mais prodigioso da literatura afro-americana inicia com Hurston, ele é encerrado justamente por sua redescobridora, Alice Walker. *A cor púrpura*, seu romance epistolar de 1982, traz a história de uma família negra do sul dos Estados Unidos e acompanha o registro de um diário onde a protagonista acredita estar escrevendo cartas direcionadas a Deus. Walker introduz pela primeira vez a denúncia do peso do gênero na cultura negra americana, o androcentrismo, a opressão feminina, o analfabetismo e seus impactos na privação dos direitos civis básicos.

Dear God, he beat me today cause he say I winked at a boy in church. I may have got somethin in my eye but I didn't wink. I don't even look at mens. That's the truth. I look at women, tho, cause I 'm not scared of them. Maybe cause my mama cuss me you think I kept mad at her. But I ain't. I felt sorry for mama³⁵.

Entre Zora e Alice, há uma infinidade de autores que constituem a parte maciça da literatura afro-americana. O maior deles, Richard Wright, nasceu em 1908 e morreu cinquenta e dois anos depois. Seu livro *Native Son* foi um *best-seller* quase instantâneo. Abordando a história de Big Thomas, um

35 “Caro Deus, ele me bateu hoje porque ele diz que eu pisquei para um garoto na igreja. Eu devia estar com algo no meu olho, mas piscar eu não pisquei. Eu nem sequer olho para os homens. Essa é a verdade. Eu olho para as mulheres porque não tenho medo delas. Talvez isso aconteça porque minha mãe me amaldiçoou e eu talvez estivesse ficado zangada com ela. Mas eu não fiquei. Eu tive pena da minha mãe” (WALKER, Alice. **The color purple**. Orlando: Mariner Books, 1992, p.08).

jovem adulto que vive cercado de miséria e que procura justificar sua criminalidade através de explicações deterministas, *Native Son* é um marco na história literária americana e tornou Richard Wright um nome de grande prestígio entre seus contemporâneos. O tom naturalista presente em Wright repercutirá como uma incontornável concepção para grande parte dos escritores daquele tempo, dada a imensa influência cultural que o autor de *Native Son* exercia na comunidade intelectual negra da época. *Native Son* é um livro policial, essencialmente. Um livro sobre crime, sobre um assassino em série. Mas que se transforma porque o ódio das pessoas não é porque ele matou quem matou, mas porque é negro e matou.

A estreia literária de Ralph Ellison, por exemplo, ocorreu justamente através da publicação de um de seus textos em uma das muitas publicações literárias dirigidas ao público negro da qual Wright era o idealizador. Ralph Ellison acabou rompendo com o autor logo após publicar seu *Homem invisível*, em 1952, por achar que a personalidade centralizadora de Wright impedia o nascimento de novos talentos literários e de novas lideranças entre os escritores negros.

Outro nome daquele grupo, James Baldwin, amigo e estudioso da obra de Wright, se mostrava bem mais confortável do que Ellison nesta particular demonstração de Angústia da Influência (BLOOM, 1996). Em 1956, Baldwin publica seu *Giovanni's Room*, obra em que um protagonista gay relata e reflete sobre alguns de seus relacionamentos homossexuais e sobre a organização social dos gêneros. O livro termina com a promessa de execução do personagem no dia seguinte³⁶. É uma obra sobre a impossibilidade de um

36 Há um grande diálogo de *Giovanni's Room* com *O estrangeiro*, obra de Albert Camus, lançada em 1942. Essa relação merece um estudo adicional sobre a questão da originalidade e a repercussão das influências literárias de um autor, a ser realizado em momento oportuno.

indivíduo ser julgado pelo que fez e não pelo que é, seja o que ele for: homossexual, negro, heterossexual ou branco. Para Baldwin, e seu argumento é largamente reafirmado em todas as manifestações do autor sobre sua própria obra, a questão do preconceito não pode ser resolvida em partes. Este era, para ele, um problema complexo e indivisível. Sua preocupação central, contudo, era a liberdade de conduta sexual dos indivíduos. Sofreu enorme influência freudiana, especialmente no período final de sua vida. Em sua trajetória, declarou-se publicamente homossexual, enfrentando enorme resistência da comunidade negra, cujo peso da sexualidade é enorme, em parte devido à maciça presença das igrejas protestantes, em parte como uma estratégia de evitar ainda mais ruídos na comunicação com a maioria dominante.

Baldwin acreditava que a luta por igualdade racial não poderia ser travada através de uma luta de indignação seletiva. Os negros, pensava ele, deveriam unir-se às demais minorias existentes, especialmente aos homossexuais, sobre quem, em sua concepção, pairava uma invisibilidade ainda mais dolorosa. A certa altura, Baldwin percebeu que mesmo a escravidão – e o racismo, seu herdeiro cultural direto – admitia uma relação de necessidade de uma parte em relação à outra. No caso do homossexualismo, a questão era mais difícil de ser resolvida, visto que, ao contrário da miscigenação racial, a homossexualidade parecia ser algo permanentemente em potencial, impassível de erradicação, para todas as famílias, incluindo as brancas, incluindo as escravocratas, incluindo as negras, incluindo as afrodescendentes. Essa universalidade da fobia em relação aos gays bloqueava ações conjuntas contra a mesma força que oprimia negros e homossexuais. Para Baldwin, que possuía as duas condições, a solução possível foi migrar dos Estados Unidos para a França, dando sua causa como perdida.

James Weldon Johnson, autor de *Autobiografia de um ex-negro*, de 1912, tem sido apontado como um precursor do romance autobiográfico afro-americano.

Autobiography of an ex-colored man, one of many precedents for *Invisible Man*, tells the story of an unnamed African narrator whose light skin and native gift for languages and music enables him not only to move across cultural and social boundaries but also to translate between different cultures. Ultimately choosing to pass as a white man, Johnson's narrator feels he has forsaken his "birthright", which is not some metaphysical blackness carried in his blood but is rather his native and cosmopolitan gift as a musician to bridge the chasm between white and black Americans³⁷.

Ellison lutava não apenas contra os limites do que é transmitido como herança estética de uma comunidade a esses membros como também contra todas as condições materiais impostas pela ordem econômica e todo o acúmulo de material ideológico utilizado pelo capitalismo para manter ativa suas explorações. O pensamento filosófico, junto aos relatos de viagens, as impressões das companhias religiosas durante as autoproclamadas missões evangelizadoras e os tratados econômicos de ocasião, esse conjunto de produções operou como um cimento social que impedia mesmo os autores seminais da cultura de pensamento encarar o processo de escravidão como algo indesejado. Para Hegel, por exemplo, a escravidão foi a forma mais racional de

37 "Autobiografia de um ex-negro, um dos muitos antecessores de *Homem Invisível*, conta a história de um narrador afro-americano sem nome, que, por ter a pele mais clara, apreço pelo aprendizado de idiomas e algumas habilidades musicais, pode transitar entre as fronteiras culturais e realizar a comunicação entre diferentes culturas. O narrador de Johnson chega a se passar por homem branco diversas vezes, alegando que sua origem não é uma negritude metafísica carregada no sangue, mas seu dom como músico, capaz de unir brancos e negros" (CRANE, Gregg in POSNOCK, Ross. **The Cambridge companion to Ralph Ellison**, Cambridge Press, Cambridge, 2005. p.110).

absorver a indomável natureza animalesca dos negros. Essa dinâmica de funcionamento, em que a classe intelectual apenas se interessa em fornecer à sociedade civil a moldura racional para suas barbáries, ainda hoje está operante. Ellison não apenas encontrou uma tradição literária afro-americana hermética, com pendor à autoindulgência, baixa capacidade de pensar seus temas radicais de maneira ampla, como também encontrou uma tradição filosófica desinteressada nas questões do negro e, em inúmeros casos, francamente racista. Nesse sentido, é possível citar os trabalhos de Hegel, que assustam tanto por sua incapacidade de interpretar os fatos sociais, tomando como verdade relatos produzidos sem qualquer rigor intelectual e com enorme comprometimento das fontes. Em um erro histórico constrangedor para um filósofo, o pensamento hegeliano fetichizou a exploração. E, em muitos momentos, louvou a existência daquilo que deveria condenar³⁸.

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. Por isso, carece também do conhecimento de uma essência absoluta, que seria um outro, superior a ele mesmo (HEGEL, 2008:84).

Nesta breve citação Hegel não apenas atribuiu aos negros uma característica uniformizadora a todos, como também insinuou o vazio de uma autoridade moral, que poderia ser facilmente exercida pelo escravocrata. A

38 Não se trata de mais uma sessão do tribunal inquisitivo da biografia dos autores. Não tenho interesse algum na caracterização de Hegel como um eventual racista odioso. A função dessas citações aqui é de outra ordem: de expor com evidência e profusão de indícios, a construção negativa sobre o negro, mesmo advinda daquelas que presumimos ser uma das mais altas mentalidades da nossa tradição filosófica.

socialidade negra é confinada a um espaço marginal à ordem política da humanidade. Hegel parece desconhecer que é justamente a lei o que garante a manutenção da barbárie em regiões produtoras de escravos para os países do centro do sistema econômico pretensamente dependente da escravidão. Nesse sentido, os negros não estavam fora da objetividade fixa e sim irremediavelmente dentro dela. Eles não apenas se encontravam constantemente com sua própria vontade como a tinham negada na própria possibilidade de sua existência. Para justificar o tratamento recebido pelos negros em situação de escravidão, Hegel recorria a uma espécie de leitura míope dos tratados rousseauianos: “O negro representa, como foi dito, o homem natural, selvagem, indomável. Devemos nos libertar de toda referência, de toda moralidade e de tudo que nós chamamos sentimento, para compreendê-lo.” E conclui de forma ainda mais problemática: “Neles nada evoca a ideia do caráter humano.”³⁹

A bem-sucedida desumanização pela qual os indivíduos negros passaram torna-se a própria razão da existência do mecanismo desumanizador. Em uma perversa profecia super-realizável, os escravos não possuem valor humano porque não são considerados humanos. E porque não são considerados humanos podem ser considerados desumanos⁴⁰.

A única relação essencial que os negros tiveram - e têm - com os europeus é a escravatura. Os negros não a consideram como algo inadequado e incomum; e os ingleses, que tanto fizeram pela abolição do comércio de escravos, são tratados por eles como

39 IDEM

40 “Os negros nem pensam em cobrar dos outros o que nós estamos acostumados a exigir. A poligamia entre os negros tem como finalidade a procriação de muitos filhos, para serem vendidos sem exceção, como escravos” (HEGEL, George. **Filosofia da história**. Brasília: UNB, 2008, p.86).

inimigos, pois é primordial para os reis vender seus inimigos capturados ou mesmo os seus próprios súditos. O ensinamento que extraímos dessa situação de escravidão dos negros, e que nos interessa, é a ideia de que o estado natural é o estado de injustiça absoluta e completa (...) A escravidão é, em si e por si, injustiça pois a essência humana é a liberdade. Mas para chegar à liberdade o homem tem que amadurecer. Portanto, a abolição progressiva da escravidão é algo mais apropriado e correto que a sua abrupta anulação. Com isso, deixemos a África. Não vamos abordá-la posteriormente pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar, e o que porventura tenha acontecido nela - melhor dizendo, no norte dela - pertence ao mundo asiático e europeu (HEGEL, 2008:88).

A narrativa particular da história universal, intentada por Hegel, não apenas exclui o continente africano como também especialmente reclama sua relevância somente – e isso é particularmente sintomático – em áreas africanas de eventual predomínio branco. Chama igualmente atenção o fato de Hegel, pela primeira vez no texto, referir-se a um sentido geral de injustiça promovido pela escravidão. Esse sentimento é rapidamente demovido pela noção de que este é um mal necessário, não apenas para o sistema econômico da época como também para o próprio desenvolvimento dos indivíduos negros. Em 2000, Buck-Morss, no relevante *Hegel, Haiti and universal history*, questionou a pretensão de universalismo da filosofia tradicional e foi ainda mais além: acusou a falta de consciência do fracasso hegeliano. Hegel, então, não falhara porque supunha que era possível aglomerar a história, condensá-la e entregá-la como uma mercadoria acabada, mobilizada, manipulável, portátil. Seu erro era justamente não tê-la entregue. Não ter escrito de fato uma história universal e sim uma história particular que se coloca na posição de emulação da universalidade, um simulacro constrangedor do universal apresentado como verdade real íntima das coisas.

Era contra essa desconfiança intelectual e hostilidade social que Ellison precisava lidar. E de alguma forma tratou de introduzir aspectos filosóficos em sua obra de estreia. Ellison realizava a leitura de um livro de mitologia quando percebeu que a comunidade negra não dispunha de modelos de liderança. Ele esboçou, então, as linhas gerais de seu protagonista a partir de um mito lembrado por Platão, no qual Gíges, um pastor de ovelhas, ao descobrir uma fenda geológica, encontra um anel. Ao usar o artefato, percebe que este tem o poder de torná-lo invisível. Rapidamente ele aproveita-se da condição usando a faculdade da invisibilidade para ter acesso a reuniões secretas de seus adversários políticos. O mito é utilizado por Platão para problematizar os limites da identidade humana e da eticidade. Em Ellison a invisibilidade não é uma faculdade, mas antes uma espécie de chaga social. O aspecto particularmente interessante da manipulação do mito realizada por Ellison é a de que a invisibilidade de Gyges é ação pessoal dele: foi ele quem encontrou o anel, ele quem decidiu usá-lo, e é ele quem pode reverter, a qualquer momento, sua condição de invisível, bastando, para isso, que vire a face do anel para si. No romance de Ralph Ellison, não há possibilidade de reversão da invisibilidade. Ela é fruto de uma situação que independe do sujeito invisível; tampouco é possível localizar o momento em que ela tem seu início. *Homem Invisível* tem seu início em um "insight" *sou um homem invisível*, mas essa é uma constatação sobre algo sempre existente na vida do protagonista.

A presença dessas questões nesse trabalho não tem intenção de lançar qualquer tipo de convescote paralelo ou de manchar reputações. Pelo contrário, o interesse aqui é desfazer a ideia de que o racismo é um traço de caráter, uma deformação moral individual, e expor a verdade social dele: de

que é uma construção coletiva⁴¹. Portanto, a inserção desse pequeno conjunto de exemplos de manifestações racistas de pensadores e filósofos tem como objetivo não o golpe na reputação de autores conceituados, mas a comprovação de que o racismo é uma construção política que se alastra por todas as esferas da sociedade civil, atingindo mesmo aqueles que podem – e ainda devem – ser considerados os melhores cérebros.

Ellison procurou inserir seu livro no exíguo espaço entre um testemunho de clamor revolucionário e um pedido constrangido de socorro às minorias. Preocupado em distanciar-se de seu mentor intelectual, o escritor Richard Wright, Ellison exerceu, em todas as oportunidades públicas que teve, o papel de crítico do marxismo e de defensor da “América livre.” Qualquer desconforto que pudesse sentir em relação à figura de Wright foi resolvido com uma forte negação a tudo que o mentor representava: a autoridade moral e o socialismo. Quando *Homem Invisível* foi publicado, Wright não apenas deu declarações positivas em relação à obra, como também procurou posicionar Ellison em uma espécie de trilogia sagrada da literatura afro-americana, sem nunca, no entanto, revelar quem seria o terceiro nome desse grupo. Embora fossem adulações desejáveis, Ellison viu nelas uma tentativa de

41 Especialmente no Brasil essa visão, a de que o racismo seria uma mera deformação de caráter, tem sido invocada através das mais variadas narrativas, mas nota-se com especial força na teledramaturgia. As telenovelas se dedicam a somar demonstrações de maus tratos físicos impetrados sempre por no máximo três figuras centrais: o barão local, o capitão do mato e o feitor das fazendas. O barão é descrito como alguém autoritário, o capitão do mato, com um tom de síndrome de Estocolmo, e o feitor, com tons de sadismo. O restante do elenco, todo o restante do elenco, é presumivelmente "contra os maus tratos". Atente-se para o fato de que o princípio da escravidão jamais é questionado. A questão orbita em torno dos atos de violência física a que os escravizados são submetidos. Não é por outra razão que os últimos capítulos dessas narrativas televisivas trazem a morte do barão local, em uma espécie de expiação catártica das culpas sociais. Nenhuma palavra é dita sobre a posição do imperador. É como se a escravidão nascesse da pura vontade única dos senhores de escravos, sem qualquer relação com a tirania econômica e com o processo de fabricação das condições de conforto material tão apreciadas pela classe de brasileiros que julga estar combatendo o racismo.

aprisionamento da sua obra na delgada tradição literária afro-americana. As influências vindas da literatura afro-americana foram imensamente menores do que as influências produzidas por Ellison nesta literatura. Em Ellison, há o que se pode chamar de angústia da transmissão. Não por outro motivo, o lançamento de seu segundo romance, *Three days before the shooting*, levou três décadas para acontecer, e ocorreu de forma póstuma. *Homem Invisível* exerceu uma influência tão grandiosa e tão penosa que não poupou nem mesmo seu próprio autor.

2.2 *Three days before shooting*: o livro invisível

Publicado em 2011, contendo espantosas 1098 páginas, o livro traz textos introdutórios dos editores John Callahan (responsável legal pelos originais do autor) e do professor universitário e escritor Adam Bradley. *Three days before the shooting* não chega a ser uma obra; é, no máximo, um interessante amontoado de frases, começos, ideias a serem desenvolvidas e um enredo que promete o tempo inteiro uma entrega que não terá condições de cumprir.

O enredo de *Three days before shooting* é relativamente simples: o senador Adam Sunraider, um líder dos movimentos de direitos civis, sofre um atentado planejado e executado por seu suposto filho biológico. A trama discute paternidade, autoridade, legitimidade das lideranças negras e a estrutura do sistema político estadunidense.

Ironicamente o livro é esteticamente exatamente aquilo que Ellison temia que ele fosse: insuficiente, mal construído, e está muito longe de sua novela de estreia.

Three days before the shooting is not
the novel readers were waiting for at the time of

Ralph Ellison's passing. Is at once much less, and perhaps something more. It is less in that it offers no clear resolution to the story it tells; it doesn't end so much as stop.⁴²

A primeira frase de *Three days before shooting* é a sintomática: "Understand me, I was there" (ELLISON, 2011:13). Um exercício breve de especulação aponta facilmente a ambiguidade voluntária da frase construída pelo autor. De um lado o personagem refere-se estritamente às condições de seu testemunho do ocorrido (um tiroteio em Washington). O pedido do personagem – *Understand me* – transforma-se no pedido do próprio autor pela interpretação, não de si mesmo – uma vez que não se trata aqui de realizar uma simulação de clínica psicanalítica travestida de crítica literária – mas de sua obra. E continua o personagem: *I was there*. E esse *there* refere-se, talvez, à obra de ficção, em oposição à sua trajetória biográfica.

Espanta no romance a presença de trechos palavrosos, banais, com adjetivos típicos de um escritor iniciante. Como o fragmento destacado:

Next time came the rumor that the Senator, a wealthy bachelor, had kept for a time a beautiful Jewish mistress whom he showered with expensive jewelry, furs, works of art (he was alleged to have given her one of the fines Picassos) (ELLISON, 2011:27).

Wealthy, beautiful, expensive, compõem um quadro de preguiça descritiva incomum à obra do autor. E são os prenúncios de uma estranha ficcionalização da ideia de uma parcela da cultura, como em *fine ficassos*, simulando um distanciamento do mundo das artes plásticas que parece ainda

42

"Three days before the shooting não é o romance que os leitores esperavam na época da morte de Ellison. É ao mesmo tempo menos e talvez algo mais. É menos porque não deixa claro que história está contando: é um livro que não termina, ele para." Nota introdutória dos editores. (**Three days before the shooting**. Nova York: Modern Library: 2011, p.04).

mais estranho a alguém na posição social do autor àquela altura. Isso acontece porque Ellison esforça-se para marcar suficientemente a diferença, a interrupção entre narrador e autor, algo que para muitos não ficava suficientemente claro em *Homem Invisível*. No capítulo 14, há outro exemplo eloquente: "Outside it was breathless, the stars hanging high and the street-quiete broken only by the ringing clang of a distant piece of metal, struck by a passing car. At the car I hailed a cruising taxi and climbed inside" (ELLISON, 2011:196).

Definir uma paisagem local como "de tirar o fôlego", narrar que as estrelas permaneciam lá "no alto", são recursos limitados, oriundos de uma percepção literária pueril, inacabada, imprópria para divulgação. Ellison a rigor não estava, portanto, ali. Ellison estava lá. E esse *lá* é, sem dúvida, em seu primeiro romance, no livro construído em cima de uma dicotomia feita das tensões que desapareceram no momento de redação de *Three days before the shooting*. O autor estava absolutamente liquidado, porque um autor é sua materialidade, seu contexto histórico. Quando são alteradas radicalmente as condições de produção de sua atividade intelectual é provável que alguns autores simplesmente percam a força daquilo que tinham a fornecer como relato original e singular.

Na pagina 458, no miolo do que foi descrito como *Book II*, as intervenções dos editores passam a comprometer de forma irreversível o entendimento da obra e a criar uma espécie de obra produzida a seis mãos. No capítulo "Bliss's birth" seguiu-se, segundo os editores, as orientações expressas de Ellison, mas sua localização no volume publicado foi uma decisão exclusiva dos editores. Nesse sentido, já não se pode, a partir daquele ponto, tomar a obra como uma construção de Ellison, e isso é particularmente um problema, porque

em um romance a ordem dos fatores altera substancialmente o produto. A publicação de *Three days before the shooting* é resultado não apenas do trabalho de Adam Bradley e de John Calhan, como também de um momento histórico que compreende os acervos dos escritores como peças valiosas demais para não serem publicadas. No centro do sistema editorial, 1098 páginas inéditas de um autor consagrado não podem ser legadas como mero instrumento de pesquisa. Elas necessitam tornar-se mercadoria e, como mercadoria, alcançar uma possibilidade de circulação travestida de desejo de viabilizar o encontro de leitores com um trabalho literário de qualidade.

Ao abdicar de sua identidade social pública de autor negro, Ellison deixou *Homem Invisível* sem autor. E ficou, ele mesmo, sem ter obra a ser reivindicada. Assim, foi como se cada linha composta por ele em *Three days before the shooting* fosse a linha de um escritor iniciante que talvez se ressentisse do peso de um estranho romance de estreia tardio. Paradoxalmente, ao mergulhar na mistificação de uma figura solitária, possuidor de um talento ímpar e que em nada teria a ver com sua comunidade étnica de origem, Ellison pareceu perder seu argumento de partida. Se seu ingresso no mundo literário se deu justamente por causa da força de seu ponto de vista, onde misturava magistralmente tradições negras com narrativas já consagradas, sua permanência nesse mundo estava ameaçada pela necessidade de encontrar outro caminho para sua própria literatura. Era preciso, para ele, provar que seria capaz de tratar de outros temas, de outras formas, sem, no entanto, parecer estar recusando ou escusando-se de tratar novamente da questão racial apenas por ser um autor negro. Não podia, portanto, contornar a questão, tampouco abordá-la. Na angústia sufocante dessa potência infinita, ficou paralisado.

É, contudo, fundamental reconhecer que, embora estivesse paralisado, a própria existência dessa paralisia acaba servindo como chave interpretativa para as contradições internas da obra do autor. *Three days before the shooting* é escrito na fase pós-*Homem Invisível*, onde Ellison estava totalmente alinhado à ideologia capitalista e à direita estadunidense, mas reúne mais aspectos anticapitalistas do que *Homem Invisível*. Assim, acabou por se tornar um livro incômodo, um livro sem lugar, um livro que Ellison não poderia concluir, mas que não admitia abandonar.

Basicamente, é como se as evidentes falhas daquilo que é apresentado fossem tomadas como motivo de comemoração. O que não está presente em *Three days before the shooting*: o alto controle narrativo, o poder de concisão, a precisão dos diálogos, o delineamento metafórico de todas as passagens, tudo o que estava em *Homem Invisível* e fez do livro uma grande obra, está ausente em *Three Days before the Shooting*⁴³.

43 "Yet it is precisely the incompleteness of the manuscripts that makes them such a compelling and fascinating contribution to American literature" (ELISSON, 2011:17).

3. *Invisible Man*: o livro visível

Após a morte de Ralph Ellison, o número de pesquisas em relação à sua obra aumentou consideravelmente. Basta lembrar que a *MLA bibliography* traz 266 retornos em relação a seu nome. São teses, monografias, ensaios e artigos publicados em revistas científicas. É possível que esse aumento *post-mortem* tenha como motor um processo de sucessivas revalorizações trazidas sob o formato de uma constante alteração no tripé de sustentação de sua obra: enredo, publicação e crítica. Por isso, cada um desses fragmentos demanda a especial atenção recebida aqui:

3.1 O enredo

Em um célebre artigo, intitulado *The future is black*, o escritor norte-americano Mark Dery evoca uma histórica afirmação de Greg Tate, muito familiar para os indivíduos negros, segundo a qual “pessoas negras vivem a ostracização que os escritores de ficção científica imaginam.”⁴⁴ Dery, então, decide empreitar uma reflexão sobre o papel dos negros nos EUA. Diz ele:

É especialmente surpreendente o fato de que os afro-americanos são, em um sentido muito real, os descendentes de alienígenas abduzidos. Eles habitam um pesadelo de ficção científica em que um campo de força invisível frustra seus movimentos, enquanto as histórias oficiais desfazem o que foi feito a eles (DERY, 2010:94).

Na tradição da literatura norte-americana não há demonstração mais nítida e expressiva desta suspeita do que a descrita por Ralph Ellison no livro *Homem Invisível*. A narração em primeira pessoa emula uma proximidade radical entre protagonista e autor, propositalmente explorada por Ellison. E que

44 DERY, Mark. *Não devo pensar em coisas ruins*. Porto Alegre: Sulina, p.41.

se torna, mais tarde, um entrave para a recepção crítica da obra. Quando recebeu os originais de *Homem Invisível*, a Random House procurava repetir o sucesso editorial de *Native Son*, de Richard Wright, publicado em 1940 pela HarperCollins.

Ao viabilizar a edição do livro, com o aparato industrial que a Random House tinha na época à sua disposição, *Homem Invisível* tornou-se um monumental *best-seller*. Ellison, antes um articulista de publicações pequenas e de círculos sociais restritos, que vivia de empregos informais, em condições precárias, auxiliado aqui e ali por grupos de mecenas, em sua maioria, brancos, começa a se tornar uma nova voz de relevância na América negra.

Quando chegou às livrarias, *Homem invisível* percorreu a estrada que, em 1940, Richard Wright havia aberto para toda a literatura afro-americana. Passaram-se doze anos desde que Wright havia chocado o país com seu *Native Son*. A América pré-Bigger Thomas vilipendiava o problema da violência racial. Foi Wright quem disse ao país que havia um problema que talvez pudesse interessar a sociedade branca; esse problema não era o negro nem o racismo, mas a violência *do* negro. Isso interessava de tal maneira à sociedade civil que não demorou muito até que o próprio Wright fosse dragado para um universo em que sua literatura parecia já não ter nada a dizer à comunidade negra. Ao barulho ensurdecador de sua proposição, seguiu-se uma espécie de esgotamento da questão negra. Nesse vazio é que surge *Homem Invisível*, que possui não apenas influência de Bigger Thomas como também, em muitos aspectos, parece ser uma ampliação, uma problematização da questão social do negro na mesma sociedade americana, agora doze anos depois. Bigger Thomas começa o livro despertado por um estridente relógio. O chamado do tempo, da hora de levantar e de viver. Mas é, evidentemente, o sinal de que fora acordado,

de que a partir dali não mais dormiria em ignorância, um sinal de que a consciência não tardaria. Wright era o escritor das alegorias poderosas e eficientes. Bigger vai trabalhar na casa de um rico industrial. Lá, conhece a filha dele, com quem se envolve. Em uma de suas inúmeras noites em que ela se embriaga, Bigger resolve levá-la até o quarto, para provar que é um bom funcionário. Ao colocá-la na cama, ele percebe a chegada da patroa, uma deficiente visual. Em uma das mais violentas cenas da literatura norte-americana, o protagonista, temendo ser flagrado no território proibido do quarto da filha do chefe, coloca o travesseiro sobre seu rosto, para evitar que, no meio de seu delírio etílico, ela revele sua presença para a mãe. Sem perceber que está empreendendo muita força, ele a sufoca. Desesperado, parte, temendo ser preso. No caminho da fuga, estupra sua namorada. Ao descrever o estupro de uma negra por um negro, páginas depois de um homicídio contra uma mulher branca, Wright aproxima as duas e dá visibilidade à violência sexual feminina negra, algo pouco tematizado na literatura da época.

Bigger é um protótipo do *Homem Invisível*. Ambos utilizam a violência como forma de abordar a causa social. Em amplo sentido, *Homem Invisível* parece começar onde *Native Son* termina. O livro é uma história de assassinato e perseguição ao assassino com desdobramento de julgamento, um tipo de *thriller* que depois ia se multiplicar através da indústria do entretenimento americana.

Homem Invisível é inteiramente narrado em primeira pessoa, enquanto *Native Son* é narrado em terceira, por um narrador sem cor ou posição social definida. Em *Homem Invisível* o leitor é o tempo inteiro convidado a se indignar junto ao homem invisível. A necessidade do narrador é provar a todo momento a irracionalidade e a falta de propósito das ações que os brancos

impõem a ele.

Homem Invisível é a miniaturização de um mundo onde sindicatos oprimem os trabalhadores; brancos benfeitores fazem mais mal aos negros do que os malfeitores; e onde as lideranças negras são apenas instrumentos de manobra política.

No campo histórico, é importante ressaltar que os Estados Unidos de Bigger Thomas ainda não tinham decidido entrar na Segunda Guerra, enquanto os EUA do *Homem Invisível* já haviam retornado dela. No campo geográfico, a história de *Native Son* se passa no sul. Em *Homem Invisível* o sul surge como uma espécie de purgatório para os negros.

Uma leitura cuidadosa do romance *Homem Invisível*, realizada capítulo a capítulo, fomenta reflexões importantes sobre a narrativa, dado o modo como Ellison construiu seu livro, como uma edificação composta de várias estruturas internas. O ideal é subverter um pouco a lógica da aparição dos capítulos, começando a interpretação pelo episódio da Royal Battle, em que negros são vendados e forçados a lutar uns contra os outros, em um ringue improvisado, no centro de um salão de festas. São providenciadas luvas, calções e botas de lutador. Enquanto lutam vendados, tentando atingir o que não podiam ver, os convidados – cerca de vinte membros socialmente relevantes, provavelmente ricos e certamente brancos – jogavam moedas a eles. O protagonista é levado até lá, a princípio, para proferir um discurso sobre liderança, entretanto é surpreendido pelo fato de que necessita, antes de seu discurso, lutar com os demais. Após a luta, com escoriações, sangramentos e lesões de toda ordem, o homem invisível é autorizado a proferir seu discurso. Quando termina, é aplaudido e recebe a notícia de que foi agraciado com uma bolsa de estudos em uma universidade especial para negros. Nesse episódio,

Ellison aborda as condições culturais dos negros, que, ainda quando reconhecidos com algum talento intelectual, necessitam representar os mesmos papéis que representariam não houvesse talento algum. Basicamente, a identidade social negra é composta de um acúmulo de funções. A qualquer tempo, em qualquer lugar, os negros podem ser convocados a atos de servidão. Em outro sentido, a metáfora de um ringue onde negros se enfrentam uns aos outros, às cegas, enquanto recebem mínimas recompensas financeiras, é potente para descrever o espaço que o capitalismo reserva a eles.

Naquela mesma noite da luta, o narrador teve um sonho. Sonhara com seu avô, morto anos antes, sorridente e estendendo um envelope dourado. Dentro do envelope, um outro envelope. E dentro deste um diploma, com a inscrição: "To whom it may concerne: keep this nigger-boy running"⁴⁵."

O sonho encarna a descrença dos antepassados do narrador na possibilidade de ascensão social através da educação e, também, o receio do personagem de que a ida para universidade representasse uma traição à comunidade negra, uma cooptação que ele temia ser imperdoável e, ao mesmo tempo, infrutífera.

No capítulo 1, o narrador explicita as razões pelas quais resolveu escrever seu relato e procura localizar suas descobertas sociais como frutos de reflexões pessoais, rejeitando guias espirituais e líderes políticos, imprimindo o tom predominante na narrativa – e que tanto fascina o público liberal – de que há apenas um caminho para a emancipação: o caminho de si mesmo.

It goes a long way back , some
twenty years. All my life I had been looking
for something, and everywhere I turned
someone tried to tell me what it was. I
accepted their answers too, though they

45 "A quem interessar possa: mantenha esse crioulinho em movimento." Tradução minha.

were often in contradiction and even self-contradictory. I asked myself questions which I, and only I, could answer. It took me a long time and much painful boomeranging of my expectations to achieve a realization everyone else appears to have been born with: That I am nobody but myself. But first I had to discover that I am an invisible man! (ELLISON, 1994:15)⁴⁶.

É das experiências pessoais que ele constrói sua própria visão de mundo. Assim, ele chama atenção do leitor à necessidade da construção de um imaginário particular que corresponda diretamente à realidade concreta que nos cerca e que, ao mesmo tempo, seja preservada de qualquer influência externa ideológica. É como se Ellison desejasse o registro de uma experiência social filtrada pelo exame introspectivo individual puro, sem nenhum construto que possa sequer insinuar a existência de uma conexão entre as dificuldades sociais que um indivíduo enfrenta e qualquer tipo de combate à ideologia que as sustentam.

A segunda questão em relevo no fragmento citado diz respeito às liberdades individuais. Para ser livre, para pensar com exatidão quem ele próprio é, para entender-se como um ser invisível, o narrador necessita descobrir que é um homem invisível. Trata-se, portanto, da tomada de consciência de um fato social (a invisibilidade) que vai gerar uma mudança de comportamento (seu isolamento) que vai gerar uma nova consciência (sobre o que fazer após descobrir-se invisível). Nessa descoberta ele começa a revisar sua

46 Já faz muito tempo, algo em torno de vinte anos. Toda minha vida eu procurara algo e para onde quer que eu me voltasse alguém tentava me dizer o que era. Eu aceitava as respostas, embora elas estivessem em contrárias a mim e a si mesmas. Eu fazia perguntas que eu, e somente eu, poderia responder. Levou muito tempo, me custou muita dor e muitas idas e vindas das minhas expectativas para que eu chegasse a conclusão que aparentemente todos já nasceram sabendo: que eu não era ninguém além de mim mesmo. Mas antes, é claro, eu precisei descobrir que eu sou invisível! (ELLISON, 1994:15).

própria relação com seu passado, tentando desconstruir a versão da história de seus ancestrais. "Não tenho vergonha de meus avós terem sido escravos. Tenho vergonha somente por mim, que tive, certa vez, vergonha desse fato" (ELLISON, 1994:15). Essa frase é fundamental, pois revela o tipo de aliança que Ellison pretende propor ao leitor: os ataques, daqui para frente, serão sempre em relação ao modo como os indivíduos negros manipulam suas heranças de humilhação e não àqueles que foram escravizados. É também um modo de estabelecer um nexó histórico, uma narrativa que demonstre as origens dos negros, o que de certa forma trata-se de uma das ambições de *Homem Invisível*, fazer crer, a despeito do passado de humilhação e espoliação e da destruição completa de elementos que possam documentar suas origens, que a comunidade negra tem sua própria história, sua própria tradição e que o modo como se relaciona com ela define o tamanho moral de seus membros.

No começo do capítulo 2 há a descrição da geografia da universidade em que o protagonista passa a realizar seus estudos. É a apresentação dos contrastes produzidos pelas diferenças econômicas, algo que se repetirá outras vezes ao longo da obra. O narrador compara o que vê com o local de seu nascimento, o seu presente com seu passado, o atual com o legado, a circunstância com a origem⁴⁷. É uma universidade especialmente criada para o fomento da educação dos negros, nos moldes da Howard⁴⁸. Sendo incitado a trabalhar como motorista de Mr. Norton, um dos financiadores da instituição, o homem invisível, acatando ordens diretas, leva-o para um passeio além das fronteiras da vizinhança. Em princípio, Norton está determinado a explorar a

47 "Honey suckle and purple wisteria hung heavy from the trees and white magnolias mixed with their scents in the bee-humming air" (ELLISON, 1994:34).

48 É relevante que Ellison não tenha utilizado explicitamente o nome da universidade de Howard e sim tenha optado por uma fictícia Black College, assim genérica. A mesma opção será vista na descrição da "organização dos trabalhadores" no lugar de uma menção direta ao partido comunista.

condição social dos negros, a testemunhar sua pauperização, interessado em verificar se a comunidade local está mesmo se beneficiando dos recursos que ele destina à universidade. Advertido de que o passeio pode se tornar desagradável e até mesmo perigoso, ele insiste em seguir em frente, imbuído de um suposto espírito investigativo que declara possuir. Enquanto dirige, o protagonista ouve as histórias sobre o cotidiano de seu passageiro. Em especial, histórias que tratam da filha morta e de como uma tragédia pode conduzir a vida de um ser humano para um rumo jamais imaginado por ele. Decidido a conversar com os habitantes locais, Mr. Norton dirige-se ao encontro de Trublood, um morador local que ele julga ser digno de sua compaixão. Ao conversar com ele, Mr. Norton fica constrangido com suas histórias sobre incesto. O que aterroriza Norton não são exatamente as histórias, mas as reações de Trublood em função de sua própria vida. O que para Mr. Norton seria motivo de profunda reflexão moral, para Trublood não passa de uma anedota. Onde um vê o horror, o outro vê o humor. Onde um vê a decadência dos valores humanos, o outro vê o triunfo da vontade de um indivíduo sobre as convenções sociais. Enojado, Mr. Norton entrega uma nota de cem dólares ao protagonista e pede que ele busque uma garrafa de uísque para ajudá-lo a lidar com o desconforto causado por suas descobertas. Mais uma vez o protagonista pondera. Mais uma vez adverte que a região é perigosa e que não é prudente arriscar-se ainda mais. Entretanto, não podendo contrariar seu passageiro, o homem invisível dirige-se a Golden Day, um bar de reputação ruim, onde os negros se reuniam para ouvir blues e ingerir bebidas alcoólicas de fabricação caseira. Enquanto isso, Mr. Norton permanece na casa de Trublood. O narrador preocupa-se que Mr. Norton passe a acreditar que todos os negros sejam, na realidade, como Trublood. Então, decide levá-lo de volta à universidade, apresentando a ele outros exemplares da

comunidade negra, indivíduos que possam desfazer qualquer suspeita de que a verdadeira essência dos negros seja a de Trublood. Ellison deixa claro uma segunda estratégia do indivíduo negro estadunidense ao lidar com o racismo: a tentativa de controlar a opinião dos indivíduos brancos, gerada pela suspeita de que seu real papel social é auxiliar a comunidade civil branca a aceitar a existência dos negros e a suportar sua presença.

Esse é o primeiro componente novo na narrativa de Ellison em relação às narrativas anteriores que tematizavam o homem negro. Em Ellison, os negros possuem capacidade de abstração e de teatralização de sua própria atuação no meio social. Em romances anteriores, em especial em *Native Son*, Bigger Thomas é somente um criminoso, envolvido em suas atividades marginais, sempre ativo e nunca reflexivo, sendo por vezes ajudado por outros brancos que procuram salvá-lo das armadilhas montadas por outros indivíduos brancos. É, portanto, um retrato das violências que sofre um indivíduo negro em um mundo branco. No caso de *Homem Invisível* trata-se das reflexões de um indivíduo negro em um mundo racista. É uma diferença ética considerável e um desafio estético ainda maior construir esse universo narrativo. Ao mesmo tempo em que Ellison inaugura uma nova maneira, mais ácida, mais realista e mais crua de retratar os negros, ele também rompe um tipo de pacto que estava solidificado como tártaro na sociedade estadunidense: a tarefa do escritor comprometido com a causa racial era seduzir os leitores brancos a sentir pena da vida dos negros. Em nenhum momento era solicitado a eles romper o estatuto da assimetria. Nunca eram compelidos a reconhecer que os negros eram de fato seres humanos. Tratava-se de convencer a sociedade civil branca de que os negros, embora boçais e animalescos, não mereciam os maus-tratos recebidos. O modelo foi usado em *Uncle's Tom's Cabin*, e foi replicado em *To Kill*

a *Mockinbird*, já na década de 1960. Ou seja: esse tipo de narrativa parece pairar como um espectro na literatura média norte-americana.

Outro componente relevante desse capítulo é o fato de que a falta de possibilidade de inserção dos negros não está necessariamente ligada à qualificação individual desses agentes e sim a total incapacidade administrativa das instituições existentes na época.

No retorno à universidade, o narrador é advertido por um de seus diretores por não ter seguido as ordens indicadas. Enquanto alega que o itinerário foi todo organizado pelo próprio Mr. Norton, é advertido de que é preciso saber *como* seguir as ordens dos homens brancos. Não bastaria, portanto, segundo seus superiores, apenas fazer aquilo que lhe mandam, mas é preciso também selecionar, dentro daquilo que foi prescrito, o que deve ser levado em conta e o que deve ser cuidadosamente desrespeitado.

No capítulo 4, Mr. Norton manifesta seu sentimento de decepção em relação aos negros, após o breve contato com Trublood. Durante muito tempo, acreditou ser possível salvar os negros de sua natural inclinação à bestialidade. Julgava que, a custo de muito empenho e trabalho, poderia transformá-los em seres humanos. Agora, contudo, tudo ruíra. Descobrira de forma acachapante a verdadeira essência desses seres. Após externar sua nova posição aos diretores da universidade, Mr. Norton parte para Nova York.

O capítulo 5 é inteiramente construído ao redor da sensação agonizante do protagonista que sabe que sua trajetória acadêmica terminou a partir daquela série de incidentes involuntários envolvendo Mr. Norton: "Where would I go, what would I do? How could I ever return home?⁴⁹" (ELLISON, 1994:135), pergunta o narrador. A essa altura ele não está mais preocupado com o princípio moral da injustiça da qual foi vítima. A questão é de natureza

49 "Onde eu iria? O que eu faria? Como eu iria voltar para casa?" Tradução minha.

prática: tendo conhecido o campus, a possibilidade de erudição, de desenvolvimento intelectual, estava agora sob o risco de ser arremessado de volta às suas origens, às rotinas rurais e a vida sem perspectivas do sul estadunidense da década de 1950. Essa é mais uma das contribuições de Ellison: a denúncia de que a vida íntima dos negros é sempre invadida pela brutalidade de sua vida social prática. Em um número surpreendente de vezes eles se veem forçados a abandonar a metafísica por manuais de como se comportar frente à autoridade policial; ou substituir a reflexão filosófica pela necessidade de responder às violências que sofrem. Em Ellison o pesadelo dos negros não é que não possam escapar do horror da opressão, mas que será preciso dedicar muita energia e concentração nisso, energia que poderia ser gasta no empreendimento de tratados filosóficos que não serão jamais nem sequer tentados, porque estão todos muito preocupados em sobreviver. Esse esforço, ainda sob a ótica de Ellison, cria, ao mesmo tempo, um fetichismo da sobrevivência e uma condescendência moral íntima, pois transforma o ato de permanecer no mesmo lugar não uma comprovação de inércia, mas de resistência.

Tal qual o protagonista, também o leitor não consegue compreender as razões da culpabilização do homem invisível em um episódio tão banal. A dimensão que a indisposição de Mr. Norton adquire nos destinos do protagonista tem um aspecto kafkiano e expõe a irracionalidade da gestão das instituições descritas no livro. Ameaçado de expulsão pelo Dr. Bledsoe, diretor da universidade, o narrador primeiro implora clemência. Depois, promete lutar: "I will tell everybody. I will fight you. I swear it. I will fight" (ELLISON, 1994:141). Em resposta, Bledsoe diz a ele:

Boy, you are a fool. Your whit folk didn't teach you anything and your mother-wit has left you cold. What has happened to you young Negroes? I thought you had caught on to

how things are done down here. But you don't even know the difference between the way things are and the way they're supposed to be. y God. What is the race coming to? (ELLISON, 1994:142)⁵⁰.

A seguir o narrador diz estar zangado e com raiva de si mesmo por participar daquela situação e não reagir à altura. Acusa-se de adesismo. Acusa-se de covardia. E, por fim, fica paralisado. Sem biografismos, sem exercícios de emulação do ofício psicanalítico, mas esse sentimento de ódio a si mesmo, por estar fascinado de presenciar, finalmente, as engrenagens administrativas do poder e estar obedecendo a elas, foi inúmeras vezes apontado como raiz do mal-estar e da demora em Ellison entregar os originais de seu segundo romance.

Enquanto conversa com o supervisor Bledsoe, o homem invisível tem acesso à forma como pensam aqueles que são escolhidos dentre os explorados para operar as máquinas de opressão:

Negroes? Negroes don't control this school or much of anything else - haven't you learned even that? No, sir, they don't control this school, nor white folk either. True they *support* it, but I control it. I's big and black and I say "ye, suh" as loudly as any burrhead when it's convenient, but I'm still the king down here. (ELLISON, 1994:142)⁵¹.

Há três aspectos a serem ressaltados nessa passagem:

50 "Garoto, você é um tolo. As brancas não te ensinaram nada? O que aconteceu a vocês, jovens negros? Achei que se ensinasse alguma coisa por aqui, afinal. Vocês nem sequer sabem a diferença entre como as coisas são e como elas deveriam ser. Meu Deus do céu, onde essa raça vai parar?" (1994:142).

51 "Negros? Negros não controlam nada. Negros não controlam essa escola nem qualquer outra coisa, você não percebeu isso ainda? Não, senhor, eles não controlam esse lugar, nem mesmo os brancos controlam. A verdade é que eles apenas apoiam essa instituição, mas sou eu quem controla as coisas por aqui. Euzinho aqui, preto e grande, me finjo de mosca-morta, digo o que eles o que eles querem ouvir, mas sou o rei por aqui" (ELLISON, 1994:142).

a) o fato de que Bledsoe está preocupado com a interrupção da transmissão das tradições servis entre os negros, preocupado com o fato de os pais não estarem mais transmitindo a seus filhos o sentido essencial de suas vidas: servir.

b) o fato de Bledsoe diferenciar *comando* de *financiamento*. O conceito do termo "support" aparece no sentido corrente da academia americana: o de fornecer recursos para a manutenção dos serviços de uma instituição de ensino. Portanto, Bledsoe mostra ao narrador a existência de uma separação entre poder e capital. Que, em ampla medida, pode ser vista como uma separação entre Estado e capital.

c) a ideia de que a existência de uma universidade para negros não era, ao contrário do que pensou o narrador, um projeto generoso de fomento à emancipação dos negros, mas sim mais um aparelho ideológico destinado a garantir a manutenção do estado das coisas.

I don't care how much it appears otherwise. Power doesn't have to show off. Power is confident, self-assuring, self-starting and self-stopping, self-warming and self-justifying. When you have it, you know it. Let the negroes snicker and the crackers laugh (ELLISON, 1994:142)⁵².

Eis uma definição de poder, criada por Ellison, pré-Foucault, e interessantemente colocada na voz de um personagem que, em princípio, seria apenas um serviçal da própria estrutura de poder. Entretanto, mostra Ellison, ele possui uma profunda consciência das funções políticas de sua atividade. Sob outro aspecto, ele é portador de falsa-consciência por excelência, pois defende

52 "Eu não me importo que pareça outra coisa. O poder não tem que ser visto. Poder é confiança, convicção, autodeterminação, asserção. Quando você tem poder, você sabe." (1994:142)

de modo intransigente uma classe que não é a sua. Uma força dialética cresce dentro da expressão de Bledsoe, porque, se por um lado ele realiza essa defesa bruta da situação social, por outro manifesta um desejo individual de libertação de suas funções de opressor, desejo esse que esbarra em uma realização pessoal, de cunho narcísico:

You don't exist, can't you see that? The white folk tell everybody what to think - except men like me. I tell them. That's my life, telling how to think about the things I know about. Shocks you, doesn't it? Well that the way it is. (...) I didn't make it, and I know that I can't change it. But I've made my place in it and I'll have every negro in the country hangin on tree limbs by morning if that means stayin where I am. (ELLISON, 1994:143)⁵³.

Na pequena mitologia da estrutura escravocrata, Bledsoe pode ser descrito como o feitor da casa-grande, aquele que é encarregado de fiscalizar os outros escravos e desenvolve, por isso, uma sensação de que também faz parte do comando e não da legião de comandados. Durante todo o diálogo com Bledsoe, o narrador faz considerações filosóficas para o leitor. As ações são sempre sucedidas por reflexões. E tais reflexões alteram o comportamento do personagem, o que, por sua vez, gerará novas ações. Em *Homem Invisível* a reflexão intelectual é fruto da ação social. O debate com o diretor termina com o narrador resignado com sua expulsão. O que para o leitor pode parecer um bocado sem sentido, para o leitor que, assim como o narrador, tende a indagar-se a respeito de algum fragmento perdido, porque a natureza da punição

⁵³ "Você não existe, não nota? Os caras brancos dizem a todo mundo como pensar, exceto a homens como eu. Sou eu que digo a eles o que eles devem pensar. Essa é a minha vida: dizer a pessoas brancas o que devem fazer para pensarem como eu penso. É chocante, não é? Mas é assim que é. Eu não inventei o sistema e eu não posso alterá-lo. Conquistei meu lugar e vou mantê-lo, ainda que para isso eu tenha que enforcar todos os negros desse país." (ELLISON, 1994:143).

sugerida ao homem invisível parece não se encaixar na irrelevância de seu suposto erro. E esse é o tom de toda a obra: as coisas acontecem com alto nível de arbitrariedade, sem nenhuma explicação racional, mas pela tirania e pelo sadismo dos líderes no exercício de suas lideranças. Bledsoe promete auxiliar o homem invisível a encontrar uma nova colocação. Sugere que ele se mude para Nova York, onde supostamente há pessoas dispostas a oferecer um emprego a ele. Assim, ele recebe cartas de recomendação, que o ajudariam na sua futura contratação.

The school tries to look out for its own. Only one thing more. These letters will be sealed; don't open them if you want help. White folk are strict about such things. The letters will introduce you and request them to help you with a job. I'll do my best for you and it isn't necessary for you to open them, understand?⁵⁴ (ELLISON, 1994:149).

O narrador obedece e leva consigo as cartas seladas. A caminho de Nova York, em busca de uma nova vida, ele encontra um velho conhecido, que fala a ele sobre as maravilhas que estaria prestes a encontrar:

New York... that's not a place, it's a dream. When I was your age it was Chicago. Now all the little black boys run away to New York. Out of the fire into the melting pot. I can see you after you've lived in Harlem for three months. Your speech will change, you'll talk a lot about college... you'll attend lectures at the Men's House... you might even meet a few white folks... (ELLISON, 1994:152)⁵⁵

54 "A universidade procura ajudar seus membros. Apenas mais uma coisa: as cartas estão seladas, não abra, se quiser mesmo ser ajudado. Pessoas brancas são muito rígidas quanto a esses assuntos. As cartas vão te apresentar aos empregadores e solicitar um posto de trabalho. Dediquei-me ao máximo à redação delas, então não há necessidade de ler o conteúdo das cartas, compreende?" (1994:149).

55 "Nova York não é um lugar, é um sonho. Na minha época o sonho era Chicago. Agora todos os garotinhos fogem para Nova York. Posso antever o que vai acontecer com você daqui a três

Sem dúvida, a cidade de Nova York, com suas passeatas, protestos e movimentações pelos direitos civis da massa negra se constitui em um personagem central do livro. A cidade chega a ser descrita pelo homem invisível como não sendo composta “de coisas reais, mas de sonhos⁵⁶”. No capítulo 9 o narrador finalmente encontra Mr. Emerson, um proeminente empresário local a quem o homem invisível explica suas ambições profissionais. Ele fica sabendo então do teor do conteúdo da carta, o real conteúdo da carta que ele jurava ser de recomendação:

My dear Mr. Emerson:

The bearer of this letter is a former student of ours (I say former because he shall never, under any circumstances, be enrolled as a student here again) who has been expelled for a most serious defection from our strictest rules of deportment. Due, however, to circumstances the nature of which I shall explain to you in person on the occasion of the next meeting of the board, it is to the best interests of the college that this young man have no knowledge of the finality of his expulsion. For it is indeed his hope to return here to his classes in the fall. However, it is to the best interests of the great work which we are dedicated to perform that he continue undisturbed in these vain hopes while remaining as far as possible from our midst. This case represents, my dear Mr. Emerson, one of the rare, delicate instances in which one for whom we held great expectations has gone grievously astray, and who in his fall threatens to upset certain delicate relationships between certain interested

meses. Seu discurso ai mudar, você vai falar muito sobre a faculdade, vai frequentar os clubes masculinos, quem sabe até venha a conhecer algumas garotas brancas”(1994:152).

56 Isso é bastante comum na tradição da comunidade negra americana. Do Harlem Renaissance à atualidade, Nova York sempre figurou como uma espécie de capital do sonho afroamericano. Seja em alta literatura como em canções pop, esse pensamento é recorrente, como se vê nessa composição do rapper Jay-Z, de 2009: “New York, concrete jungle where dreams are made of... there's nothing you can't do, now you're in New York. These streets will make you feel brand new... big lights will inspire you, New York, New York.” (Nova York, selva de concreto onde os sonhos são construídos... não há nada que você não possa fazer, agora que está em Nova York. Essas ruas farão você se sentir renovado... grandes luzes o inspirarão. Nova York. Nova York).”

individuals and the schools. Thus, while the bearer is no longer a member of our scholastic family, it is highly important that his severance with the college be executed as painlessly as possible. I beg of you, sir, to help him continue in the direction of that promise which, like the horizon, recedes ever brightly and distantly beyond the hopeful traveler. Respectfully, I am your humble servand. A. Hebert Bledsoe⁵⁷ (ELLISON, 1994:190).

Segue-se um breve diálogo onde o narrador expõe sua revolta e Mr. Emerson indaga várias vezes o que exatamente o narrador teria feito. Ele reafirma que não sabe. E Mr. Emerson reforça: "But you must have done *something*"; esse grifo, do próprio Ellison, estabelece uma iluminação a um sentimento sempre difuso de crise de confiança que se constrói em relações inter-raciais na obra. Há sempre algo obscuro, sempre uma história nebulosa envolvendo os negros. O "something" representa algo no comportamento do homem invisível, algo que ele fez e que talvez esteja querendo esconder das autoridades encarregadas de controlá-lo, atitude essa que reforça a necessidade

57 "Meu caro Senhor Emerson: O portador dessa carta é um ex-aluno nosso (eu digo ex-aluno porque ele não irá, sob nenhuma circunstância, ser admitido como estudante novamente) que foi expulso pela mais séria transgressão às regras de conduta social. Devido, contudo, às circunstâncias que eu posso explicar ao senhor pessoalmente, durante a próxima reunião do Conselho, é melhor que esse jovem não tenha conhecimento do caráter definitivo de sua expulsão. Na realidade, ele espera retornar às aulas ainda no outono. Contudo, será melhor para o grande trabalho que empreendemos por aqui, que ele continue o mais distante possível de nós, envolvido com essas esperanças vãs. Esse caso representa, senhor Emerson, um dos raros, em que toda as grandes esperanças que depositamos nele foram lamentavelmente extraviadas. E em sua queda ameaça perturbar a delicada relação entre indivíduos e instituições. Assim, é necessário que o portador dessa carta, que não é mais um membro dessa comunidade universitária, tenha sua punição executada da forma mais indolor possível. Eu imploro ao senhor que ajude esse rapaz a manter-se na direção pretendida, como um horizonte, que repousa sempre adiante, sempre luminoso e sempre distante do esperançoso viajante. Respeitosamente, seu humilde servo, A. Hebert Bledsoe. (ELLISON, Ralph. *Invisible man*. New York: Modern Library, 1994, p.190). Tradução minha. Optei por realizar a tradução, uma vez que as duas versões disponíveis atualmente em língua portuguesa optam por uma tradução fiel aos termos burocráticos do discurso de Bledsoe, vilipendiando a sutil operação de camuflagem da estrutura hierárquica entre Bledsoe e seus superiores.

de que ele seja vigiado e reedita constantemente uma regra social tautológica: os oprimidos precisam ser vigiados constantemente porque é muito suspeito esse comportamento que eles apresentam de ter sempre uma estratégia contra a fiscalização constante.

Por intermédio de Mr. Emerson, o homem invisível acaba sendo indicado para um trabalho em uma fábrica de tintas, sugestivamente nomeada como Liberty Paints, por Ellison. Lá, tem contato com a primeira noção do mundo do trabalho nos EUA, uma experimentação da realidade das grandes fábricas, do grande capitalismo enquanto ambiente social. Ele tem contato com os sindicatos, com as disputas internas, com os problemas de relacionamento e com o ambiente competitivo. É ali que ele tem suas primeiras noções de classe. E descobre que mesmo as instituições cuja missão primordial é proteger os interesses dos trabalhadores podem ser vistas de forma negativa por eles:

Esse maldito sindicato – ele gritou, à beira das lágrimas – esse maldito sindicato. Eles tão é atrás do meu emprego. Um cara como eu entrar pra um desses malditos sindicatos é a mesma coisa que morder a mão de quem te ensinou a tomar banho de banheira. Tenho ódio dele e juro que vou continuar a fazer tudo o que puder pra botar ele pra fora da fábrica. Eles tão de olho no meu emprego, aqueles calhordas de merda (ELLISON, 1990:186).

O lema da empresa é: *Keep America Pure with Liberty Paints*. A função do narrador é misturar sistematicamente uma pequena quantidade de pigmento escuro em uma grande base de tinta branca e, a partir daí, obter tons suaves. Durante seu treinamento, recebe uma diretriz de seu superior imediato: "That's it. That's all you have to do", he said. "Never mind how it looks. You just do what you're told and don't try to think about it" (ELLISON, 1994:200). A mecanicidade da atividade industrial é explorada por Ellison em descrições

longas sobre as rotinas fabris. O homem invisível termina, acidentalmente (sempre acidentalmente) entrando em uma reunião sindical que está acontecendo no horário de almoço. Os demais colegas acreditam que ele é na verdade um trabalhador-espião, infiltrado pelos patrões para monitorar as manifestações dos sindicatos. Durante a confusão, entra em luta corporal com um dos colegas e ambos acabam provocando uma explosão em um dos cilindros de tinta.

Enviado a um hospital, ele é submetido a diversos experimentos médicos, incluindo eletrochoque. É um paciente negro, não possui identificação, não se recorda de seu próprio nome. Está enfermo. Reúne, portanto, as qualidades necessárias para ser uma cobaia humana. Aqui, sem dúvida, trata-se de uma menção a uma chaga histórica norte-americana: a da relação exploratória entre indústria farmacêutica e comunidade negra. Entre os anos de 1950 e 1972, inúmeras experiências médicas foram realizadas em pacientes negros, sem qualquer tipo de consentimento ou de anuência deles. O caso mais relevante ocorreu em Tuskegee. Um grupo de quatrocentos indivíduos negros infectados com o vírus da sífilis foi constantemente monitorado pelo sistema de saúde local. A cada consulta médica, os sintomas eram anotados, arquivados e alimentavam um sistema de dados construído a fim de se produzir uma vacina para a doença. A maior parte dos pacientes monitorados morreu como consequência da doença. Os sobreviventes apresentaram as sequelas físicas típicas da doença, o que não os impediu de receberem, em 1997, das mãos do então presidente Bill Clinton, um pedido de desculpas públicas por aquilo que classificou como "vergonhoso."⁵⁸ Este foi o único caso de flagrante do uso de indivíduos negros como cobaias no desenvolvimento de medicamentos da

⁵⁸ O discurso que Bill Clinton proferiu naquela ocasião está disponível, na íntegra, no link <http://www.cdc.gov/tuskegee/clintonp.htm>.

indústria farmacêutica nos EUA, mas o senso comum apontava que isso era algo corriqueiro. *Homem Invisível* capta essa sensação de desconfiança da comunidade negra em relação aos sistemas de saúde. A versão original do livro trazia ainda inúmeras descrições dos experimentos sofridos pelo homem invisível. Trazia também um pequeno monólogo de um dos médicos, relacionando as diretrizes da saúde pública norte-americana à eugenia. Esse conteúdo foi inteiramente excluído da versão publicada em 1952.

O narrador, temendo ser vítima de procedimentos piores, abandona o hospital e acaba desmaiando nas ruas do Harlem. É acolhido por uma moradora local, uma ativista que aceita hospedá-lo de forma gratuita. Durante sua recuperação, o homem invisível costuma andar pelo bairro e, em um desses passeios, ele acaba por interferir em uma tentativa de despejo de dois moradores idosos. A maneira como conduz a situação chama atenção de um homem que se apresenta como "Brother Jack". Ele convida o narrador para fazer parte da Brotherhood (uma representação que Ellison cria, simbolizando todas as agremiações de filiação marxista da época). Ele frequenta palestras sobre liderança negra, ministradas por indivíduos brancos, que o preparam para a militância. Após um período bem-sucedido como ativista, é advertido pela irmandade de que tem recorrido a "ideias erradas" e de que a função da associação à qual ele se reporta agora é fomentar "as ideias corretas, na forma correta." Por isso, é suspenso. Quando retorna ao Harlem, o homem invisível encontra a primeira convulsão social (*riot*). Um dos membros da Brotherhood, vestido com aquilo que parece ser, para o narrador, uma vestimenta africana típica de rituais de guerra, procura incendiar prédios da vizinhança. Durante a situação, ele é confundido com o incendiário por um segurança local, que o persegue. Na fuga, o homem invisível acaba caindo em um buraco que estava

aberto e o homem, de forma sarcástica, zomba da situação, fechando a tampa do bueiro.

É assim que o homem invisível chega ao subsolo. Ele decide *ficar* lá, mas não foi ele quem decidiu *ir* para lá. A presença do protagonista em um bueiro de esgoto tem sido apontada por muitos pesquisadores como uma versão afro-americana da narrativa de Jonahtan Swift em *As Viagens de Gulliver*. Sem dúvida, há certa conexão entre esses dois livros, no sentido em que o protagonista de *Homem Invisível* também se propõe a retornar à civilização para transformá-la. A diferença fundamental, contudo, está no fato de que o protagonista de *Gulliver* retorna para ensinar o que aprendeu com os outros, em suas viagens, enquanto o homem invisível promete retornar para ensinar o que aprendeu solitariamente, nos anos de reflexão, no subsolo.

A partir desse ponto, a narrativa muda de especificidade, saindo das peripécias do protagonista e indo em direção a um subjetivismo radical. Os interlocutores somem. Fica somente o homem invisível e o leitor. "And I awoke in the blackness. Fully awake now (ELLISON, 1994:570)." Esse despertar da consciência de classe tem sido interpretado como um despertar de caráter identitário, como se o problema do homem invisível fosse consigo próprio, com a maneira que ele mesmo lidava com sua condição, e não como se o problema fosse o que é, a condição ela mesma. Embora encampada por Ellison, essa ideia despolitizada do livro enfrenta resistência no próprio narrador:

No, I couldn't return to Mary's, or to the campus, or too the Brotherhood, or home. I could only move ahead or stay here, underground. So I would stay here until I was chased out. Here, at least, I could try to think things out in peace, or, if not in peace, in quiet. I would take up residence underground. The end was in the beginning

(ELLISON, 1994:571).⁵⁹

Ele não encontrou "seu lugar no mundo", como deseja fazer crer certo grupo crítico que posiciona o livro como uma viagem do protagonista em busca de sua identidade. É frontalmente o contrário: ele tomou consciência de que não possui um lugar no mundo, de que o espaço reservado para sua subjetividade, entre as engrenagens do mundo social capitalista, é exíguo e ele parece não caber nele sem que tenha que recorrer a mutilações que o reduzam.

No epílogo, ele reencontra Mr. Norton no metrô, que não o reconhece. Depois de fazer duas perguntas sem sentido e dizer a Mr. Norton que ele é seu destino, o homem invisível simplesmente gargalha e fica imóvel. Mr. Norton parte e o homem invisível retorna ao subsolo. E de lá explica a razão de seu ostracismo:

I got away from it all. But that wasn't enough. I couldn't be still even in hibernation. Because, damn it, there's the mind, the mind. It wouldn't let me rest. Gin, jazz and dreams were not enough. Books were not enough. My belated appreciation of the crude joke that had kept me running, was not enough (ELLISON, 1994:574).⁶⁰

Homem Invisível tem sido interpretado como uma peça de grande apelo à comunidade negra. Meu argumento aqui vai justamente na direção contrária: considero-o de grande apelo à comunidade branca. "In lower

59 "Não, eu não poderia retornar à Mary, ou ao campus ou à Fraternidade, ou mesmo ir para casa. Eu só poderia me mover para frente ou, no máximo, permanecer onde eu estava, no subsolo. Sim, eu ficaria por ali enquanto estivesse sendo caçado. Ali, pelo menos, eu poderia refletir em paz, ou, pelo menos em silêncio. Eu estabeleceria residência no subsolo. O fim estava no começo" (1994:571).

60 "Fui para longe de tudo, mas não foi o bastante. Eu não pude sequer hibernar. Porque, diabos, existe o juízo, o juízo. O juízo não me deixou descansar. Gim, jazz e sonhos não foram suficientes. Livros não foram o suficiente. A cruel lembrança da piada antiga que me mantivera em movimento durante todo esse tempo não era, tampouco, suficiente" (1994:574).

frequencies do I speak for you?" Sem dúvida, a fala do narrador a um suposto leitor negro pressupõe premissas interessantes tais como:

- a) de que há um público negro interessado em romances;
- b) de que esse leitor ideal é capaz de tamanha abstração;
- c) de que há algo que conecta os indivíduos negros, através da experiência social, mas que, ao mesmo tempo, não tem o poder de anular as diferenças individuais;
- d) que as diferenças individuais não anuladas pela experiência social não possuem o poder de anular a própria experiência social.

Há outras considerações a serem feitas, essas do ponto de vista da escolha da proposição *for*. Ele diz falar *pelos* negros e não *para* os negros. Isso supõe, portanto, a existência de algo que necessita ser dito e que ainda não foi, até a redação do livro, por uma incapacidade dos agentes sociais negros em mobilizar toda a tradição filosófica (que por vezes desconhecem) e articulá-la sob a ótica de uma perspectiva de negritude, utilizando o jazz (que por vezes, de forma ainda mais estranha, também desconhecem).

Todos os elementos da cultura negra americana: o jazz, a centralidade da oralidade, o papel protagonista das religiões, estão presentes na obra. É por isso que a obra é, ao mesmo tempo, registro e provocação. Registro porque adula esses elementos narcisísticos que sustentam grande parte da identidade negra. Provocação porque os coloca a serviço de um espetáculo, ao mesmo tempo em que é uma suspeita de irmandade, de parentesco entre os sofrimentos dele e do leitor. Esse fragmento revela uma decepção quanto às possibilidades de os membros da comunidade negra daquele período poderem, eles mesmos, falar por si próprios, sem a necessidade de porta-vozes. Aquele que fala em nome de alguém se coloca no turno de fala desse alguém,

ampliando o tempo de silêncio da vítima social que pretendia proteger. Isso é objetivamente oposto tanto ao ideal comunista – segundo o qual os trabalhadores falam por si próprios – quanto ao ideal liberal – no qual os indivíduos não precisam de porta-vozes porque são senhores de sua própria vontade.

Ellison tinha absoluta consciência disso. Sabia que "em baixas frequências" escrevia em nome de uma elite; uma elite que cobraria dele uma operação de traição para fazer parte dela. Traição semelhante à de Prometeu, mito que tanto o fascinou e que tanto influenciou a redação de seu principal romance. Eis um romance de oposições (brancos x negros, homens de ação x homens de pensamento, estatutos de razão x estatutos de emoção, norte x sul), onde a oposição se apresenta como motor do conflito e, ao mesmo tempo, razão da grandeza estética da obra. Um duplo problematizador, que forja o autor como dono de uma singularidade inédita, mas que aparentemente o aprisiona em uma monotonia temática que se estende ao futuro.

Ao final do livro, o narrador encontra o sentido estético de seu sofrimento no lirismo desencantado de *What did I do to be so black and blue?* Em 1952, essa canção parecia ser a trilha sonora ideal para o lamento e a desistência dos enfrentamentos das questões raciais cotidianas⁶¹.

61 "E se, além disso, a invisibilidade ensinou meu nariz a classificar os odores da morte. Ao ir para o subsolo, eu desprezei tudo exceto a mente, a minha mente. E a mente que concebeu um plano de vida nunca deve perder de vista o caos contra o qual esse modelo foi concebido. Isso vale para sociedades e para indivíduos. Assim, tendo tentado dar uma ordem ao caos no qual vivo dentro do modelo de suas certezas, devo emergir. E ainda há um conflito dentro de mim: com Louis Armstrong, uma parte de mim diz 'Abra a janela e deixe o ar poluído sair', enquanto a outra parte diz, "era bom o milho antes da colheita". É claro que Louis estava brincando, ele não teria jogado o ar ruim para fora porque isso teria rompido a música e interrompido a dança, quando era a boa música vinda do velho sino o que contava. O velho ar poluído ainda está ao redor da sua música e ainda está ao redor de sua dança e de sua diversidade, e eu vou continuar com a minha. É, como disse antes, uma decisão foi tomada. Eu vou retirar a velha pele e deixá-la aqui no buraco. Estou saindo. (ELLISON, Ralph. **Homem Invisível**. São Paulo: Marco Zero, p.435).

O protagonista pretende um dia reproduzir tal música, amplificada por aparelhos potentes, para toda a cidade. Seu projeto pessoal é fazer da autocomiseração uma semente de transgressão⁶². Ele está convencido de que os brancos possuem sua própria interpretação sobre os negros. E que, baseado nessas interpretações, fizeram as leis, os códigos, e sobre elas estabelecem suas produções artísticas. Seus filmes, seus livros, sua cultura estaria toda embebida nessa tradição.

A representação dos brancos opera como uma individualização e um deslocamento da reação étnica. Os brancos são vistos como indivíduos e protegidos em sua individualidade. O que um deles faz não costuma ser atribuído ao outro. É por isso que a escravidão, uma página histórica que deveria ser de vergonha para os brancos, é frequentemente tomada como uma humilhação dos negros, e se transformou em uma espécie de crime onde a vítima necessita ser constantemente lembrada e o algoz constantemente esquecido. A forma como essas duas ideologias dialogam, como se acusam, se presentificam e ensaiam suas ausências é tematizado na parte final de *Homem Invisível*. *Homem Invisível* tornou-se um elo de ligação entre os negros americanos, transformando-se em uma espécie de ritual de passagem para jovens negros de todo o sistema escolar.

No final da obra, ele já pensava no risco disso quando menciona que

62“Vocês podem estranhar que um homem invisível precise de luz, anseie por luz, ame a luz. Mas talvez isso se dê exatamente por eu ser invisível. A luz confirma a minha realidade, dá origem à minha forma. (...)“No meu caso, só me tornei vivo depois de vinte anos de existência, quando descobri minha invisibilidade. Nada, nem tempestade ou inundação, deve interferir em nossa necessidade de luz, de uma luz sempre mais forte” (ELLISON, Ralph. **Homem Invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.10). Iluminar, sem dúvida alguma, é o que pretende Ellison com seu livro. Fazer aparecer a forma oculta dos negros nas sociedades brancas. O protagonista desperta para a realidade de sua condição social a partir de suas experiências como homem negro. Já o leitor pode ter acesso à realidade da questão racial apenas lendo o livro. Ellison propõe então essa potência do fazer literário: fornecer acesso às experiências alheias para compreender melhor sua própria experiência social.

o que o assusta é que “em frequências mais baixas” ele fale também pelo leitor. Possivelmente, a prolongada ausência do segundo romance se deu porque Ellison perdera a crença no poder do autor em relação à sua obra.

If the Negro, or any other writer, is going to do what is expected of him, he's lost the battle before he takes the field. I suspect that all the agony that goes into writing is borne precisely because the writer longs of acceptance – but it must be acceptance on his own terms. Perhaps, though, this thing cuts both ways: the Negro novelist draws his blackness too tightly around him when he sits down to write – that's what the anti-protest critics believe – but perhaps the white reader draws his whiteness around himself when he sits down to read. He doesn't want to identify himself with Negro characters in terms of our immediate racial and social situation, though on the deeper human level, identification can become compelling when the situation is revealed artistically⁶³.

Durante todo o livro o protagonista se encontra com outros negros que odeiam outros negros e que estão sempre em defesa do *status quo*. Porque, afinal, para esses negros pouco importa a situação geral do negro americano, desde que sua própria condição individual esteja, pelo menos levemente, acima dela.

O enredo de *Homem Invisível* não é o principal. Ele existe como elemento de preparação para os monólogos do narrador. E isso ocorre como forma de demonstrar que as ações sociais às quais os negros são confrontados demandam uma série de comportamentos igualmente esvaziados de sentido

⁶³ “Se o negro ou qualquer outro escritor for fazer aquilo que se espera dele, a batalha estará perdida antes mesmo que ele ingresse no campo. Suspeito que toda a agonia de escrever advém precisamente porque o escritor almeja a aceitação – mas aceitação em suas próprias condições. Talvez, isso seja uma faca de dois gumes: o escritor romancista negro retrata sua negritude tão próxima dele quando se senta para escrever – que é o que os críticos anti-protesto acreditam – mas talvez o leitor branco retrate sua branquitude ao redor dele quando ele se senta para ler. Ele não quer se identificar com personagens negros, numa imediata raça e situação social, embora no nível humano mais profundo, a identificação possa se tornar constrangedora quando a situação é revelada artisticamente” (ELLISON, 1995:170).

humano. Em um sistema desidratado de inteligência, não é possível agir de forma inteligente. E cada vez que o homem invisível procura agir com sensatez, o resultado de sua ação é ainda mais desastroso, mais irracional. É somente quando ele recorre à fuga, à violência, à vida no esgoto, enfim, a situações absolutamente opostas ao que se poderia chamar de sensatas, é que as coisas se tornam estáveis. E é dessa estabilidade, conquistada com o absurdo, que surge suas mais potentes racionalizações. Embora, é claro, seja um grande construtor de cenas, Ellison não se dedica a um realismo em que os autores necessitam do real para encobrir a ausência de potência criativa. Ellison se localiza mais na linha de um Faulkner, em quem todas as suas raízes são expostas através de rituais cuidadosos, que se apresentam ironicamente como encenações cujo desejo aparente seria ocultá-las. Seu texto é fluido, mas alegórico; reto, mas sinuoso; palavroso, mas enxuto; caucasiano, mas negro.

Mas, na realidade, *Homem Invisível* talvez tenha sido um livro que escapa ao usual modelo de relação de obras cânones e obras periféricas (seja porque seu autor não fazia parte dos círculos escolhidos pela onda da crítica ao poder, seja porque sua publicação, no princípio da década de 50, não pôde navegar na onda das legitimidades geradas pelos autores fora do círculo dos privilegiados). Ellison foi o primeiro autor negro a romper a fronteira cultural da literatura norte-americana de prestígio e o fez com uma obra que não representava uma ruptura estética inovadora (nada que pudesse sugerir o nascimento de uma nova literatura, uma literatura negra, cujo grau de exotismo poderia exercer algum componente sedutor sobre a crítica caucasiana). *Homem Invisível* encaixa-se com perfeição na cauda longa do modernismo, tendo maiores afeições com *Ulisses* do que com a *Cor Púrpura*, para efetuar uma

comparação em relevo⁶⁴. Assim, *Homem Invisível* não participa do debate do cânone, pois parece localizar-se tangencialmente em relação a ele. Embora esse tema seja recorrente quando se aborde um livro cuja especificidade é, sem dúvida, oriunda da experiência biográfica do autor com as condições sociais de sua época, não se pode desconsiderar o risco de uma espécie de falsificação crítica através da qual se pretende tomar de empréstimo do autor a legitimidade de seu testemunho. Isso ocorre tanto para advogar em defesa de uma suposta inexistência de componente racial nos julgamentos estéticos quanto para libertar o romance das tentativas de manipulação dos processos de recepção. Nesse sentido, a obra restou por usufruir de uma atmosfera de independência ideológica raríssima em textos produzidos por autores oriundos dos círculos sociais periféricos, mas que, como efeito colateral nocivo, gerou uma sensação de livro-sem-autor. Não por outra razão Sarment Dejoue, em *It ain't me*, chega a se referir seis vezes a *Homem Invisível* como sendo "o livro sagrado" (págs. 21, 28, 32, 34, 66, 109), termo que remete diretamente ao sentido judaico-cristão de palavras-sem-autoria-humana. Esse sentimento opera mais uma vez de forma dialética: por um lado oferece a leitura do livro como

64 Frequentemente, na produção teórica sobre o autor (isso pode ser comprovado com evidência na *Cambridge Companion* sobre Ellison), encontra-se um teor crítico que coloca *Homem Invisível* como uma obra representante de certo movimento estético-político que pretendia renovar a cultura da época, introduzindo nela elementos da cultura periférica. A realidade factual era, contudo, outra: Ellison pretendia justamente o contrário: introduzir na cultura negra toda a erudição e reflexão que ela estivesse disposta, naquele momento histórico, a sustentar. O autor realizava a performance de guardião da cultura formal, mas grande parte dos críticos o louvavam porque sua origem étnica representaria, de saída, uma possibilidade de renovação cultural. A ironia robusta do episódio reside no fato de que essa renovação estava sendo efetuada por um autor cuja formação cultural era essencialmente conservadora e baseada em autores tão centrais quanto àqueles que a própria crítica julgava estar desprezando ao montar seu altar a Ellison. Ou, em outra medida: "A crítica ao cânone literário encontra-se ela mesma amparada em um cânone teórico, muito mais restrito e inescapável que ele, que pelo menos tem vários séculos atrás de si." (DURÃO, Fabio in variações **sobre os equívocos do debate do cânone**. Remate de Males, pp. 613-623, Jul./Dez. 2014).

experiência cultural incontornável às comunidades negras; por outro, sacraliza aquilo que é inegável produto da ação humana, fruto de um esforço louvável de Ellison em analisar, dissecar e transformar o espaço politico-geográfico em que habitou.

Em sua última fala, o narrador diz que a possibilidade de não ser o único a enfrentar essas questões o aterroriza. O temor não é, portanto, o da solidão, e sim o de seu contrário. A descontinuidade entre um ser humano e outro, que pode ser vista como motivo de grande angústia e motor de parte do existencialismo branco, em Ellison surge como um elemento fantasmagórico, concentrado em seu oposto: talvez haja comunicação possível. O ponto de partida de um grupo privilegiado é de que a crença na existência de um sentido para a existência humana deve ser colocada sob suspeita. O ponto de partida para o grupo do qual Ellison faz parte é de que a certeza da falta de sentido para a existência humana, baseado na construção contínua de uma vida de humilhações e explorações, deve ser colocada sob suspeita.

3.2 A publicação

Entre a entrega dos originais à casa editorial e a publicação do livro ocorrem transformações na estrutura narrativa demandadas pelos editores. As eventuais pressões estéticas são reduzidas a condições mercantis, afinal, o livro é uma mercadoria, e como tal precisa representar uma série de elementos em si mesmo para justificar sua presença enquanto potência comercial. Mas, afinal, o que o leitor adquire quando tem em mãos um exemplar de *Homem Invisível*? Certamente não é a experiência de ser negro; nem a possibilidade de encontrar, sendo o leitor um indivíduo negro, um antídoto para sua invisibilidade. O leitor possivelmente leva para casa o resultado de um complexo jogo de pressões

sociais e políticas. E é precisamente isso o que faz de *Homem Invisível* um livro bem-sucedido. Ele apresenta a questão racial sob um prisma violento nas descrições, mas metafórico, obscuro e às vezes dúbio sobre o partido que está tomando na questão. Maximizando a condição financeira do protagonista, o livro tende a enfatizar a máxima liberal de que não seria o gênero ou a raça, mas sim a economia o motor das forças sociais. "É a economia, estúpido", parece nos dizer a presença opulente da obra nas livrarias norte-americanas. A frase, tornada internacionalmente conhecida nas eleições presidenciais estadunidenses de 1992, transforma o embate entre duas vertentes – a marxiana e a smithiana – em confrontos sobre a visibilidade das engrenagens que movimentam o sistema econômico. Para o funcionamento satisfatório de um sistema capitalista é desejável um esforço em nome de um apagamento histórico. Esse apagamento visa tanto um projeto futuro, baseado numa pulsão ideológica de tentativa de cerceamento da faculdade de pensar, quanto a própria interdição do ato literário, do ato de escrever, em um sentido ainda mais amplo.

Uma imensa liberdade de pontos de partida com uma exígua estrutura de chegada. Pode-se elucubrar sobre tudo, desde que se conclua a mesma coisa sempre. Outro aspecto desse apagamento é o que mais interessa ao objeto analisado aqui, o de um desaparecimento das estruturas de construção das realidades sociais. "É a economia, estúpido" anuncia não somente uma verdade divina, como também um alerta ao interlocutor. O "estúpido" opera como algo que já deveria ter sido concluído pelo interlocutor, algo tão óbvio quanto a própria existência da gravidade. O pensamento econômico é, sem dúvida, um elemento constitutivo central tanto do pensamento marxiano quanto do pensamento smithiano. A diferença entre as

duas escolas não está, evidentemente, no que investigam, mas naquilo que concluem a partir dos elementos que entabularam. Tanto para Marx quanto para Smith, os elementos sociais, a vida dos seres humanos, as guerras, suas inquietações e, radicalmente, até mesmo suas abstrações mais elevadas estavam relacionadas à maneira como os seres humanos organizaram, em diferentes momentos da existência humana, a busca e a manipulação dos elementos da natureza indispensáveis para a manutenção da vida orgânica. Assim, enquanto Smith concentrou-se nos efeitos positivos da concorrência, Marx atentou para a tendência acumuladora do sistema. Enquanto Smith enfatizou a alta maleabilidade do sistema capitalista em comparação ao engessado feudalismo, Marx se recusava a se esquecer de que o senhor feudal de ontem era o feliz proprietário dos meios de produção de hoje. Para os comentadores das duas escolas, a economia passou a ser sinônimo de abstração e não de condições concretas. Para smithianos, a livre concorrência se torna a mão invisível do mercado. Para marxistas, a economia passa a ser um substituto da ideologia. Assim, quando querem se referir aos capitalistas, por vezes expressam-se jocosamente usando o termo "os economistas" – não raramente em oposição moral em relação a algum valor pretensamente universal, como um adendo comum a frase: "As recessões produzem dano real nos trabalhadores, mas os economistas..." Isso ocorre particularmente por dois motivos:

a) a supressão do termo economia política, realizada logo no começo do século XX;

b) a vitória indubitável do sistema capitalista como controlador político das mais variadas nações⁶⁵.

⁶⁵ Não interessa a mim aqui estabelecer um tratado com as condições para um regime ser ou não considerado capitalista. Contudo, rejeito frontalmente a noção do sistema chinês como o de um socialismo tardio, um capitalismo de estado ou qualquer uma dessas variantes híbridas. As estatais chinesas parecem mais *players* competentes de um sistema capitalista clássico, e não

Em *Estado e Forma Política*, Alysson Mascaro nos lembra que o capitalismo trouxe a separação entre poder econômico e poder político. Em alguns momentos, essa separação foi tida apenas como administrativa, burocrática e não suficientemente relevante pela crítica marxista. Assim, durante muito tempo, confundiu-se a tomada do Estado pela tomada do sistema. Disso provêm as sucessivas frustrações de administrações que, tendo em seu comando político partidos e agremiações de esquerda, continuam reféns do sistema capitalista, da especulação financeira, da concentração de renda e daquilo para o qual foram eleitos para combater. Para Alysson, acertadamente, o Estado não é circunstancialmente burguês, ele é essencialmente burguês⁶⁶. Ele não é acidentalmente caucasiano, ele é fundamentalmente caucasiano, embora não se canse de passar por proletário, por negro, por explorado, sempre que isso sirva para ocultar as estruturas que o sustentam. A economia, portanto, aparece como superior à política, e deixa de ser um campo de estudo para ser um sinônimo da derrota política dos regimes autodeclarados marxistas. Isso tudo é ainda amplificado pelo renitente discurso midiático de que o muro de Berlim teria tombado por força das vontades individuais e da falência econômica do sistema soviético. A principal estratégia para recuperar o

comprovações de que naquele país os meios de produção estejam nas mãos do estado. Por outro lado, experiências como as da Coreia do Norte, da Islândia, da Venezuela e de Cuba possuem tantas semelhanças com o modo de operação econômica de países vizinhos que a única coisa que se pode inferir com certeza é que seus dirigentes estão mais preocupados em suportar os ataques do sistema global capitalista do que propriamente propor uma alternativa a ele. Seria bastante ingênuo sugerir que a sequencia constrangedora de golpes violentos que um lutador encurralado nas cordas recebe faz parte de sua estratégia de reação.

66 “A consciência das classes dominantes é marcada por uma característica dupla: a adequação de seus interesses aos princípios de organização da sociedade existente e a necessidade de justificar essa organização perante os que a contestam. Para justificá-la, os membros da sociedade existente tendem espontaneamente a dar a seus interesses particulares uma forma universal (assim a propriedade privada é apresentada como um direito que é do interesse de todos respeitar, ou como um direito universal)” (DUMENIL, Gerard. **Ler Marx**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.191).

prestígio político do pensamento marxista é resistir ao impulso de negar que a experiência soviética foi marxista, mas dissecar de forma a deixar muito claro em qual nível essa experiência foi marxista. Não ocorre a ninguém, que, tendo notícia da existência de pontes e prédios que desabaram, tenha constatado a "invalidade da engenharia", "a morte melancólica da matemática" ou ainda "a utopia do cálculo estequiométrico"⁶⁷.

Ademais, em vez de replicarmos a declaração "é a economia, estúpido", seria mais fértil se perguntássemos, socraticamente: o que é a economia? Quando o *staff* publicitário da campanha de Bill Clinton cria essa postulação publicitária, ele pretende esconder o fundamental: "é o capitalismo, estúpido". E, de fato, George Bush estava bastante convencido de que o capitalismo teria algum tipo de compromisso ideológico com os membros das elites locais. Era, sob essas condições, impossível para ele compreender a decadência da indústria automobilística americana, que perdia cada vez mais espaço para aquilo que se convencionou chamar – em um interessante sintoma psicanalítico – de tigres asiáticos. A economia era, dessa forma, uma força sem limites, sem possibilidades políticas e sem interesses. Esse "dessa forma" operava como um problema aos republicanos, mas era um problema ainda maior para os marxistas. Uma coisa é conclamar os trabalhadores a lutar contra os patrões. Outra, bem mais difícil, é conclamá-los a lutar contra essa entidade ectoplasmática e fantasmagórica chamada economia. Assim, todo o esforço de uma memória materialista sobre a história das coisas, dos objetos e da

⁶⁷ Da mesma forma que a Somália não é lembrada em seu regime capitalista. A Somália seria então um país problemático apesar de ser capitalista enquanto Cuba seria um país problemático justamente por ser marxista. Ocorre que, evidentemente, nem Cuba é um exemplo marxista nem Somália é um exemplo de capitalismo. Em uma extensão de terra tão pequena como uma ilha do Caribe é bastante difícil reunir as condições necessárias para o desenvolvimento de um sistema econômico marxista. Por mais sedutora que pareça aos países miseráveis, a solução marxista não é uma mera medida administrativa.

construção, foi substituído por uma narrativa das próprias coisas. A história do trabalho se transformou em a história da evolução natural do trabalho. A atividade humana se reduziu finalmente àquilo a que não pôde combater, àquilo que necessitou aceitar sem restrições: a economia capitalista como desenvolvimento das relações biológicas. Já não se tratava mais de aderir ou não a ela. Ela adquiriu um aspecto de verdade ofuscante, resistente a qualquer exame ou enquadramento. Ato contínuo, ocorre, então, uma operação de substituição da memória pelas histórias de confirmação das novas tradições estabelecidas pelo poder econômico. Assim, qualquer história receberia o status de verídica quando concordasse com a ordem do capital; fora disso, seria automaticamente descartada, pois revelaria um compromisso com uma verdade específica, parcial, e distante da realidade viva da nova ordem. A história real, a história toda, por assim dizer, se resumiria à evidência de que as sociedades sempre estiveram em busca de um regime econômico que concordasse com sua natureza competitiva. Dessa forma, qualquer denúncia sobre as dificuldades do capitalismo se transformou em uma comprovação das naturezas profundas do ser humano, naturezas perversas e reconhecidas como perversas, mas indestrutíveis, porque atentar contra elas seria atentar contra a especificidade animal que nos diferencia dos demais animais. O paradigma rousseauiano de selvageria não é apenas questionado, mas frontalmente combatido como uma espécie de filia pervertida do pensamento filiado às esquerdas. Tudo aquilo que foi feito às minorias nada mais seria do que a manifestação exata de nossa imperfeição. Essa imperfeição humana deveria ser celebrada e não combatida. Assim, nas mais diferentes representações – na teológica (através da definição do ser humano falível em oposição ao ser divino perfeito), na histórica (através do revisionismo constante que não procura equivaler os esforços dos povos,

desfazendo qualquer compreensão de opressão e transformando os massacres em meras batalhas, elevando o caráter combativo do “outro lado”, na reabilitação dos argumentos centrais das ditaduras do Mercosul, passando pela renitente tentativa de apontar os cúmplices negros na história da escravidão) e na sociológica (através da transformação da exploração do outro em quantificação de metas e das metáforas que insinuam que o mundo empresarial é uma atualização da vida natural selvagem). Todos esses elementos estão reunidos em conjunto que sustenta o capitalismo. Foi sobre essa estrutura que Ralph Ellison edificou seu romance. E é de dentro dela que *Homem Invisível* foi gerado. Essas condições de produção e de edição indicam que o tema não era apenas caro a Ellison, mas a toda sociedade americana. Evidentemente, *Homem Invisível* não foi o motivo das revoltas que tomaram a América nos anos que se seguiram à sua publicação, mas é fundamental reconhecer que ele fez parte delas. Ele foi gerado no seio da mais profunda indignação e sua edição coroou um tipo de sentimento comum no americano negro médio: o de que havia uma cidadania que estava sendo negada aos negros. *Homem Invisível* falava diretamente aos negros em um tempo em que não havia quase nenhum espaço onde se pudesse falar abertamente a eles. Ao contrário de outros romances sobre a condição negra, *Homem Invisível* não se reduzia ao processo de vitimização do oprimido. Ele seguia além em sua investigação e em sua proposta. Mais do que dizer o que os negros enfrentavam, ele ousava apontar um culpado para essas agonias: o racismo.

Essa interpretação agradava de forma direta à classe intelectual branca, que acolheu o livro com entusiasmo. *Homem Invisível* parecia ser capaz de realizar um raro diálogo: de um lado apontava que os negros sofriam por causa de um sistema social injusto. Do outro, culpabilizava o racismo – e não os

brancos – pelo que eles, os negros, passavam.

Vérité amère: que la radicalité n'est plus du côté de l'intelligence critique. Cell le-ci n'est plus à la mesure du collapse de la réalité et du passage à la réalité intégrale. La vérité, c'est-à-dire l'inhumanité de cette situation, ne peut plus être démasquée que de l'intérieur, par les agents, volontaires ou involontaires, de cette malversation du réel. Seul le mal peut encore dire le mal - le mal est ventriloque. L'intelligence critique, elle, ne peut plus que sauter pardessus son ombre⁶⁸.

Esta sombra pode muito bem ser especulada como o vestígio impalpável de uma individualidade invisível e imaterial. E, sem dúvida, a publicação de *Homem Invisível* é um episódio eloquente e fortuitamente incomum de visualização dessa individualidade difusa.

Vista por esse lado, a edição de *Homem Invisível* é uma concessão feita em um momento pré-convulsão social. A negociação foi feita, então, não em relação ao texto, mas à filiação deste texto. Ellison tornou-se, ao mesmo tempo, um apaziguador e um ativista. Um crítico da América e um porta-voz do *self-made man*. Se fosse bem-sucedido, se tornaria um comprovante do alcance da meritocracia na América. Assim, antecipavam-se as palavras proferidas 60 anos depois por Barack Obama, o primeiro presidente negro da nação, na ocasião do discurso de vitória de seu segundo mandato⁶⁹. Na tradição literária americana,

68 “Verdade amarga: o radicalismo não está mais do lado da inteligência crítica. Ele não está mais na medida do colapso da realidade e da passagem para a realidade íntegra. A verdade, isto é, o desumano dessa situação, não pode mais senão ser desmascarado do interior, pelos agentes, voluntários ou involuntários, dessa deturpação do real. Apenas o mal ainda pode dizer o mal. O mal é ventríloquo. A inteligência crítica não pode mais fazer outra coisa senão pular por cima de sua própria sombra” (BAUDRILLARD, Jean. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 28 • dezembro 2005 • quadrimestral 7). Tradução minha.

69 “Eu acredito que possamos manter nossa promessa fundadora: a ideia de que se você estiver disposto a trabalhar duro, não importa quem você seja, ou de onde venha; não importa como se pareça; não importa onde você viva. Não importa se você é negro ou branco; hispânico, asiático ou nativo americano; não importa se é velho ou novo; rico ou pobre, deficiente físico ou não; não importa se é gay ou hétero... na América você pode ter sucesso se estiver disposto a tentar.” Barack Obama, Disponível em <http://www.youtube.com/watch?>

esse pensamento aparece também em *A Marca Humana*, obra de Philip Roth, em que um professor de universidade mestiço decide se passar por branco, negando sua origem afro-americana.

Na Howard, Coleman não descobriu apenas que era um crioulo em Washington, como descobriu também que era negro. Mas durante todo o primeiro mês, ele foi um crioulo e mais nada. Não. Não. Ele via o destino que o esperava e não o aceitava. Aprendia-o intuitivamente e recuava com uma repulsa espontânea. Não podia deixar que o grande *eles* lhe impusesse seu preconceito. Também não podia deixar que o pequeno *eles* se transformasse num *nós* e lhe impusesse sua ética. Não à tirania do *nós*, àquela conversa do *nós*, a tudo aquilo que o *nós* quer empilhar sobre sua cabeça. Não, jamais a tirania do *nós*, sempre louco para tragá-lo, aquele *nós* moral, coercitivo, abrangente, histórico, inevitável, com seu insidioso *pluribus unum*. Nem o *eles* da Woolsworth's nem o *nós* da Howard. Em vez disso, o *eu* nu e cru, com toda a sua agilidade. A autodescoberta – isso é que era o soco no estômago. A singularidade. A luta encarniçada pela singularidade. O animal singular (ROTH, 1998:142).

Assim como em *A marca humana*, a coletividade dos negros é vista como uma forma de diluição da identidade negra e, dessa forma, tem conteúdo altamente repulsivo. Quanto mais isolados estiverem, mais seres humanos serão. Quanto menos pensarem em si mesmos como parte de um conjunto social maior, melhor estarão. Isso serve a dois propósitos. No primeiro, reforça o mito norte-americano do individualismo. No segundo, afasta os riscos políticos da coletivização e do pensamento sobre a classe⁷⁰.

v=CAPDMtyvKoA, acessado em 30-05-2015, às 04 horas e 31 minutos.

70 “Quem se aproxima de mim vê apenas o que me cerca, a si mesmo, ou os inventos de sua própria imaginação – na verdade vê tudo e qualquer coisa, menos eu. Minha invisibilidade também não é, digamos, o resultado de algum agente bioquímico da minha epiderme. A invisibilidade a qual me refiro ocorre em função da disposição peculiar dos olhos das pessoas com quem entro em contato. Tem a ver com a disposição de seus olhos internos, aqueles olhos com que elas enxergam a realidade através de seus olhos físicos.” ELLISON. Ralph. **Homem**

Em Ralph Ellison essa questão é particularmente relevante, pois, se *Homem Invisível* é apenas mais um partícipe do processo de tomada de consciência dos negros na América, isto é enaltecido para os negros americanos e mostra como eles foram capazes de modificar as condições que receberam e criar não apenas uma classe média intelectual, mas toda a tradição negra. Contudo, se *Homem Invisível* é o resultado isolado de uma habilidade pessoal de Ellison, sem contribuição da comunidade que o cerca, isso o torna menos negro e mais indivíduo, diminuindo a causa e engrandecendo a si próprio. Não é à toa que essa foi a visão pela qual ele optou compreender seu próprio trabalho. E é contra ela que esse texto se posiciona. *Homem Invisível* não é o começo – tampouco o fim – das reflexões teóricas da longa trajetória negra na América. Ele é o miolo de um processo histórico que tanto tem legados a herdar quanto a transmitir.

Ellison utiliza *Homem Invisível* para problematizar não apenas os negros em relação aos brancos, mas os negros em relação a si próprios e a outros negros. À certa altura da obra, um de seus personagens diz:

Você tem cabelo ruim. Você tem lábios grossos. Eles dizem que você fede. Eles te odeiam, cara. Você é africano. AFRICANO! Por que anda com eles. Larga essa merda, cara. Eles te venderam. Essa coisa toda saiu de moda. Eles nos escravizaram, você esqueceu? Como pode eles atribuírem ao negro qualquer coisa boa? Como eles vão te considerar um irmão? (ELLISON, 1990:288).

invisível. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.07. O que é interessante aqui são justamente esses *inventos de sua própria imaginação* que outra coisa não é senão a manifestação da ideologia. Os olhos internos é a maneira metafórica através da qual o narrador produz sua crítica à ideologia do racismo. Durante seu prólogo, o narrador declara que o pensamento ideológico dos outros se impõe sobre sua própria existência, até que ele mesmo comece a questionar se sua existência não passa de uma elucubração dos outros. Assim, o racismo atinge seu objetivo e não apenas estabelece critérios legais e sociais para privar os negros de uma vida plena. Ele faz mais, ele vai além, ele sugere aos negros que eles de fato sejam aquilo que se diz deles.

Como se vê, no romance, tanto negros quanto brancos não estão interessados em outra coisa senão a reafirmação de velhas crenças sobre a cor e sobre o significado dela nas sociedades. Ellison destrói a ideia de irmandade, tão cara à comunidade negra americana, procurando fazer com que cada leitor negro de *Homem Invisível* tenha a experiência de um ponto de vista individual. Entretanto, ao fazer isso, ele percebe que está apenas deslocando a simpatia dos negros, tirando dos partidos, dos sindicatos e das associações de classe, para ele próprio, Ellison. “Quem sabe, em frequências mais baixas, eu não esteja falando por você?”, ele se pergunta na última frase do livro. Na maior parte da tradição crítica ao livro, conforme exposto por Kenneth Warren, em *So black and blue: Ralph Ellison and the occasion of criticism*, esse *você* tem sido tomado como uma piscadela ao leitor negro, embora textualmente nada interdiça outras interpretações. Assim, é profundamente possível – e eis um grande poder transformador da obra – que esse *você* seja um inesperado leitor branco.

Para possibilitar essa operação, Ellison dialoga novamente com a tradição literária branca, evocando desde o mito platônico de Gíges até a inversão da premissa de H.G. Wells. Ele transforma a invisibilidade – que em Wells era um poder – em uma condenação destinada aos negros. Para amalgamar sua metáfora, lança mão de uma dostoiévskiana vida no subsolo⁷¹. Assim como o personagem da obra russa, o homem invisível também resolve se afastar da sociedade e mergulhar em sua irascibilidade e sua dolorosa misantropia. Ambas as obras procuram cumprir certa missão comunicativa de transmitir a opinião do submundo, do subterrâneo, do submerso, àqueles que

71 “Não estou reclamando nem protestando. Algumas vezes é vantajoso não ser visto, embora na maioria dos casos seja enervante. Você começa a se questionar se realmente existe. Você começa a desconfiar se não é mesmo um daqueles fantasmas da cabeça das outras pessoas” (ELLISON, Ralph. **Homem Invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.322).

fazem parte do mundo superficial, visível, aparente, perceptível. Essa semelhança operou como um facilitador de recepção para a obra. Sob muitos aspectos, *Homem invisível* pode ser lido como uma obra sobre a inadequação de um indivíduo ao seu tempo e local de origem, independentemente de ser uma obra sobre cor e etnia. Essa literariedade, estabelecida pela competência do texto, não esquiva, contudo, como já foi demonstrado, o potencial revolucionário da obra. Em *Memórias do Subsolo*, um narrador também sem nome se propõe a explicar suas descobertas empíricas sobre a sociedade na qual vive. A visão que possui de si mesmo é ácida, autodepreciativa e produz no leitor a sensação de que se trata de um protagonista casmurro. Em Ellison, o narrador esforça-se para estabelecer algum tipo de intimidade com o leitor – inexistente no romance de Dostoiévski – pois o objetivo de seu narrador é, inegavelmente, político. O homem invisível está convencido da existência de uma união entre os supostos leitores de sua história, enquanto em *Memórias do Subsolo* nada leva a crer que haja, por parte do protagonista, qualquer tipo de intenção aglutinadora de seus pares. A abertura da obra de Dostoiévski traz uma definição de identidade do personagem:

Sou um homem doente, um homem mau. Sou um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos [...]. Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva. Certamente não compreendeis isto. Ora, eu compreendo. Naturalmente não vos saberei explicar a quem exatamente farei mal, no presente caso, com a minha raiva; sei muito bem que não estarei a pregar peças nos médicos pelo fato de não me tratar com eles; sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só

me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém. Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais (DOSTOIÉVSKI, 2000:15).

Contudo, essa definição não possui o mesmo teor da explicitada em *Homem Invisível*, onde a abertura do romance é um *insight*, uma descoberta dolorosa sobre si mesmo e sobre sua própria condição social. Enquanto em Dostoiévski o protagonista acusa, em Ellison o protagonista deduz. Em parte, essa diferença entre as duas obras deve-se ao fato de que em *Memórias do Subsolo* o foco é o indivíduo em conflito emocional com suas relações sociais, enquanto em *Homem Invisível* o foco é o indivíduo em guerra com sua herança histórica. Uma parte da crítica costuma tomar *Memórias do Subsolo* como um livro sobre as defesas do indivíduo contra a pressão social do meio, das religiões, dos governos e, até mesmo, do capital. Em certo sentido, o que Ellison fez foi apropriar-se dessa premissa e a recontextualizar no universo social de um indivíduo negro na década de 1950. A recepção crítica a essa tentativa, é interessante notar, gerou o mesmo tipo de julgamento que a obra de Dostoiévski. Também *Homem Invisível* é apontado como um livro que se levanta contra as pressões do meio, das religiões, dos governos e, até mesmo, do capital (cf. SILVEIRA, 1970).

Assim, torna-se elementar que “a história de um homem negro que vive uma existência subterrânea num porão”⁷² é evidentemente um protesto contra os preconceitos étnicos dos quais os afrodescendentes são vítimas. Esse subsolo, esse subterrâneo, é a um mesmo tempo a metáfora evidente dos processos invisíveis que fermentam no seio da comunidade americana,

72 BESSA, Maria Cristina. **Panorama da literatura norte-americana**. São Paulo: Alexa, 2008, p.112

insuspeitados, e a resolução dessa tensão racial sonhada na encarnação de Barack Obama e impedida por sua complicada e, não sem razão, difícil relação com a sua própria origem⁷³.

3.3 A crítica

O tom predominante nos trabalhos publicados sobre Ellison em língua portuguesa apresenta a mesma falha conceitual: acreditar que o livro aborda a identidade do homem negro universal.

Well, I wasn't writing about the Negro. I was writing about a specific character, in specific circumstances, at a specific time. The invisibility, there is a joke about that which is tied up with sociological dictum that negroes in the U.S have a rough time because we have high visibility.⁷⁴

É por essa razão que uma análise marxista tem, em princípio, condições de ir mais longe na análise do tema. Não apenas porque está descomprometida em aceitar a verdade do sistema que oprime o narrador, como também jamais

73 Em diversas oportunidades Obama manifestou que **Homem Invisível** teve um papel relevante em sua formação intelectual. Contudo, durante toda a campanha para a presidência, em 2008, até o ano de 2013, ele procurou evitar colocar-se na condição de um afro-americano. Foi somente a partir da absolvição do assassino de Trevor Martin, em 19 de julho desse ano, que Obama lembrou ao país que havia passado pela mesma experiência negra que qualquer afro-americano havia passado. "Há poucos afro-americanos nesse país que não experimentaram a experiência de serem seguidos enquanto estavam numa loja de departamentos. Isso inclui a mim. Há provavelmente poucos americanos que não tiveram a experiência de andar na rua e ouvir a tranca dos carros sendo acionada, enquanto você atravessa. Isso acontecia comigo, antes de eu ser senador. Há poucos americanos que não tiveram a experiência de entrar com uma mulher em um elevador, enquanto ela segura nervosamente sua bolsa e prende a respiração, desesperada por uma chance de escapar logo dali. Isso acontece muito."

74 "Bem, eu não estava escrevendo sobre o Negro. Eu estava escrevendo sobre um personagem específico, sob circunstâncias específicas, numa época específica. A invisibilidade, há uma piada sobre isso que diz que está atrelada a uma crença sociológica segundo a qual os negros nos EUA enfrentam dificuldade justamente porque são visíveis demais" (GRAHAN, Amritjit. & SINGH, John. **Conversations with Ralph Ellison**. Jackson: University of Mississippi, 1995, p. 50).

teve a pretensão, o delírio e a miopia intelectual de achar que um homem equivale por todos, ou de que um negro qualquer pode ser tomado por todos os negros. A singularidade é justamente a razão para os ímpetos de internacionalização marxistas. Por compreender que nenhum homem é igual ao outro é que é tão importante para o marxismo não desperdiçar nenhum. É no capitalismo que a soma dos seres produz a sensação tétrica de que todos os homens são iguais. Esse universalismo não está lá para assegurar os direitos fundamentais a todos, mas principalmente para neutralizar qualquer mal-estar com o eventual descumprimento dessas promessas a quem quer que seja. A multiplicação do valor dos seres é, na verdade, uma tentativa de metastasiar o ser humano, tornando a humanidade uma espécie natural produzida em série. Esse processo não possui outro resultado senão o descarte e a impossibilidade de parar o motor do sistema. Todas as peças são iguais, portanto a perda ou falha de uma delas não tem mais o poder de parar o funcionamento da máquina.

No Brasil, uma revisão bibliográfica sobre a obra de Ralph Ellison apresenta pouquíssimos resultados. Dentre os mais relevantes, a dissertação de Ronaldo Moutinho, defendida em 1996, orientada pela professora Dra. Nancy Buyno, no programa de pós-graduação em Letras Modernas, da USP. Há outra ocorrência, no Rio Grande do Sul. E outras duas em Minas Gerais. A dissertação de Moutinho opta por uma conclusão conciliatória, politicamente identificada com o mito da democracia racial enraizado na cultura nacional:

Através da introspecção ele viu quem ele era e para onde estava seguindo. Chegou à sua identidade que lhe proporcionou vislumbrar os princípios da fundação norte-americana do qual era herdeiro. Não era diferente e nem cego, era somente invisível, porque o americano não estava ainda preparado para vê-lo.

Precisava passar por um processo de estar consigo mesmo e de humanização⁷⁵.

Na realidade, *Homem Invisível* não é um livro sobre a busca da identidade. A questão é de outra ordem, é da valoração da identidade. Porque o primeiro passo do livro é a postulação de que ele, de fato, é invisível. Ele não precisou se ausentar para se entender. Nunca houve problema de entendimento interno. O limite dessa interpretação é o de que se tratava de uma crise. Isso desapropria a questão social e instaura uma suavização do fato principal do livro: a denúncia do racismo.

No artigo “Pensando a invisibilidade através da diferença”, publicado por Stefane Soares Pereira, na edição dos cadernos CESPUC, involuntariamente estabelece-se uma hierarquia entre organização das comunidades afrodescendentes e organização das comunidades caucasodescendentes.

Torna-se possível a compreensão de uma organização política decorrente de uma conscientização do lugar do negro na sociedade decorrente do questionamento da visibilidade, do divisor existente entre o mundo do Branco e o mundo do Negro nos países os quais foram colonizados (SOARES, 2006:03).

A autora chega ao discutível argumento de que alterar a grafia de Negro e Branco em letras maiúsculas contribuiria positivamente para o esforço de “retratar a coletividade”. Fora do país, a produção crítica é, evidentemente, mais profusa. Em Portugal, *A busca da Eloquência em Ralph Ellison*, dissertação defendida na faculdade de Letras da Universidade do Porto, acompanha a obsessão ellisoniana pelo apuro da técnica. E acerta ao atribuir grande sucesso técnico da obra ao apuro do texto. Falta, no entanto, o reconhecimento de que essa preocupação era o fato principal de *Homem Invisível*: as dificuldades de

75 MOUTINHO, Ronaldo. **A busca da Identidade**. Biblioteca da FFLCH, 1996, p.155.

conectar um mundo ao outro. O que pretendia com esse apuro era destruir a imagem de que a literatura negra teria valor por seu exotismo. Ellison queria escrever bem.

A obra de Ellison não levanta bandeiras, não oferece soluções em fórmulas prontas e lugares-comuns como parece ser o que se espera da “literatura engajada” ou de “protesto”: denuncia o racismo sem idealizar os negros – e muitas vezes desvela os piores traços de caráter das personagens negras. Em plena Guerra Fria, com o mundo dividido em duas ideologias estanques e opostas, Ellison aparentemente não escolhe caminho algum: denuncia a hipocrisia da nação americana, capitalista e corrompida até os ossos, ao mesmo tempo em que conduz uma dura crítica de ex-simpatizante desiludido ao partido comunista, também branco, hipócrita e corrompido até os ossos. Formalmente, o romance confunde a crítica ao oscilar entre o realismo preciso e contundente e um surrealismo de pesadelo, como se o autor estivesse de fato tentando refletir a realidade, mas para isso se utilizasse de um espelho distorcido por uma subjetividade complexa e uma imaginação mórbida (COGNEN, 2003:11).

A crítica à chamada “literatura engajada ou de protesto” é um conjunto de ações que caracteriza um protocolo de condutas anti-consciência. A presunção de que o que se espera da literatura de protesto seja fórmulas prontas e lugares comuns pressupõe a ausência de fórmulas e clichês na literatura não engajada. É como se houvesse algo de negativo na forma da literatura engajada. Basicamente, a crítica se dirige não ao seu conteúdo, mas a configuração de sua estética. A polêmica da arte engajada se transformou em uma polêmica inventada, em uma questão proposta para ofuscar outras. No caso específico de *Homem Invisível*, aparece uma falsa oposição entre literatura e mundo social, como se a primeira fosse incompatível com a segunda. E, ainda pior, como se ausência de engajamento fosse garantia de alto apuro técnico. Se a literatura apresenta uma especificidade, algo com o qual se pode contar para

pensar *a partir de*, algo que se deve *levar em conta* ao pensar o objeto que ela propõe, é aceitável que se entenda a necessidade de abarcar a especificidade da etnia nessa questão. O texto de Cognen, nesse trecho, é uma celebração da filiação à ausência de filiações, como se *Homem Invisível* combatesse a todos, e a tudo. Fosse assim, nada restaria ao livro senão uma voz esquizofrênica e sem consistência. Não é o caso. *Homem Invisível* tem, sim, um inimigo: o racismo anti-negro. Tudo o que acontece com os negros é decorrência do sistema que os negros inventaram para conviver com as estruturas raciais compostas pelos brancos. A desilusão com as associações comunistas é um fator controverso na crítica ellisoniana. Diversas vezes o autor afirmou que as associações descritas no livro não eram comunistas e nem sequer faziam qualquer alusão ao socialismo. Por outro lado, para inserir sua obra no contexto de edição norte-americano, Ellison jamais desfez a sensação de que se tratava, de fato, de um ataque às coletividades de esquerda. Esse ataque servia à hegemonia porque, naquele momento histórico, parecia ser particularmente importante esvaziar qualquer tipo de sedução às propostas marxistas. Frente ao risco de perder o controle da máquina estatal, permitiu-se, com a edição de *Homem Invisível*, o ataque à sociedade norte-americana. Reconhecer o racismo presente era um preço razoavelmente baixo a se pagar por um golpe tão oportuno nas possibilidades de coletividade negra. A edição do livro dividiu a comunidade negra, criando um tipo de cisma persistente até hoje. A preservação do indivíduo foi reivindicada contra os riscos da coletivização. Era preciso fomentar a dúvida quanto aos benefícios de se unirem como uma classe. Era preciso lembrar-lhes de que a cor de suas peles não se configurava em um elemento de equalização entre eles. Os personagens negros de *Homem Invisível* são hostis ao herói, o prejudicam, o atrapalham, o atingem em sua realidade.

Essa dimensão de aventura, de espetáculo de peripécias, sustenta a primeira camada.

A dissertação de Cognen é conduzida segundo o conceito foucaultiano de poder. Na conclusão, a autora afirma que “Ralph Ellison parece ter percebido que a dominação tem muitos e sutis caminhos e frequentemente se dá de forma indireta” (COGNEN, 2003:100). Essa concepção de dominação separa a escravidão do racismo praticado no período Jim Crow e mesmo do praticado atualmente. Um dos objetivos da questão é negar a relação entre esses momentos. A outra questão crucial é que a dominação só é sutil para o dominante. Os dominados sempre a consideram excessiva, sempre a consideram demasiado pesada. A conclusão foucaultiana a que o livro segue é a de que o romance é uma “demonstração prática do pessimismo militante.”

Não é incomum que Foucault seja convocado quando a academia se vê diante de textos que considera não suficientemente domésticos, a saber: os temas do feminino, da homossexualidade, do negro. Foucault, com seu pessimismo militante, oferece uma conscientização inconsequente, um conforto para aqueles que oprimem de que, afinal, desfazer a opressão seria impossível e de que qualquer tipo de revolução representaria somente a substituição de uma opressão por outra.

Assim, depois de nos defrontar com desterritorialização, o racismo, a sociedade normatizadora da vigilância, a fragmentação do sujeito e a inutilidade de suas buscas ou tentativas de resistência, o romance de Ellison chega ao fim profetizando um novo horizonte onde, como acreditam os filósofos pós-estruturalistas, essa fragmentação possa ser compreendida em termos positivos, recomposta harmonicamente no mosaico de pluralidade e diferença que constitui nossa condição humana comum, todos nós ao mesmo tempo escravos e senhores de nossa vontade, produtores e sujeitos dominados pelos discursos, simultaneamente pulsão e contingência (COGNEN,

2003:106).

Trata-se da desidratação da especificidade. Contra o componente letal da crítica ao racismo, produz-se a transformação de que *Homem Invisível* é, na verdade, mais do que isso: um libelo por liberdade e justiça, independentemente de cor, gênero ou tempo histórico. Todos nós, seres humanos, portadores de um núcleo identitário comum a todos, seríamos as vítimas da opressão. O livro perde, então, através desse mecanismo elogioso, seu propósito. A melhor maneira de desmontá-lo, de impedir que siga com sua integralidade de obra relevante, é justamente dizendo, de forma aparentemente positiva, que ele não é aquilo que de fato é. De uma maneira bastante radical, o que essa dissertação – e muitas outras no mesmo tom – tem proposto é que o livro é bastante bom porque não é um texto engajado, porque não é um livro de protesto e porque não é, a despeito de ter sido escrito por um negro, um texto sobre negros. Na falta de possibilidades de reconhecer a força de seu conteúdo, procura-se direcionar sua recepção. A luta dos negros passa a ser a “nossa luta”, não por conscientização de sua peculiaridade e legitimidade, mas porque ela mesma some em nome de uma luta simbólica, sem sexo e sem cor. A opressão dos brancos se torna a opressão de qualquer discurso a qualquer grupo. E se essa opressão é universal, ela se torna não identificável. Era justamente essa identificação que o livro procurava construir: “Sou um homem invisível.” Mas ele esclarece esse diagnóstico: é invisível porque as pessoas se recusam a vê-lo. E se recusam porque é negro e não porque é um ser humano, e não porque é indivíduo com inquietações existenciais. A profunda atividade psíquica que possui não é resultado de um talento ou de uma inclinação pessoal para a abstração e a ruminação. Ela é fruto direto de uma vida que não cessa de fornecer a ele elementos para essa reflexão, que não o permite fazer atividade

cotidiana alguma sem que se confronte com a radicalidade dessa evidência: de que é um negro em um mundo dominado pelos brancos. A ânsia em transformar *Homem Invisível* em uma obra sobre a identidade tem um objetivo: transformar o drama de seu protagonista em um drama pessoal, um drama de mapeamento do próprio *eu* em um *self* maior. Enquanto a edição do livro amplificou a questão, procurando tornar evidente que o problema do homem invisível é um problema para a classe dominante, sua crítica tem se esforçado para fazer com que tudo volte ao ponto inicial: que o problema do racismo seja visto, novamente, como um problema individual. É uma nova versão da oclofobia.

Nos EUA, a crítica ellisoniana possui razoável homogeneidade. A principal discordância aparece justamente na aceitação ou não de que *Homem Invisível* tenha elementos marxistas. A biografia de Ellison advoga diretamente em favor da hipótese de que qualquer elemento revolucionário atribuído a *Homem Invisível* não passa de uma tentativa de apropriação do talento de Ellison para uma causa que ele próprio fez questão de rejeitar. Aqueles que acham que a influência do pensamento marxista tem sido subestimada na crítica ellisoniana – evidentemente o posicionamento dessa pesquisa e deste pesquisador – apoiam-se no fato de que versões manuscritas do livro testemunham um pensamento autoral bem mais combativo do que aquele que se tornou conhecido a partir da edição da obra.

3.1 A tradição transmitida

O ponto de maior visibilidade da literatura afro-americana ocorreu em 1993, quando Toni Morrison, uma escritora e editora de livros nascida em 1931, em Ohio, recebe o Nobel de Literatura. Coroava-se uma carreira que

começara em 1970 com o estarrecedor *The bluest eye*, que aborda, com uma prosa precisa e um estilismo sofisticado, a complexidade das relações entre negros e brancos nos séculos XIX e XX.

In the night when my coughing was dry and tough, she feet padded into the room, hands repined the flannel, readjusted the quilt, and rested a moment on my forehead. So when I think of autumn, I think of somebody with hands who does not want me to die⁷⁶.

A literatura de Toni Morrison é carregada de poesia, apuro estético e recuperação das raízes folclóricas afro-americanas. Em suas obras, os protagonistas sonham com situações impossíveis e são sempre entregues a situações insuportáveis. Em *The bluest eye*, a protagonista sonha em ter olhos azuis; mais precisamente: sonha em ser a atriz Shirley Temple. Mas sua realidade (negra, pobre e sem perspectivas de ascensão social) esmaga-a em um enredo que envolve ainda a violência sexual do padrasto e o previsível enlouquecimento da personagem central. Trata-se, portanto, de uma espécie de *bildungsroman* feminino.

There is a difference between being put out and being put outdoors. If you are put out, you go somewhere else; if you are outdoors, there is no place to go. The distinction was subtle but final. Outdoors was the end of something, an irrevocable, physical fact, defining and complementing our metaphysical condition. Being a minority in both caste and class, we moved about anyway on hem of life, struggling to consolidate our weaknesses and hang on, or to creep singly up into the major folds of the garment. Our peripheral existence, however, was something we had learned to deal with – probably because it was abstract. But the concreteness of

“À noite, quando minha tosse se tornava seca e difícil, ela entrava cuidadosamente no quarto, ajeitava a colcha e repousava por um instante a mão na minha testa. Então, quando eu penso no outono, penso em alguém cujas mãos não quer que eu morra” (MORRISON, Toni. **The bluest eye**. Nova York: Penguin books, 1994, p.11).

being outdoors was another matter – like the difference between the concept of death and being, in fact, dead. Dead doesn't change, and outdoors is here to stay⁷⁷.

Em sua obra são comuns as rememorações, as digressões, as meditações sobre o valor da memória, o papel do escritor, a condição das minorias e as respostas dos indivíduos frente aos processos históricos que lhes são, ao mesmo tempo, propostos e impostos.

My work requires me to think about how free I can be as an African-American woman writer in my genderized, sexualized, wholly racialized world. To think about (and wrestle with) the full implications of my situation leads me to consider what happens when other writers work in a highly and historically racialized society. For them, as for me, imagining is not merely looking or looking at; nor is it taking oneself into the other⁷⁸.

Essa profunda consciência dos limites de seu próprio trabalho pode ser ao menos parcialmente atribuída ao fato de Morrison ministrar anualmente um curso sobre literatura, criação e estilo, na Universidade de Princeton.

77 “Há uma diferença entre ser colocado para a rua e ser colocado do lado de fora. Se você é colocado para fora, você vai para algum outro lugar; se você está do lado de fora, não há lugar nenhum para ir. A distinção é sutil, mas decisiva. Ser dispensado é o fim de algo, um irrevogável fato físico, que define e complementa nossa condição metafísica. Sendo parte de uma minoria de casta ou de classe, nós nos movemos de qualquer forma à margem da vida, lutando para consolidar nossa fraqueza. E dependemos. E rastejamos solitariamente nos agarrando aos figurinos sofisticados. Nossa existência periférica, contudo, foi algo com o qual tínhamos aprendido a lidar (provavelmente porque era algo abstrato). Mas a concretude de se estar do lado de fora era uma questão adicional, como a diferença do conceito entre a *morte* e estar de fato *morto*. Morto não muda. E o que estão do lado de fora vieram para ficar” (IDEM, p.17).

78 “Meu trabalho requer que eu pense sobre quão livre eu posso ser, sendo uma escritora afro-americana, nesse mundo generizado, sexualizado e absolutamente marcado pelo pensamento racista. Para pensar nisso (e lutar contra) todas as implicações da minha situação me leva a considerar o que acontece quando outros escritores trabalham em uma sociedade historicamente marcada pelo conceito de raça. Para eles, e também para mim, imaginar não é apenas olhar para algo. Nem é transformar a si mesmo em outra pessoa” (MORRISON, Toni. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. Nova York: Random House, 1999, p.29).

O recebimento do Nobel foi a última fronteira de prestígio para uma literatura que oscilou entre o embate mais franco das questões íntimas e a panfletagem inconsequente do século XX. Deste instante em diante, a literatura afro-americana atinge uma estabilização de temas, de caminhos e de soluções, e ingressa no domínio das indústrias culturais produzidas pelas sociedades capitalistas. De certa maneira, os autores não podem mais ser separados (supondo que em algum momento tenham *de fato* podido) por agrupamento cronológico, mas sim por eventuais afinidades estéticas. Evidentemente, escritoras como Alice Walker, Toni Morrison e Maya Angelou continuaram a publicar após 1993. O que mudou a partir dessa data é que a literatura afro-americana já não precisa se dedicar a buscar o prestígio literário. Observando cinicamente, ela já foi condecorada com todos os prêmios relevantes disponíveis no território americano. De uma maneira muito natural, ela sente-se livre agora para se multiplicar em mil e outras literaturas não tão esteticamente relevantes quanto ela, mas muito populares. Esse desdobramento, que poderia facilmente ser chamado de quinto momento, ou momento atual, começa em 1993 e persiste até a redação desse trabalho. Suas características são o convívio de produções como a de Maya Angelou com os textos de Z.Z Packer, Terry McMillan, E. Lynn Harris, sob o mesmo rótulo de produção negra norte-americana. Todos eles integram um grupo minoritário quando comparados ao constrangedor domínio da recém-criada *pulp fiction* afro-americana.

A nova literatura afro-americana vilipendia a relação entre grupos étnicos, concentrando-se mais na conduta individual de seus protagonistas. Esta é uma literatura marginal, autointitulada *de gueto*, que privilegia a temática da violência e da apologia ao crime. Seus expoentes, Teri Woods, Vickie

Stringer, Quentin Carter e Deja King, são todos devedores, em ampla medida, dos textos de Etheridge Knight.

Este tipo de produção tem sido ostensivamente criticada por grande parte da intelectualidade negra americana, por reforçar estereótipos de desvios éticos e relacioná-los a um tipo de parte constitutiva da vida dos negros, invocando velhos preconceitos sobre a selvageria intrínseca da vida nas comunidades negras e sobre sua suposta e autoelogiosa incapacidade de não seguir regras ou padrões éticos⁷⁹. Sendo um imenso sucesso editorial, produzido em geral por autoras mulheres, esse tipo de livro tem como suposto alvo a parcela feminina da comunidade negra. Trata-se de um modelo particular de *pulp fiction*, alcançado agora por indivíduos que antes se sentiam excluídos do sistema literário. Os autores dessas obras estão preocupados em fornecer às massas negras um produto de entretenimento e identificação. Diferentemente da literatura americana produzida por negros há quarenta anos, eles preferem a notoriedade e o sucesso editorial a qualquer tipo de prestígio acadêmico.

Na realidade, a rejeição acadêmica, da qual essas produções são vítimas, fornece um argumento de reforço para a aquisição dessas obras. O *pulp fiction* negro se coloca voluntariamente à margem dos processos culturais e do sistema literário americano, procurando proclamar o engodo de que se igualaria ao leitor que o consome.

⁷⁹ Esta é uma questão já aparente na obra de Chester Himes. Há uma considerável dúvida sobre a existência de um diálogo real entre as éticas negra e branca. Parece haver uma desconfiança em relação a tudo que represente um código elaborado por brancos. "There are laws for white folks and laws of black folks, sir. All right, all right. But these laws come from God. Which God? There's a white God and there's a black God". "Existem leis para brancos e existem leis para negros, senhor. Tudo bem, tudo certo. Mas essas leis vêm de Deus. Mas qual Deus? Há um Deus branco e há um Deus negro" (HIMES, Chester. **Blind man with a pistol**. Nova York: Random House, 1989, p.07).

Esse fenômeno, contudo, não é propriamente novo. Ele tem raízes nas chamadas “narrativas de reclusão”, iniciadas com Etheridge Knight, com seu *Poems from prison* (1968), e Chester Himes. Himes dedicou-se a novelas policiais, com enredos mirabolantes, conduzidos pelos protagonistas Coffin Ed Johnson e Gravedigger. Sua obra mais importante é *Blind man with a pistol*, publicada um ano depois de *Poems from prison*, a qual traz a rotina de investigação de crimes ocorridos no Harlem, um bairro que na época era considerado território livre para o crime, para onde o poder público dedicava somente uma parte ínfima da sua força policial. Johnson e Gravedigger eram negros e, por isso, escalados para investigar crimes na vizinhança, crimes denominados “de pretos e entre pretos”.

Em *Blind man...* eles precisam atender a um chamado de um homem que se recusa a assumir que é cego. Ele anda pela cidade com sua arma, atirando no que imagina ser uma ameaça. O livro era, segundo Chester Himes, uma metáfora sobre a violência em Nova York⁸⁰. Pode-se considerar a republicação de *Cast the first stone*, em 1998, o ponto de partida para a invasão da literatura americana pop negra. A obra havia sido lançada originalmente em 1953, recheada de suavizações impostas pelos editores da época. Sua reedição, fiel aos originais de Chester Himes, reinstalou no mundo literário a tradição de uma urbanidade negra específica das comunidades pobres, algo que o cinema já havia descoberto com o *blacksploitation*. O que antes era uma literatura de emancipação e denúncia passa a ser uma literatura de analgesia e conformismo. O que antes era uma revoltada maneira de demonstrar habilidade verbal e um

80 "I thought of some of our loudmouthed leaders urging our vulnerable soul brothers on to getting themselves killed, and thought further that all unorganized violence is like a blind man with a pistol". "Pensei em alguns de nossos líderes eloquentes, que incitam as almas de nossos irmãos para a morte. Pensei, ainda que toda violência desorganizada é como um homem cego com uma pistola" (HIMES, Chester. **Blind man with a pistol**. Nova York: Random House. Nova York, 1989, p.03).

desejo de demonstração pública de erudição dos negros agora se tornava mais um elemento reforçador de velhos arquétipos e de certas confirmações. Sai o *jazz*, entra o *hip hop*.

Na obra de Deja King, por exemplo, abundam os exemplos do que a própria autora chama de “linguagem real das ruas”.

You think I'm playing wit your stupid ass?
When I said I would take your daughter out this world I
meant it', Maya said with so much vengeance that spit
sprayed out her mouth after each word then to make sure
I got her message. Maya balled up her fist and clocked
me on the side of my left temple, causing my eyes to lock
shut and my head to plummet down in pain⁸¹.

São abundantes, também, as manifestações de lugares-comuns, a apologia à misoginia e uma elevada dose de cenas de violência e abuso sexual. A inserção dos registros de oralidade negra, contribuição de literaturas mais avançadas, como as de Alice Walker e Toni Morrison, exploradoras da dicção negra como exemplo da alta capacidade de emulação e de representação que os grandes autores possuem, nesses escritores *pulp* transforma-se em um melancólico espetáculo da incapacidade de manipulação de um discurso que não seja o oral.

Please, Daquan, don't hit me again', the
young mother screamed, covering her face in defense
mode. She hurriedly pushed herself away from her
predator, sliding her body on the cold hardwood floor.
"Bitch, get yo'ass back over there", he barked, grabbing
her matted black hair and dragging her into the kitchen.
He reached for the hot skillet from the top of the oven,

81 "Você acha que eu tô brincando com você, seu bundão? Quando eu disse que iria tirar sua filha desse mundo, eu falei sério", disse Maya, com tanta vingança que saíam perdigotos de sua boca a cada palavra pronunciada, para se certificar que eu tinha compreendido sua mensagem. Maya fechou o punho e acertou minha têmpora esquerda, fazendo os meus olhos fecharem e me fazendo mergulhar na dor" (KING, Deja. **Queen Bitch**. Nova York: Kensington books, 2010, p.4).

and you could hear the oil popping underneath the fried chicken his wife had been cooking right before he came home. 'Didn't I tell you to have my food ready on the table when I came home?'⁸²

A presença das rotinas machistas é constante. A igualdade entre os gêneros é representada como uma ilusão feminina. Também são múltiplas as demonstrações do entendimento de que as tarefas domésticas são responsabilidade exclusiva das mulheres e de que a casa é um território onde os homens devem ser tratados como chefes de Estado. Outra característica desse tipo de produção é certa displicência na redação e na construção das cenas, com evidente concentração em diálogos e referências genéricas ao local onde os acontecimentos descritos ocorrem.

Harlem, New York. It was the summer of 1988, and it was hot. Too hot. Harlem had to be the hottest place on the planet in the summertime. Exiting the West Riverside Drive on 125th Street, Gena was amazed to see so many people standing outside a nightclub 'Damn, look at that limousine, girl. We need to be with them' laughing out loud, she was suddenly anxious to get there⁸³.

Por fim, a devoção a um universo das histórias policiais provoca sempre finais em que a solução desliza facilmente para o golpe de sorte, o

82 "Por favor, Daquan, não me bata outra vez" disse a jovem mãe, gritando e cobrindo o rosto de modo defensivo. Ela rapidamente se esquivou para longe do seu predador, caindo no chão de madeira maciça. "Vadia, coloca esse rabo aqui", ele latiu, pegando-a pelos seus cabelos negros e levando-a até a cozinha. Ele alcançou a frigideira quente de cima do fogão. Dava para ouvir o barulho borbulhante sob a galinha frita que sua esposa tinha cozinhado pouco antes de ele chegar em casa. "Não te falei que eu quero a comida pronta e em cima da mesa quando eu chegar?" (IDEM, p.265).

83 "Harlem, New York. Era o verão de 1988. Estava quente. Muito quente. O Harlem devia ser o lugar mais quente do planeta naquele verão. Saindo do lado oeste do Riverside Drive, na centésima vigésima quinta rua, Gena estava espantada de ver tantas pessoas do lado de fora de um clube noturno. "Diabos, dê uma olhada naquela Limusine, garota, nós precisamos estar com eles". Rindo alto, ela estava agora ansiosa para chegar lá" (WOODS, Teri. **True to the game**. Nova York: Grand Central, 2007.p.03).

movimento inesperado, a reviravolta absurda que contraria o enredo. Quando isso deixa de ocorrer, o tom é de desolação e tristeza. Uma consciência profunda de um niilismo vulgar, um determinismo social que se constitui em uma piscadela para seu leitor-alvo, sufocado por condições sociais não ideais.

She struggled her entire life to make a way for herself in a world that had been stacked against her, and now her entire life's struggle had been reduced to nothing, she miserably thought. She was now once again in survival mode. She had to get through this. She had to get through this and rebuild. Red was determined not to be like her mother and have to depend on a drunken abuser when she was older. She would do whatever she had to do now to ensure that her life turned out differently⁸⁴.

A refração da crítica em relação aos trabalhos da nova geração da *pulp fiction* negra tem efeito corroborador de uma espécie de atmosfera *outsider*, em que as mulheres negras veem-se cada vez mais excluídas dos pactos sociais. Em ampla medida, as obras abordam as dificuldades de ser mulher em um mundo de homens; de ser negra em um mundo de brancos; abordam, principalmente, as agonias de não haver identificação com os líderes das comunidades negras. Para as mulheres, sobraria o papel de coadjuvância, de cumplicidade, de uma condição de permanente lateralidade. Para os indivíduos do sexo feminino, haveria então dois modelos: o da companheira do transgressor, mulher travestida como objeto; ou a representação do eterno drama da mulher solteira à procura de um par que esteja à sua altura moral e

84 “Ela lutou a vida inteira para encontrar um caminho para si mesma, em um mundo que tinha se voltado contra ela, mas agora sua luta de toda a vida tinha sido reduzida a nada, ela miseravelmente pensou. Ela estava novamente no modo *sobrevivência*. Ela tinha que passar por isso. Ela tinha que passar por isso e se reconstruir. Red estava determinada a não ser como sua mãe e ter que depender de algum molestador bêbado quando fosse mais velha. Ela faria o que fosse necessário para ter certeza de que sua vida seria diferente” (STRINGER, Vickie. **Dirtier than ever**. Chicago: Simon & Chuster, 2011,p.06).

que a deseje realmente. Nesse ponto, os romances de massa ou a literatura pop negra não omitem suas referências aos romances com final feliz, compostos sob medida para fornecer uma espécie de escapismo controlado, com data e hora para acabar, enalacrado constrangedoramente entre a rotina de mãe solteira e o trabalho modorrento como trabalhadora de engrenagens menores da estrutura capitalista.

I've heard defenders say that the main buyers of these books, young black women, have simply found something that speaks to them, and that it's great that they're reading something. I'd agree if these books were a starting point, and that readers ultimately turned to works inspired by the best that's in us, not the worst. But we're not seeing evidence of that. On Essence magazine's list of best-sellers at black bookstores, for example, authors of street lit now dominate, driving out serious writers. Under the heading "African-American Literature," what's available is almost exclusively pornography for black women⁸⁵.

O argumento de que certas obras seriam a porta de entrada para outras obras maiores tem sido utilizado sempre que se advoga em favor da literatura de massa. Evidentemente, esse pensamento supõe a existência de uma positividade, de um progresso nas práticas da leitura. Não há dados que justifiquem tal concepção. Nada leva a crer que o consumidor de literatura de massa cedo ou tarde se canse desse tipo de narrativa e se torne um leitor mais exigente. O *best-seller* em si não é um fenômeno novo na literatura afro-americana. Em 1946, Ann Petry já havia alcançado um milhão de cópias

85 "Tenho ouvido os defensores desse fenômeno argumentarem que os principais consumidores desses livros, as jovens mulheres negras, simplesmente encontraram algo que falasse a elas, e é ótimo que elas finalmente estejam lendo algo. Concordaria, se esses livros fossem realmente um ponto de partida e se esses leitores se voltassem posteriormente a trabalhos que despertam o que de melhor existe em nós – ao contrário de incentivar o pior. Contudo, não há evidências disso. Na lista de *best-seller* da revista Essence, por exemplo, autores de massa substituíram os autores sérios. Na seção de "literatura afro-americana" encontram-se quase exclusivamente obras pornográficas para mulheres negras." Disponível www.nytimes.com/2006/01/04/opinion/04chiles.html.

vendidas de seu *The Street*, a história de Lutie Johnson, uma mulher negra que procura criar sozinha seu filho durante a Segunda Guerra Mundial. O que mudou, entretanto, é a configuração de uma literatura em que o leitor dita as demandas. Emblema maior da cultura de massa, o *best-seller* se caracteriza por ser uma obra cuja comercialização traz tanto benefício aos detentores de seus direitos de reprodução quanto à cadeia que o produz. Cada obra provoca um efeito satélite, observado quando um livro gera a criação de muitos outros semelhantes sobre o mesmo tema. Em uma concepção rígida, o *best-seller* seria aquela obra concebida exclusivamente para agradar às massas, para oferecer certos confortos, com raízes românticas e notoriamente burguesas, com o escapismo em uma das mãos e a confirmação das expectativas do leitor na outra. Em uma concepção mais ampla, o *best-seller* promete entregar a qualquer classe e em qualquer tempo o que o mercado não conseguiu oferecer. Transformam-se, assim, as agonias e as frustrações do mundo capitalista em exemplos de inquietações comuns a todos os seres. Oferece-se a essa síndrome um remédio precificado, embalado com a experiência de leitura; um engodo apresentado como antídoto ao emular a tradição ocidental da leitura.

As produções atuais da literatura de massa afro-americana têm se posicionado no vácuo deixado pela construção de uma hegemonia racial interna. Os escritores negros teriam, de uma maneira muito particular, criado uma espécie de negro ideal, cujos comportamentos e as exigências de desempenho moral e intelectual se coadunam muito mais com uma classe média branca do que com a classe baixa negra. É nesse sentido que uma considerável parcela desses autores de massa tem lidado com a alta cultura

afro-americana, denunciando um processo de exclusão praticado por aqueles que outrora eram os excluídos⁸⁶.

Essa crítica, colada em certo embrutecimento da cultura negra, propõe não mais um processo de autocrítica, mas uma adulação à condição social dos negros das comunidades pobres. Quanto mais brutais, mais fortes. Quanto mais fortes, mais capazes de responder às privações que lhes são postas. Os temas da etnia, da cor e da diferenciação ainda aparecem nessas obras, porém o mais evidente na literatura de massa não é a cor, mas a violência e a pobreza. São livros que salientam muito mais a condição financeira dos negros do que propriamente suas questões culturais ou implicações subjetivas. Trata-se do diagnóstico de um problema prático (a pobreza), cuja resolução é proposta de maneira simplista e cínica (torne-se rico). A emancipação torna-se um projeto de autonomia dentro dos padrões capitalistas, uma libertação individual, advinda do valor desses autores no mercado, e não de uma emancipação da classe, da etnia a qual pertencem, porque, embora se pareçam fisicamente, autor e leitor, fica tácito que este é um mundo onde não há colaborações, identificações nem cavalheirismos. De certa forma, propõe-se uma ruptura completa das utopias do Harlem Renaissance, das possibilidades de uma reunião dos negros e de um plano social que incluísse a equalização de demandas individuais e sociais. O que aconteceu ao longo dos anos foi um agravamento do abismo entre dois tipos de modelo de negros. E uma aproximação das identificações da classe média negra com a classe média

86 "One major problem in this effort is recognizing that minority discourse, once visible as a represented and representative object, can indeed be stabilized and forced into a particular relationship with the hegemonic". ("Um grande problema nessa questão é reconhecer que o discurso da minoria, uma vez tornado visível como um objeto representado e representativo, pode na verdade se estabilizar e ser forçado a ter uma relação particular de diálogo com a hegemonia." PALUMBU-LIU, David. **The ethnic canon**. Minneapolis: University of Minnesota press, 1995, p.24).

branca, à medida que as representações midiáticas sobre os negros tornavam-se cada vez mais massificadas. Pode-se dizer que há uma migração e uma resignação ao estado de congelamento das causas étnicas, em que os negros que importam aos autores da alta literatura estão localizados no século XX, em meio às tensões raciais da luta por direitos civis, e não no século XXI, lamentando a falta de um projeto que os inclua no sonho capitalista. Os negros contemporâneos sentem-se vilipendiados pela própria tradição intelectual afro-americana, dedicada muito mais às discussões teóricas do que propriamente interessada em oferecer respostas a uma categoria que tinha mais identificações com a pobreza do que com a etnicidade.

Na década de 1970, a literatura afro-americana tornou-se alvo de um natural processo de descoberta e de autovalorização. A luta pelos direitos civis propiciou não apenas as mudanças práticas, mas a necessidade de inserção dessas vozes antes marginalizadas. De certa forma, houve um empanturramento do discurso da diversidade no ensino de literatura nos Estados Unidos. Entre Ralph Ellison e James Joyce havia muita devoção do primeiro em relação ao segundo. Entre Deja King e James Joyce, não há nenhuma. Em certo sentido, esses autores parecem habitar universos completamente distintos. King, por exemplo, está interessada em mostrar como o mundo se tornou um lugar onde entender as hierarquizações financeiras é a chave do sucesso. Pouco importa para ela se estará a certa altura inserida no cânone literário ou se sua literatura aponta para uma revolução estética. Trata-se do fornecimento direto de um entretenimento ao leitor, um pacto onde ela o adula fixando a forma de seu comportamento e seu modo de ver o mundo, e ele a retribui fazendo da autora uma pessoa rica.

O embate entre alta literatura e literatura de massa sempre tencionou simular o embate entre classes menos abastadas e as elites. Mas esse embate entre alta literatura negra americana e literatura negra de massa parece sugerir também um embate endo étnico. Com o crescimento do *hip hop* e o aumento do processo de suavização das apropriações de *Hollywood*, cada vez mais eficiente em fornecer imagens de diversidade étnica, os autores norte-americanos de grande relevância estética, como Maya Angelou, Alice Walker e mesmo Richard Wright e Ralph Ellison, tornaram-se versões coloridas das elites brancas. Eles parecem estar, aos olhos do público consumidor de literatura de massa, tão longe dessas minorias como a elite branca estava deles na época de seus conturbados lançamentos.

Em ampla medida, eles são vistos como quem escreve em uma língua de privilegiados, em um ambiente de privilegiados, sendo constantemente adulados por privilegiados. A luta que esses autores empreenderam para que suas obras chegassem à universidade e ocupassem, no interior do meio acadêmico, um espaço de centralidade, tem sido utilizada frequentemente para desqualificá-los como porta-vozes dos grupos excluídos. Há, contudo, um determinado tipo de produção que se localiza em uma espécie de zona cinzenta da literatura. Algo que não é exclusivamente obra de entretenimento, mas que tampouco pode ser classificada como similar a grandes obras literárias. Neste sentido, os trabalhos de Packer e de McMillan se situam em uma produção para a classe média, com bem menos concessões às temáticas do *best-seller* comum, mas com um enorme pendor a um tom complacente em relação ao leitor, que, se não se sente adulado ao ler suas histórias, é ao menos compreendido pela autora em suas agonias suaves.

When you lived in the south suburbs of Atlanta, it was easy to forget about whites. Whites were

like those baby pigeons: real and existing but rarely seen or thought about. Everyone had been to Rich's to go clothes shopping, everyone had seen white girls and their mothers coo-cooing over dresses, everyone had gone to the down town library and seen white businessmen swish by importantly wrists flexed in front of them to check the time as though they would change from Clark Kent into Superman at any second⁸⁷.

Como se vê, nesses textos ainda resta espaço para a indignação genuína, para a elaboração de um processo intelectual regular, ainda que se mantenha, ao longo dessas obras, certa tendência a individualizar as questões, a transformar condição social em destino particular.

I love my wife. I think I love my wife. I want to love my wife. I can't say that we're in love anymore, but that's why we're joining this group. Kelli thinks I'm angry about the world, and she just may be right. The problem is that she thinks my anger is spilling over into our marriage. So, instead of paying somebody to listen to our problems, I've agreed to join this journal-writing group with her. (...) I don't like white folks and I don't like black folks who try and be like white folks. I'm sick and tired of the subtle racism inflicted by whites and I'm real sick of Uncle Tom Blacks who accept it without protest. I never dreamed when I was at Hampton that I would run into so many people who were ashamed of being working-class black folks. They actually believe everything they see about themselves on television or in the white press, where black folks are "murdered" or "killed" and white folks are "slain". Black folks are crackheads, white folks have drug problems. The only paper I read is the Chicago defender. Same goes for movies. I won't go to any movies unless they've hired at least one black actor or actress in a meaningful role. This really pisses Kelli off, because she loves that Meryl Streep

87 "Quando você vivia nos subúrbios de Atlanta era fácil esquecer os brancos. Os brancos eram como aqueles filhotes de pombos: eles existiam realmente, mas raramente eram vistos ou se pensava neles. Todo mundo tinha estado no Rich's para comprar roupas e todo mundo tinha visto garotas brancas com suas mães bem vestidas. Todos tinham ido à biblioteca e visto empresários, parado frente a eles e cronometrado quantos minutos eles levariam para deixarem de ser o Clark Kent e virarem o Super-Homem" (PACKER, Z.Z. *Drinking Coffee elsewhere*. Nova York: Riverhead Trade, 2004, p. 09).

Chick⁸⁸.

Em toda essa tensão, há ainda um elemento adicional surgido no final da década de noventa: Oprah Winfrey. Em 1996, a apresentadora mais conhecida da televisão americana criou seu próprio clube do livro. A lista definitiva do clube do livro de Oprah, finalizado em 2010, contém setenta e dois livros. Sua iniciativa tinha como objetivo fazer seu público (majoritariamente, porém não completamente) afro-americano interessar-se pelo universo dos livros, em uma espécie de educação informal do público. A seleção de uma obra por Oprah gerava o que foi apelidado pelo mercado norte-americano como *the Oprah effect*⁸⁹. O fundamental a ser ressaltado nesse episódio de interação entre literatura e mídia eletrônica é que as obras já incensadas pela crítica sofriam pouca alteração nas vendas. Títulos como *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens, não obtiveram quase nenhum impacto em suas vendas quando recomendadas pela apresentadora. O clube, embora tivesse o propósito de implantar as discussões sobre o livro, tinha poder somente para chamar atenção

88 "Eu amo minha esposa. Acho que amo minha esposa. Eu quero amar a minha esposa. Não posso mais dizer que estamos apaixonados, mas é esse é o motivo pelo qual resolvemos participar desse grupo. Kelli acha que eu sinto ódio do mundo, e ela talvez esteja certa. O problema é que ela pensa que meu ódio atinge nosso casamento. Então, em vez de pagar alguém para ouvir nossos problemas, eu concordei em participar dessa terapia em grupo com ela. Não gosto de pessoas brancas. E eu não gosto de pessoas negras que tentam ser como os brancos. Estou cansado desse racismo sutil imposto pelos brancos e estou cansado desses negros tipo tio Tomás, que aceitam essas coisas sem protestar. Nunca pensei nisso quando estava na Hamptom. Nunca pensei que eu poderia esbarrar em tantas pessoas que sentem vergonha de serem trabalhadores negros. Eles realmente acreditam em tudo o que dizem sobre eles mesmos na televisão ou na mídia branca, onde os negros são "assassinados" ou "mortos" e onde os brancos são "falecidos". Caras negros são noiados e caras brancos têm "problemas com drogas". O único jornal que eu leio é o Chicago Defender. A mesma coisa acontece com os filmes. Eu não vou a um filme a menos que exista um ator negro ou atriz negra em um papel principal. Isso irrita muito a Kelli, porque ela ama aquela mina, a Meryl Streep" (HARRIS, E. Lynn. **If this world were mine**. Nova York: Random House, 1995, p.10).

89 O clube do livro de Oprah parece-me um exemplo adequado de agendamento. Tomo aqui agendamento como sendo o conceito criado por Maxwell McCombs e Donald Shaw, segundo o qual os conglomerados midiáticos definem os temas debatidos pela população, embora não possam definir as posições que serão adotadas por ela. A chegada da teoria, em 1970, suavizou e transformou o entendimento sobre influência das mídias nos comportamentos sociais.

para obras desconhecidas do grande público. Livros como *O leitor* se tornaram *best-sellers* por influência direta do projeto, e sua adaptação para o cinema se deu apenas após o expressivo aumento de vendas alcançado pela adoção do Clube do Livro de Oprah.

The act of reading has long been venerated – and rightly so – as an autonomous exercise of freedom, imagination, enlightenment, and creativity, one that cultivates benefits not only for the atomized individual but also for society as a whole. In a era in which so many find themselves lamenting the decline of popular engagement with literature and literacy in favor of electronic media and other sources of distraction and satisfaction, Winfrey has proven through her admirably democratizing book club that there are in fact large and largely untapped portions of the population who are willing and eager to interact with literary texts, and through them, with each other⁹⁰.

A existência do clube do livro representava não apenas uma aposta na capacidade da massa emergente como também estabelecia uma nova tensão social por propor um cenário onde uma apresentadora de televisão, negra, fazia indicações em uma instituição com pouca ou nenhuma tradição popular, que é a dos clubes de livros nos Estados Unidos. Não há, contudo, nenhuma evidência de que o Clube do Livro de Oprah tenha fomentado a leitura em si. Os instrumentos possíveis de aferição dão conta do impacto de seu projeto apenas nas vendas de livros, mas nada podem dizer sobre sua leitura. Em ampla medida, trata-se da cultura de se falar no livro, de fazer com que ele se

90 “O ato de ler tem sido venerado – e é justo que seja – como um exercício autônomo de liberdade, imaginação, esclarecimento e criatividade, que gera benefícios não apenas para os indivíduos, como também para toda a sociedade. Na era na qual nos encontramos, muitos lamentam o declínio do interesse por literatura e leitura em razão das mídias eletrônicas e de outras fontes de distração e divertimento. Winfrey provou, através de seu admirável e democratizante clube do livro, que existe, na verdade, uma grande parcela da população que está disposta e ansiosa a interagir com textos literários, e através deles interagir entre si” (ROONEY, Kathleen. **Reading with Oprah**. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2005, p. 12).

presentifique como peça cultural manipulável, material, acessível. Seu programa oferecia um imenso pacote que incluía uma espécie de reeducação das massas, especialmente as negras, com um enorme apelo à sensibilização dos indivíduos do sexo masculino. Por essa razão, alguns autores escolhidos temiam se tornar um tipo de livro direcionado a um único tipo de público⁹¹.

Da publicação dos textos seminais de Olaudah Equiano até a edição do mais recente de Deja King, a literatura afro-americana tem sido uma janela através da qual se podem flagrar os processos históricos que os negros têm enfrentado. Confirma-se, assim, a concepção de que a literatura é um tipo de resposta que os indivíduos, dentro de suas condições materiais, produzem quando são confrontados a replicar as perguntas de suas épocas.

91 Em 2001, Jonathan Franzen recusou-se a participar do projeto por, segundo ele, não ter "interesse algum em programas de televisão".

4. Ellison incolor

Não é incomum, para um indivíduo negro, que ele seja visto como um representante de toda a comunidade negra. Onde quer que vá, o que quer que faça, não faz por ele, não responde por si, mas por toda sua comunidade, por todos os seus pares. Com facilidade também ele vê a si mesmo dessa forma, principalmente se bem-sucedido socialmente. Isso gera uma cisão no sujeito, uma tensão coletiva com contornos de crise identitária individual. Assim, muitas vezes, especialmente nas produções audiovisuais, a mera presença de um indivíduo negro é dada como suficiente para resolver o problema da representatividade. Não importa que o filme trate de questões irrelevantes, ou que os besteiros ocupem o espaço de reflexão, contanto que sejam protagonizados por negros. Interessa, afinal, o jogo, não a cor dos jogadores. O modo de operação permanece o mesmo, pouco importando quem o opere. Em outro campo, ocorre uma individualização do racismo como saída para a vítima do racismo. Apenas a vitória individual é incentivada. O racismo, como conceito, é visto de forma negativa por grande parte da burguesia, na medida em que ele pode, acidentalmente, impedir o progresso e tomar alguém promissor por alguém sem futuro e alguém sem valor real por alguém valoroso. A operação é de desvio. O preconceito assume *status* de erro de avaliação, de engano. Não são todos os que mereceriam a exclusão. Assim, admite-se que, individualmente, possam haver aqueles que mereçam migrar de uma classe à outra. Para o regime capitalista funcionar em plenitude, não podem haver barreiras intransponíveis de cor, gênero e desenvolvimento. Essas barreiras devem ser móveis, basculantes, flexíveis. Aos poucos, o preconceito racial torna-se “mais uma” das inúmeras dificuldades que o indivíduo deve vencer para provar seu valor. A própria tradição da organização política dos partidos que se

apresentam como seguidores do marxismo tem sido enredada no mesmo engodo. A ausência de lideranças negras e a desoladora ausência de negros nos topos das cadeiras de alta inteligência têm sido credenciadas às dificuldades materiais de se chegar lá. A solução, portanto, viria do campo da economia. Sem dúvida, uma postura adequada a um capitalista médio, mas bastante estranha vinda de grupos que não deveriam contar com o capitalismo para empreender suas revoluções. É certo que o racismo não é um problema do capital, mas tem sido um problema que o capital não hesita em tomar para si, caso isso represente alguma possibilidade produtora de lucro. De outra forma, o pensamento marxista, nascido dialeticamente dentro do capitalismo como força das massas para as massas, precisa lutar frequentemente para não se transformar em seu oposto: uma força dos indivíduos em prol de pequenas conquistas individuais.

Ralph Ellison sucumbiu a esse risco. Afastou-se não somente da teoria marxista, mas dos marxistas. Ao fazer isso, não se tornou o indivíduo que desejava ser, mas sim o menos individual de todos os autores. Ao recusar-se a reconhecer qualquer tipo de irmandade com seus semelhantes, amplificou o papel da classe em sua vida. Ellison experimentou, portanto, dois processos de identidade social. Primeiro, por ser negro, representava todos os negros aos olhos da sociedade norte-americana; depois, falou pelos negros, ainda que não quisesse representá-los. Falta um terceiro nome na tríade dos mitos da comunidade negra norte-americana. Malcom X na parte esquerda, Martin Luther King na parte direita. E, no meio, há um espaço vazio, eternamente à espera de Ralph Ellison, que jamais demonstrou interesse em ocupar esse lugar e, em ampla medida, fez de tudo para rejeitá-lo. Jamais auxiliou contemporâneos escritores. Jamais marchou com outros negros nas fileiras das

lutas pelos direitos civis. Grande parte desse posicionamento foi sendo, de certa forma, moldado pela crítica literária norte-americana, em especial por pensadores próximos a Ellison, como Harold Bloom:

That is a very, very rare exception. What else is there like Invisible Man? Zora Neale Hurston's *Their Eyes Were Watching God* has a kind of superior intensity and firm control. It's a very fine book indeed. It surprised and delighted me when I first read it and it has sustained several rereadings since. But that and Invisible Man are the only full scale works of fiction I have read by American blacks in this century that have survival possibilities at all⁹².

Assim, Ellison era visto como um evento especial, uma anomalia literária. A literatura afro-americana surge então com um empecilho para a recepção dos próprios autores afro-americanos. Muitos deles, como Ellison, preferem livrar-se dessa denominação, em nome de um ideal de recepção universal, altamente apoiado por críticos como Bloom. Em suma, o que defende Bloom é que a radical presença de uma voz social pungente destrói os níveis de ambiguidade necessários para que uma obra possa ser de fato considerada literária. Assim, *Homem Invisível* seria uma grande obra que, por um lado, transcende as limitações de seu tema e, por outro, reafirma, com seu ineditismo, a raridade dos eventos de qualidade estética na literatura afro-americana. Evidentemente, o comentário de Bloom destrói, já de saída, a pretensão de sua

⁹² "Aquilo é um caso muito, muito raro, uma exceção. O que mais é como *Homem Invisível*? Zora Neale Hurston, em *Seus olhos observavam Deus*, tem um tipo superior de intensidade e controle. É um ótimo livro, na verdade. Fiquei muito surpreso e tive muito prazer com ele. Li e reli muitas vezes. Mas esse livro e *Homem Invisível* são as únicas coisas relevantes na ficção dos negros americanos nesse século, que podem sobreviver ao tempo." Disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/2225/the-art-of-criticism-no-1-harold-bloom>.

tese, ao localizar em apenas dois nomes o bom resultado estético da literatura fora das centralidades ordinárias. É por essa razão que o conteúdo subjacente da fala de Bloom é de que os autores negros não possuem nada a dizer senão uma profusão de confissões cuja validade repousa somente na medida em que podem possuir algum valor histórico, algo que concerniria ao campo dos estudos da história, e não da literatura. Em seu discurso de aceitação do National Book Award, em 1953, Ralph Ellison declara:

If I were asked what I considered to be the chief significance of *Invisible Man* as a fiction, I would reply: Its experimental attitude and its attempt to return to the mood of personal moral responsibility for democracy which typified the best of our nineteenth-century fiction. I was to dream of a prose which was flexible, and swift as American change is swift, confronting the inequalities and brutalities of our society forthrightly, but yet thrusting forth its images of hope, human fraternity, and individual self-realization. Despite my personal failures there must be possible a fiction which, leaving sociology and case histories to the scientists, can arrive at the truth about the human condition, here and now, with all the bright magic of the fairy tale⁹³.

Note-se: nenhuma palavra sobre raça. Nenhuma palavra sobre racismo, nenhuma palavra sobre sua condição de membro da comunidade negra estadunidense. Lawrence Jackson, no primeiro artigo do *Cambridge Companion* dedicado a Ellison, ressalta as contradições entre a vida do autor e sua obra, caracterizada, de forma incontestável, pela repulsa de Ellison em se

⁹³ "Se me perguntassem seriamente o que eu considero o mais importante em *Homem Invisível*, sob o aspecto ficcional, eu diria que é sua atitude experimental e sua tentativa de se retornar ao estágio de responsabilidade moral democrática, que caracteriza o melhor da nossa ficção no século XIX. Sonhei com uma prosa que fosse flexível, e que fosse mutante, como a América é mutante, confrontando as desigualdades e as brutalidades da nossa sociedade de forma inequívoca e direta, mas ainda assim apoiada em esperança, fraternidade, e autorrealização. A despeito de meus fracassos pessoais, deve ainda ser possível fazer uma ficção que possa chegar à verdade da condição humana aqui e agora, deixando a sociologia para os cientistas sociais, com todo o brilho mágico de um conto de fadas." Disponível em: http://www.nationalbook.org/nbaacceptspeech_rellison.html#.Vl66EvmrTIU, acesso 02 de dezembro de 2015, às 01:41.

tornar um líder da comunidade negra, em parte por negar o próprio conceito de comunidade negra. Ironicamente, a palavra *tormented* aparece diversas vezes ao longo da produção crítica sobre o autor, como se houvesse dois Ellisons: um profundamente ambicioso, herói de si mesmo; e outro incapaz de dar conta dessas ambições, oprimido pelo medo de não estar à altura do cargo que desejava relutantemente ocupar. Essa tensão expõe uma contradição interessante sobre o papel da literatura e revelou-se o maior empecilho à mercantilização de sua imagem. Há mercadorias difíceis. Contudo, uma forte ênfase na separação entre literatura e reflexão social, um aceno à força da ação individual e a construção de uma espécie de atmosfera ruidosa onde a literatura é produzida pela ação única do escritor em um processo isolado, solitário e um tanto mágico.

Barbara Foley, em *Wrestling with the left: the making of the Ralph Ellison's Invisible Man*, atenta para o fato de que os editores de *Homem Invisível* fizeram diversas manobras publicitárias para evitar que o passado de relações de Ellison com associações de orientação marxista viesse à tona. Na breve biografia apresentada sob a foto do autor, constava o trabalho dele como músico, como fotógrafo, como ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, mas nenhuma menção a qualquer um de suas doze participações em publicações marxistas. Quando indagado sobre as relações entre engajamento político e literatura, ele costumava responder com reticência ou mesmo desinteresse pela temática. Nas raras vezes em que se propôs a tratar do tema, criticou os autores que, segundo ele, haviam se perdido em soluções ficcionais banais. Acusava alguns autores estadunidenses, especialmente a Richard Wright, de descobrir a teoria marxista antes de descobrir a teoria literária.

A influência francesa na comunidade intelectual negra dos EUA

estava muito alta na década de 1950, e as considerações de Jean Paul Sartre, publicadas quatro anos antes sob o título de *Qu'est-ce que la littérature*, exerceram profundo fascínio nos intelectuais negros que sentiam os efeitos do Macartismo. Essa influência soava para Ellison como mais uma etapa do processo de colonização do pensamento negro por parte de uma elite intelectual que tinha interesse em manipular as demandas das massas em nome de um projeto de poder que as deixaria, na ótica de Ellison, fora do poder. Ele jamais representou o modelo de indivíduo-líder que a comunidade negra gostaria de seguir. Seu nome não é uma marca, como o de Malcom X. Tampouco figura como um estandarte de uma luta maior que ele mesmo, como o de Martin Luther King. A publicação de *Homem Invisível* não pôde, por essas razões, contar com sua ajuda para inserir-se no debate social da época. Havia apenas dois espaços consagrados a Ellison: o de autor negro ou de autor branco. Na rejeição do primeiro, e na impossibilidade de ocupar o segundo, preferiu o delírio de se tornar um autor que estivesse acima-das-questões raciais, um artista que fosse ele mesmo o exemplo de possibilidade de transcendência individual da dimensão étnica.

O sistema literário, então, com sua perversidade exploratória, possibilitou-lhe um caminho alternativo: o de ser incolor. E, no meio desse nevoeiro silogístico, dessa estrada de mão dupla rumo à existência anódina, concedeu-lhe uma verdade inconveniente: invisibilidade é, também, materialidade.

4.1 O estatuto do herói negro

A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente

quando parecem empenhados em transformar-se a si e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestado seus nomes, as suas palavras de ordem, seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial (MARX, 2014:25).

Enquanto escrevia *Homem Invisível*, em um apartamento emprestado por um casal de amigos, membros da classe média judaica nova-iorquina, Ellison lia o livro *O Herói*, uma seleção de textos sobre mitologias diversas. Procurava nele um elo de ligação que o auxiliasse em sua tarefa de reescrever a tradição da cultura negra, colocando-a sob análise minuciosa através do romance. Ele não possuía antecessores. Ele não possuía uma ideia clara do que queria fazer. Sabia, entretanto, aquilo que estava convencido a não fazer: uma obra inserida dentro dos parâmetros estéticos de Richard Wright, principal escritor afro-americano até aquele momento. Em princípio, era necessário escrever uma obra que reunisse o jazz, a violência, a injustiça social, tudo aquilo que era caro à comunidade negra, em uma só obra que fosse capaz também de preservar a noção de ação do individual, de direito de escolha, de autodeterminação. Sua obra tinha que ser não apenas o relato das condições dos negros, mas um inédito relato das manipulações, das maquinações subjetivas e de como os negros criam estratégias de dissimulação para sobreviver às situações impostas por sua condição social inferiorizada. E justamente quando necessitava criar algo inteiramente novo, Ellison, como na passagem do *18 de Brumário*, invocou a tradição do jazz, a tradição de um povo cuja principal característica passa a ser a capacidade de adaptação (daí apoiar-

se nos improvisos jazzísticos e pontuar o livro com menções a Louis Armstrong). *Homem Invisível* poderia ser um poema extenso. *Homem Invisível* poderia ser um disco de jazz através do qual Ellison discorreria sobre as aleluias e agonias de sua condição de negro. Entretanto, nenhuma dessas formas artísticas seria inédita. Em 1952, a música poesia e a música negra eram recebidas com o mesmo tipo de entusiasmo pela classe média estadunidense. É fato que as leis do período Jim Crow ainda prevaleciam, mas é verdade também que na parte norte dos EUA, especialmente em Nova York, proliferavam os lugares onde a América negra se mostrava para a América branca e as duas celebravam uma coexistência possível. Portanto, uma obra musical vinda de um indivíduo negro, por melhor e mais ambiciosa que fosse, não escaparia de um esquema de produção *underground*, sendo apenas uma nova versão dos circuitos não emancipados dos quais Ellison desejava escapar. Foi por essa razão que Ellison escolheu compor seu trabalho no formato de romance, essa forma burguesa por excelência. E não por outra razão, o National Book Award foi oferecido a ele no ano seguinte, vilipendiando nomes como Ernest Hemingway (que havia publicado *O velho e o mar* no ano anterior) e John Steinbeck (que concorria com *A oeste do paraíso*). A própria escolha do meio se configurava, mcluhianamente, na mensagem que o livro pretendia transportar. Utilizando-se da forma específica da burguesia, Ellison enviou a mesma mensagem a proletários e burgueses: a mensagem de que não estava alinhado com nenhuma das lideranças e que, embora fosse negro e embora fosse um liberal, não professava fé particular nem na negritude nem no liberalismo⁹⁴. Esta sensação partia de um sentimento de inadequação dentro do cenário afro-

94 “O romance foi a forma específica da burguesia. Em seu início encontra-se a experiência do mundo desencantado no Dom Quixote e a capacidade de dominar artisticamente a mera existência continuou sendo o seu elemento” (ADORNO. Theodor. **Notas de literatura**. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 55).

americano e de um evidente desconforto em participar de uma tradição cultural que era a base do discurso que gerou a escravidão negra.

The disappearance of the African-American intellectual tradition – including its philosophy – occurred in the course of its incorporation into the European American Imperial epistemic order that was an integral part of the larger hegemonic cultural system that legitimated colonization and African slavery. This epistemic order was racist in that it rested on principles of White supremacy. Thus, irrespective of the intrinsic merit of texts, the epistemic value and recognition given to them had to be racially determined. Consequently, White discourses and authors – whether religious, literary, sociological or philosophical – necessarily accumulated recognition, truth value, authority, and canonicity at much faster rates than Black discourses and authors.⁹⁵

O vazio de discursos negros também era o vazio material da falta de lideranças intelectuais. Ellison havia diagnosticado que a comunidade negra estava empanturrada por líderes comunitários, mas faminta de formadores de intelectuais relevantes⁹⁶. Com o tempo, Ellison passou ele mesmo, à sua própria

95 “O desaparecimento da tradição intelectual afro-americana – incluindo sua filosofia – ocorreu durante a assimilação do modelo epistêmico europeu, que era parte integral de um sistema hegemônico cultural bem mais amplo, que legitimava a colonização e a escravidão africana. Essa ordem epistêmica era racista e nela repousava os princípios da supremacia branca. Assim, independente do mérito dos textos, o valor epistêmico e o reconhecimento dado a eles era racialmente determinado. Consequentemente, discursos brancos e autores – fossem eles religiosos, literários, filosóficos ou sociológicos, necessariamente adquiriam reconhecimento, valor, autoridade e canonicidade muito mais rapidamente que os discursos negros e seus autores (HENRY, Paget. *The rise of african-american philosophy* in GORDON, & JANE. **Companion to african-American studies**, p.224).

96 “When I started writing *Invisible Man* I was reading Lord Raglan’s *The hero*, in which he goes into figures of history and myth to account for the features which make for the mythic hero and at the same time I got to thinking about ambiguity of Negro leadership during that period. This was the late forties and I kept trying to account for the fact that when the chips were down, negro Leaders did not represent the Negro community”. (“Quando comecei a escrever *Homem Invisível*, estava lendo *O herói*, de Lord Raglan, livro em que ele investiga a história com o objetivo de resgatar as características que contribuíram para a construção do herói mítico. Então, ao mesmo tempo, eu comecei a pensar sobre a ambiguidade da liderança

revelia, a ocupar o espaço de intelectual negro. Antes dele a figura do negro era sinônimo de racismo. O racismo era visto como resultado natural da existência dos negros. De certa forma, pode-se afirmar, o negro era culpado de, com sua cor, proliferar a necessidade do racismo. Ao construir seu personagem que verbaliza “sou invisível porque se recusam a me ver”, ele deixa claro que racismo é um tipo específico de resposta a sua cor. Isto opera como uma desnaturalização das reações anti-negras e, portanto, é, para além da vontade de seu autor, uma obra libertária.

Durante sua vida, Ellison trabalhou para que seu texto fosse visto como um momento isolado da literatura norte-americana, e procurou fazer crer que *Homem Invisível* era resultado da ação de um homem competente que, por acidente, era também negro. Em parte receoso de que seu texto fosse considerado autobiográfico e, portanto, menor, Ellison procurou aliar-se àquilo que se pode chamar de uma obra universal. *Homem Invisível* viria a ser a trajetória de um homem qualquer, que se recusa a continuar sendo visto por aquilo que não reconhece como sendo seu verdadeiro eu. Essa semantização de sua principal obra se insere na tentativa de apagar o papel histórico das diferenças fenotípicas, focando somente no mero reconhecimento biológico delas. Assim, as tonalidades diferentes de pele, os tipos de cabelo, a altura do nariz, a grossura dos lábios, o tamanho da arcada, fazem parte do universo de diferenças entre os seres humanos, sem qualquer relevância social. O discurso da diferença atingiu um status de universalidade até sumir como força política. Uma vez que todos são diferentes de todos, não haveria por que beneficiar algumas diferenças específicas. Todos esses expedientes do autor não passam

negra naquele período. Era o final da década de 1940 e eu tentava identificar quando as coisas começaram a degradingolar, quando, afinal, os líderes negros passaram a não representar a comunidade negra (ELLISON, Ralph. **Shadow and Act**. Nova York: Random House, 1995, p.50).

de uma tentativa de transformar-se em herói, em protagonista de uma narrativa inventada por ele para caber em um ideal já existente de modelo de ação. Observando as estruturas sociais das comunidades negras, conclui-se que a solidão simbólica se faz presente na maior parte delas. Ellison tornou-se esse herói de si mesmo, esse Dom Quixote sem Sancho Pança, porque esse é o arquétipo da cultura negra norte-americana, um *self-made* que se retraduz no testemunho de uma independência feita de solidão, autoafirmação e identidade.

4.2 A posição do escritor negro na sociedade capitalista

Na língua inglesa há uma ambiguidade frutífera no termo *Writer*. Ele significa tanto o profissional da televisão americana e do cinema, altamente lucrativo, acostumado a introduzir, desde a gênese de seu texto, as pressões da audiência e das demandas sociais externas, quanto o escritor solitário, ainda sem leitores. Essa dimensão une em uma mesma palavra tanto uma possibilidade de originalidade, de compromisso com seu próprio projeto estético e com uma ideia de literatura, quanto uma filiação aos elementos mais salientes da indústria cultural. Assim, no idioma inglês não há, como no português, um ponto de partida distinto nas atividades de escritor. *Writer* é um nome genérico, que abarca uma possibilidade de adiamento das inclinações políticas do autor e até uma infinita reversibilidade de suas intenções. Assim, enquanto no Brasil um roteirista é estritamente alguém que escreve roteiros e, caso deseje lançar-se à categoria de escritor (reconhecidamente mais prestigiada socialmente e, paradoxalmente, carente ainda de um nível de profissionalização), deverá reconhecer a diferença essencial entre essas duas

atividades. Nos Estados Unidos, roteirista, redator, escritor se reúnem sob o mesmo abrigo, ocultando as diferenças entre essas atividades.

Para além dessa questão linguística, há a questão da extensão administrativa da atividade de escritor nas sociedades do capitalismo recente. Em 1952, um autor enviava os originais diretamente ao endereço da editora. Após um período de espera, que poderia chegar a oito meses, recebia uma carta com o aceite ou a recusa dos originais fornecidos. Em 2016, a realidade editorial é composta de editoras detentoras não apenas de direitos de publicação de textos dos autores como do licenciamento de produtos variados (camisetas, mochilas, canecas, chapéus, copos etc.) e do controle das adaptações literárias para o teatro e para o cinema. Some-se a isso um cenário de fusões empresariais, que gera conglomerados midiáticos cada vez mais capazes de influenciar na distribuição e na recepção das obras editadas. Ellison morreu em 1994, treze anos antes do lançamento do Kindle e das inovações digitais que reconfiguraram o mercado livreiro internacional, mas sua obra, evidentemente, sofre a influência dessas mudanças. E não é possível afirmar por quanto tempo sua obra permanecerá imune a elas ou, em outras palavras: o quanto de *Homem Invisível* restará quando todo o mundo social que cercava o autor no momento de sua criação estiver desaparecido por completo.

É válido retornar por um momento a 10 de novembro de 1981, quando Ellison redige um prefácio para a edição comemorativa de sua principal obra. Nele, remonta ao cenário social em que construiu sua narrativa. Havia uma evidente descontinuidade social: Ellison escrevia sobre uma realidade que ele conhecia bem, mas o fazia instalado provisoriamente em uma materialidade completamente alheia a seu ponto de partida. Ele agora habitava um apartamento de classe média, no centro de Manhattan, ambiente com razoável

nível de sofisticação, afinal, o Harlem da década de 1950, onde o autor morava – anterior ao período de intensa especulação imobiliária – era não somente um lugar não recomendado para não-brancos como também uma espécie de reduto da comunidade negra da época. Sua experiência é um arquétipo das dificuldades de inserção do autor negro nas sociedades capitalistas.

Em um célebre artigo, publicado na edição de 4 de janeiro de 2006 do jornal *The New York Times*, e intitulado *Their Eyes were reading Smut*, Nick Chiles concentra seu foco em denunciar o esvaziamento da literatura afro-americana. Basicamente, a literatura negra, que havia finalmente conseguido comprovar a necessidade da diversidade dos modelos literários, sente agora os efeitos de ser também retirada da centralidade dos debates culturais por produções ainda mais marginais que ela.

As a black author, I had certainly become familiar with the sexualization and degradation of black fiction. Over the last several years, I had watched the shelves of black bookstores around the country and the tables of street vendors, particularly in New York City, become overrun with novels that seemed to appeal exclusively to our most prurient natures – as if these nasty books were pairing off back in the stockrooms like little paperback rabbits and churning out even more graphic offspring that make Ralph Ellison books cringe into a dusty corner⁹⁷.

Chiles tem se destacado por invocar um princípio de autoridade que afastaria qualquer tipo de suspeita de preconceito quanto à origem étnica das

97 "Como um autor negro, estou com certeza familiarizado com a sexualização e a degradação da ficção afro-americana ocorridas nos últimos anos. Por todo o país tenho visto, tanto nas prateleiras de livrarias especializadas quanto em bancas de rua (isso ocorre especialmente em Nova York), a invasão de romances que parecem apelar somente aos nossos instintos de natureza mais lasciva – como se esses livros abjetos quando agrupados nos almoxarifados se autorreproduzissem com tipografias cada vez mais apelativas, que fazem os livros de Ralph Ellison serem compelidos a um canto poeirento." <http://www.nytimes.com/2006/01/04/opinion/04chiles.html>

autoras e o permitiria atacar imparcialmente o conteúdo de seus textos. Suas críticas se localizam não apenas no conteúdo das obras que rejeita, mas principalmente na existência de um novo sistema de produção e de consumo da literatura afro-americana, no qual o grande cânone formado por autores como Richard Wright, Toni Morrison e Ralph Ellison tem sido substituído por Vickie Stringer, Teri Woods e Deja King. Esses nomes têm em comum o fato de pertencerem ao gênero feminino e de venderem tanto a ponto de não precisarem de trabalhos auxiliares para se autossustentarem, o que se constitui em uma provocação adicional a já tensa relação entre produtores de alta literatura e produtores de literatura de massa. Em uma dupla articulação, opera-se um movimento em que essas autoras são as realmente bem-sucedidas em sua área, o que possibilita que todo argumento contra elas seja rebatido como fruto de um ressentimento oriundo do ostracismo midiático no qual nomes como Nick Chiles têm mergulhado. Essa nebulosidade revela uma estratégia recorrente do sistema literário estadunidense: tomar como relevante somente aquilo que surge nas vitrines, prateleiras e lojas, pautando-se pelo mercado, transformando a própria crítica ao mercado em uma ferramenta para amplificar as estratégias de produção. O próprio orgulho racial passou a ser uma possibilidade de aquecer o mercado⁹⁸. E o ódio racial branco passou a se tornar um entrave para a ampliação do mercado americano consumidor. As leis Jim Crow encontraram seu esgotamento quando o mercado não via mais sentido em produzir dois ambientes e dois espaços para os negros e brancos. Dividi-los produzia para os comerciantes demandas econômicas desnecessárias.

98 O fetiche é uma dívida que toma o aspecto de dividendo. Ele só favorece ao fabricante da mercadoria, nunca a seu comprador, pois é inteiramente consumido no ato da compra, como um combustível do processo de consumo. Contudo, em questões raciais torna-se difícil discernir onde termina a legítima celebração da identidade de uma etnia e onde começa a adulação dela, com objetivos midiáticos ou mercantis.

A ideologia da cor não pode ser maior do que a ideologia financeira. É por esse viés que Martin Luther King parece encontrar a brecha para as bases de seu discurso. O racismo branco havia aniquilado aquilo que a América mais prezava: o sonho americano. Barack Obama, sempre que pode, apresenta-se como representante desse sonho.

A toupeira invisível: uma conclusão

Ainsi l'hégémonie est à la fois une forme métastable, puisqu'elle a absorbé le négatif - mais par là même, sans possibilité d'équilibre dialectique, donc infiniment fragile. Sa victoire n'est donc qu'apparente, et cette positivité intégrale annonce sa propre dissolution. C'est donc le crépuscule de la pensée critique, mais c'est aussi l'agonie de la puissance.⁹⁹

Em uma mesa auxiliar, disposta no segundo andar do prédio da livraria Barnes & Noble, na Quinta Avenida, em Nova York, reúnem-se os livros: *O segundo sexo*, *Autobiografia de Malcom X*, *Infinite Jest*, *As correções* e *Homem Invisível*. Uma pequena placa de metal indica "Books that make you think". A dedução óbvia é a de que os outros livros disponíveis na loja (cerca de um milhão e duzentos mil títulos) não se enquadram nessa categoria, não possuem, portanto, o poder de fazer o cliente pensar. Para além da anedota, a presença de *Homem Invisível* nesse pequeno clube de livros caros à comunidade liberal nova-iorquina é eloquente. *Homem Invisível* tornou-se, na sociedade estadunidense, o oposto do que possa sugerir seu título. Está em todos os lugares, é rapidamente reconhecido como "um clássico incontornável" nas rodas intelectuais. O livro está fortemente presente nas universidades, nas escolas, nas bibliotecas públicas, nas reuniões comemorativas de articulistas da *New Yorker*, nas prateleiras dos leitores da *New Republic*. Já nas comunidades negras, Ralph Ellison parece sofrer um processo de desaparecimento. Em parte porque é um

99BAUDRILLARD, Jean. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 28 • dezembro 2005 • quadrimestral 7("Desta forma, a hegemonia adquire uma forma metastática, já que absorveu o negativo, e por isso mesmo, está sem qualquer possibilidade de equilíbrio dialético. Ela se torna totalmente frágil. Sua eventual vitória, então, é só aparente, e essa positividade íntegra anuncia sua própria dissolução. É o crepúsculo do pensamento crítico, mas é, também, a agonia da potência.") Tradução minha.

escritor e a literatura continua sendo um artigo luxuoso em uma selva de mercadorias eletrônicas. Em parte porque foi um autor anti-midiático, que jamais permitiu a exploração de sua imagem e, por seu caráter misantropo, deixou vago o posto que poderia ter ocupado facilmente ao lado de Malcom X e Martin Luther King. Isso contribuiu positivamente para uma análise concentrada na obra e não no autor, porque biografias fascinantes costumam induzir um pesquisador ao erro. E a empatia não é bom aliado em uma empreitada analítica, afinal, para encontrar o valor estético de uma obra é preciso, antes, renunciar à presunção de valor desta própria obra. Doutra forma, outra coisa não restará senão a reprodução automática da antiga máquina de celebração publicitária disfarçada de crítica literária. De certa forma, a própria natureza do debate sociológico proposto aqui estabelece certas limitações acadêmicas intransponíveis, geradas justamente pela urgência de destruir também pela forma aquilo que protege o sistema ideológico dominante. Contudo, é preferível isso ao seu contrário: a elegância precisa de letras que cuidadosamente se organizam em torno do objeto sem qualquer condição de enfrentar os fomentadores de sua existência. Certa nebulosidade é essencial para entender um objeto que se disfarça sempre que lançam nele luz direta. Assim, o que se procurou realizar aqui foi simplesmente uma leitura de *Homem Invisível* a partir do pressuposto marxista, observando dois aspectos centrais: de que modo a tradição literária influenciou Ralph Ellison e de que forma Ralph Ellison procurou, como autor, estabelecer um controle ideológico de seu legado literário.

Assim, através desta pesquisa concluiu-se:

I) que há uma dupla articulação entre o problema do racismo e as construções teóricas marxistas: por um lado elas não parecem estar

suficientemente prontas a encarar a evidência ofuscante de que se ainda estão empenhadas a combater a opressão; por outro, a comunidade negra não parece estar disposta a abandonar o fetichismo da cor, a marca de seu diferencial social, único elemento material que esses indivíduos, de fato, herdaram. Talvez a multiplicação das trincheiras de disputa, denominadas agora como ecologia, estudos *queer*, estudos judaicos, estudos culturais, estudos afro-americanos, estudos árabes, não seja resultado de uma compartimentação de mercado, seguindo leis capitalistas, mas o seu oposto. Essa fragmentação pode ser resultado da tentativa de destruição da experiência socialista, que, pós-queda do muro de Berlim, dissolveu-se em inúmeras partes. Em cada uma delas há a semente de uma análise marxista. Em cada uma delas há o DNA da consciência de que se luta contra uma opressão (seja a opressão das grandes redes de controle genético da produção de alimentos, seja a opressão da sexualidade como instrumento de controle social, seja a opressão da cor, seja a opressão do gênero, seja a opressão da etnia). Todas essas manifestações, ainda que hoje estejam profundamente submersas em camadas e camadas de manobras publicitárias, e de cooptações indevidas, ainda possuem o inegável potencial revolucionário. O futuro do pensamento crítico não está condenado às prisões das prateleiras de uma mega livraria no Soho, seu vigor pulsa de forma latente no subsolo das relações sociais (o mesmo subsolo onde hibernou o homem invisível) tal como na metáfora marxiana da toupeira;

II) que a invisibilidade a qual abordou Ellison não foi a invisibilidade da indiferença, que se baseia em um sistema de isolamento do outro. A invisibilidade do homem invisível é aquela oriunda da hierarquização racial, que faz alguém acreditar que nada vê em um homem negro pela suposta insignificância do que se vê. Perceber-se invisibilizado é, contudo, uma forte

revolução para aqueles que não têm nada a perder exceto, talvez, sua própria invisibilidade;

III) que o marxismo negro é uma resposta acadêmica a má abordagem da questão racial por parte dos marxistas estadunidenses entre as décadas de 1980 e 2000, que possui validade apenas em relação aos episódios de má elaboração da teoria marxista por parte de autores inábeis e não à teoria ela mesma¹⁰⁰;

IV) que *Homem Invisível* é uma carta aberta ao leitor liberal médio da década de 1950 e um testemunho da irracionalidade social do racismo, e que se constitui em uma poderosa metáfora através da qual se pretende demonstrar que grandes transformações sociais costumam ocorrer através do compartilhamento de experiências individuais de inadequação;

V) que *Homem Invisível* é composto por um conjunto de *insights* que configuram uma maneira própria de reflexão naquilo que já se pode chamar de tradição intelectual negra – instaurada por W.E.B. Du Bois e ampliada pelo movimento Harlem Renaissance;

100 Não compactuo com a ideia de que o marxismo negro ofereça qualquer tipo de conflito teórico com o marxismo tradicional, nesse sentido: "I don't think Marx would have had any difficulty in facing this fact if he were living today. Marx saw more clearly than anybody that men's ideas are determined by the stage of production. However, Marx is dead and one cannot continue to quote him as an all-time solution for social problems brought on by the development of production. A new theory must be evolved and it is likely to meet as much opposition as Marx's has met. " (BOIS, 1994, p.21) "Eu não acho que Marx teria qualquer dificuldade de encarar esse fato, se estivesse entre nós hoje em dia. Marx viu, de forma mais nítida do que qualquer pessoa antes dele, que as ideias humanas são determinadas pelo estágio do desenvolvimento produtivo. Contudo, Marx está morto e não se deve continuar citando sua obra como um antídoto universal e atemporal a todos os problemas sociais produzidos pelo desenvolvimento da produção. Uma nova teoria deve ser construída e é provável que essa nova teoria encontre tanta resistência hoje quanto o próprio Marx encontrou ontem."

VI) que a crítica literária dos EUA procura reforçar o trabalho publicitário da edição, rejeitando interpretações de classe e vilipendiando as origens marxistas do pensamento de Ralph Ellison;

VII) que a ampliação da cultura de massa nos EUA, fator ausente na época de publicação de *Homem Invisível*, transformou o modo como o livro tem sido recebido no mercado editorial. Se antes havia uma aura de exotismo ao redor da obra, hoje há um tom celebrativo, de modo que *Homem Invisível* é hoje visto, pela parcela majoritária da comunidade negra americana, como um livro elitista, distante do horizonte de expectativas do leitor médio;

VIII) que o capitalismo tardio, responsável pelas condições sociais que fomentaram a criação de *Homem Invisível*, mercantilizou as críticas contidas no livro e tornou a obra um instrumento de propaganda dos progressos do próprio sistema capitalista;

IX) que o processo de edição da obra mutilou de forma radical aspectos inequivocamente alinhados ao marxismo, com o objetivo de controlar ideologicamente a feição das mensagens críticas contidas no livro;

X) que nas sociedades de domínio burguês o campo das disputas se concentra no convencimento da própria burguesia. Através de seus instrumentos de reafirmação da dominação (o sistema midiático, o sistema jurídico, o sistema educacional) pretende-se sempre reproduzir narrativas que busquem tornar racional a dominação e que disfarcem as distorções do sistema, transformando-as em deformações pontuais. No campo social, as elites tendem a alçar qualquer biografia de superação individual como uma receita àqueles seres que ainda sofrem com sua própria condição social. O sistema apresenta-se não como causador da condição de privação, mas como um facilitador de sua superação. Então, a ordem social faz da competição um elemento natural

absorvido pelo sistema econômico e não uma exigência do próprio sistema econômico. Toma-se a causa pela consequência. Em uma paráfrase da construção marxiana: não é o espírito competitivo que determina o sistema econômico, mas o sistema econômico que determina o espírito competitivo. Ocultar essa realidade é fundamental para que se coadunem a ideia que a sociedade tem de si própria – como sendo um lugar justo, onde há liberdade e justiça para todos – e as condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo (livre-iniciativa, direito de propriedade, capacidade de estabelecer e honrar contratos)¹⁰¹.

XI) que, para sobreviver em um sistema que não suporta a existência daquilo que não pode instrumentalizar, a literatura afro-americana transformou-se em uma produção estética que, ainda quando produzida por comunidades marginalizadas, representa a amplificação de uma ideologia dominante;

XII) que os seres humanos podem somente reagir àquilo que os tornou o que são. Não podem, portanto, retornar ao ponto de partida de suas vidas e mudar as condições materiais de suas origens, pois aquilo que acreditam ser suas origens nada mais é do que uma construção histórico-material determinada pelo contexto social;

XII) que a perspectiva do pesquisador é sempre a perspectiva produzida por sua condição material, onde vive, como vive, quanto tempo tem que emprestar à atividade que lhe dá sustento, como pode usufruir dela, com quantos tem que dividi-la, a quem deve sustentar, qual o tamanho de sua prole, se pode contar com a existência de uma herança a receber, seu estado de saúde,

101 "I pledge allegiance to the Flag of the United States of America, and to the Republic for which it stands, one Nation under God, indivisible, with liberty and justice for all." (juramento à bandeira norte-americana, retirado do texto atualizado em 1942).

sua predisposição genética, sua cor, sua orientação sexual, seu gênero e uma infinidade de configurações e demandas que o moldam e, se é verdade que não *determinam* o que ele é, alteram de forma radical a maneira como ele próprio *pensa* ser. Assim, as condições materiais não são consequências do pensamento, mas sim suas produtoras;

XIII) que há grande sentimento de frustração entre as minorias, e em especial os negros, em relação ao marxismo ocidental. As comunidades marginalizadas acreditam não precisar de um novo modo de organização de pensamento, visto que as coisas se resolvem em um plano prático e não é necessário falar a um membro de minoria sobre suas próprias dificuldades sociais. Esperava-se outra coisa dos intelectuais – e em especial dos marxistas – esperava-se que fossem capazes de dissolver as condições de exploração, e não serem dissolvidos dentre elas;

XIV) que, no estado atual as coisas, o fundamental já não é mais descobrir que a religião – para Marx – e o futebol – para Terry Eagleton – tornaram-se ópio para o povo. O importante é agora descobrir por que é tão importante para os dominantes convencer os dominados de que precisam estar sempre distraídos e anestesiados. A questão da ideologia hoje não está mais direcionada às classes inferiores, porque elas já estão inteiramente dominadas pelo uso da força. A questão da ideologia hoje é direcionada às classes dominantes, numa relação de elas-para-elas. Isso ocorre para que a classe burguesa seja convencida de que seus aparatos de repressão são justos;

XV) que o capitalismo é uma utopia. Pois nenhum de seus elementos de sustentação lógica: livre-iniciativa, ampla concorrência e autorregulação existem além do conceito que os geraram;

XVI) que a ideologia já não é um grilhão para as massas negras, mas

sim para a burguesia branca, condenada a consumir as narrativas de controle que criou. A ideologia burguesa opera sobre o racismo em dois sentidos: no primeiro, desfazendo o que foi feito aos negros; em um segundo nível, sugerindo razões biológicas para sua realização. Uma sociedade em que a classe dominante procura ocultar o processo através do qual se tornou dominante será inevitavelmente uma sociedade em que as vítimas deste processo serão frequentemente compelidas a um tipo de existência constrangida e, na maioria das vezes, infértil;

XVII) que foi a falta de observância do marxismo tradicional o que levou à necessidade de se criar um marxismo negro. O mecanicismo puro, algo sempre rejeitado por Marx & Engels, foi de certa forma se tornando um tipo particular de pensamento econômico dentro daqueles que se autodenominavam marxistas;

XVIII) que a experiência de ser negro nos Estados Unidos é, em um sentido simbólico-midiático, a experiência-modelo de ser negro no mundo. O que invocamos ao pensar em um indivíduo negro é, na verdade, um negro norte-americano. Os Estados Unidos da América inventaram esse arquétipo, forjaram sua cultura, seus costumes, sua forma de falar, seu modo de viver. Dentre os negros, não há comunidade negra mais rica do que a comunidade negra norte-americana. Dentre os negros, é nos EUA que se concentra a maior parte de sua *intelligentsia*. Dentre a literatura produzida pelos indivíduos negros ao redor do mundo, nenhuma se assemelha à literatura afro-americana em temática, diversidade e consistência estética;

XIX) que, em certo sentido, pode-se afirmar que ser um indivíduo negro nos Estados Unidos da América, em 2016, ainda guarda um componente em comum com a experiência de ser um indivíduo negro nos anos 1950. Essa

semelhança é oriunda da necessidade política, presente naquele país, de se repetir a todo o tempo (quando se pertence a uma minoria) um mantra de feição quase religiosa: "sou um ser humano, sou um ser humano, sou um ser humano." Este, aliás, é um traço distintivo da cultura norte-americana: a evidência de um estado de coisas que se apresenta de tal forma violento e desprovido de qualquer possibilidade narrativa que compele os seres a um constante exercício de tautologia, com o intuito de reencontrar o significado perdido das palavras que não correspondem mais à realidade que as produziu;

XX) que inexistiu um *mastermind* por trás das produções midiáticas e que o centro nevrálgico da política de produção de conteúdo tem muito mais a ver com sedução do que com manipulação. A questão é de outra ordem: o *mastermind* foi substituído pelo exercício livre e constante da produção de fé na essência positiva do capitalismo. Hoje o que fazem redatores de agências de publicidade e jornalistas de conglomerados de mídia é responder voluntariamente aquilo que pensam ser a luta pela manutenção de valores universais: livre concorrência, livre-iniciativa e meios de produção nas mãos do mercado. Essa agenda, tão claramente capitalista, é facilmente identificada tanto nos grupos de Murdoch quanto nos noticiários editorialmente democráticos da ABC. A suposição de que as mídias conduziam a forma de pensar das massas, manipulando os fatos e produzindo versões que encobriam a realidade, não passa de uma interpretação vulgar e infantil de um marxismo míope. O que fazem os conglomerados é publicizar a mensagem do capital. Acreditar que eles possuem outra coisa senão a preocupação com o capital é fetichizar o próprio capitalismo, emprestando a ele ideologias que ele não possui. Os avanços sociais, o voto feminino, as liberdades civis e, até mesmo, a edição de material bibliográfico contrário a ele não se inserem numa fenda capitalista, mas numa

espécie de exaustor produzido justamente para reduzir as pressões internas do sistema. A edição de *Homem invisível* por uma editora como a Random House e a proliferação de discussões sobre o tema da negritude, das dificuldades, nada mais é do que a parte visível dessa exaustão, desse espaço consagrado ao alívio das pressões que continuam sendo exercidas pelo capital contra aqueles a quem o próprio capital explora;

XXI) que a realidade das sociedades capitalistas, deformadas pela lógica dos processos industriais, exige que seja necessário um enorme esforço compreensivo para que o óbvio não se torne uma verdade recôndita. Esse drama social, o de ter que reafirmar constantemente algo que em princípio seria auto-evidente, mas que se torna socialmente desconhecido – e, até mesmo, *unheimlich*, em certo sentido, para algumas classes inconscientes de si mesmas – é algo muito familiar a descendentes de seres humanos escravizados e encontra também eco em indivíduos das mais variadas classes e etnias, sufocados pelo processo constante de reificação onde todos se veem sequestrados de suas subjetividades¹⁰²;

XXII) que *Homem Invisível* é um testemunho material das condições dos indivíduos negros na época de sua publicação. Já as críticas a ele têm se dedicado a dilapidar a especificidade dos negros e amplificar o aspecto metafórico do livro. E, ao fazer isso, essa crítica, tão solícita e sedenta por realizar o que acredita ser um ajuste social de contas, perde a principal característica do livro: a de que a única coisa que faz com que as histórias dos negros se pareçam é o racismo. O único traço comum a todos os negros é que

102

Em carta, mencionada por Edmund Wilson, em **Rumo à estação Finlândia**, Engels realiza um mea culpa: “Em parte somos responsáveis pelo fato de que, de vez em quando, nossos discípulos dão mais peso ao valor econômico que deveriam dar” (WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 213).

eles serão, tardia ou prematuramente, confrontados com a verdade de sua cor. Fazer desse fato social um mero derivado de sua natureza não passa de um bem intencionado racismo;

XXIII) que as ciências de baixo consenso estão sempre em dívida com aquilo que se pode chamar de um legado de afirmação, de crítica e de um alto nível de dúvida quanto a sua realização. É como se sua existência se equilibrasse sob um espectro fantasmagórico do estelionato intelectual, como um truque que a população civil deve suportar por não ter todos os elementos para sua desconstrução. A teoria literária não é apenas resultado do modo de vida burguês, mas também parte de um processo de modificação radical do conhecimento já existente, aqui tomado como tradição;

XXIV) que a crítica literária marxista abre as portas para um interesse social na literatura, não para o social na literatura, como erroneamente se fez acreditar, uma vez que é impossível retirar da literatura o seu conteúdo social, mas, na melhor hipótese, reconhecer as inúmeras tentativas de intervenção extraliterária neste conteúdo. Este estudo sobre literatura de origem étnica se posiciona já de saída contra as condições que a produziram. De forma que, em um primeiro movimento, precisou justificar sua presença, em um movimento que pretendia simular desconhecer as condições de sua atualidade. Realizado isso, precisou ainda comprovar que possuía valor estético real, vencendo a contingência de ser analisada pelo seu *status* de documento de interesse histórico, porém não literário;

XXV) que a literatura afro-americana é um documento das condições negras do período em que foram escritas, e sua crítica é um testemunho sobre a recepção e a reflexão dessas condições. Seu valor é concedido, no contexto conservador, pelos valores não específicos dessa literatura. Um bom autor

negro é um autor que saiba utilizar-se das figuras de linguagem e dos manejos das tradições brancas. É, em suma, um autor que, ainda que seja negro, não permita que esse traço transborde para seu texto¹⁰³. Nesse sentido, a literatura é tomada como um centro para o qual todos devem convergir independentemente de suas origens. Uma vez no centro, devem apresentar-se com a mesma expressão, em uma espécie de catedral de uma celebração universal. A interdição não é ao indivíduo, mas à sua pretensa insistência em contaminar a arte com aquilo que é visto como alheio a ela. O indivíduo é aceito, desde que professe sua fé de descrença na classe a qual pertence. A única classe aceita, tomada como universal, é a classe dos seres humanos. A única classe de livre pensamento é a dominante;

XXVI) que os objetos de cultura produzidos pelas minorias são indistintamente celebrados e sua mera presença é suficiente para a edificação de um movimento rotulado de “nova cultura”, cujo objetivo paradoxal seria viabilizar-se como um novo cânone. As obras não são mais analisadas levando em conta o fato de terem sido produzidas por um indivíduo que não corresponde a uma parte da população dominante, mas sim pelo simples fato de terem sido produzidas por ele, como se isso significasse em si mesmo um valor supracrítico que dispensasse não apenas a análise como também rejeitasse frontalmente essa análise como parte de um processo de aprisionamento do objeto. Toma-se, então, a esquizofrênica política de reconhecer a obra das minorias sem jamais analisar tais obras considerando sua singularidade estética. O resultado não é somente um déficit de análise, mas eis outro paradoxo, uma sobreposição de presença, uma quase saturação da aparência de objetos com aspectos semelhantes. O objeto literário negro caminha para uma quase

103 Nesse sentido, é especialmente relevante a biografia de Ellison, escrita por Arnold Rampersad.

onipresença, ao passo que o conteúdo crítico sobre ele se esconde em lugares de baixa visibilidade. A condição dos produtores de cultura, que deveria ser levada em conta, que deveria ser pensada problematizando-se a questão da raça, é tomada como o ponto de chegada. Dissertações, teses, artigos, resenhas e produções teóricas são produzidos mediante o simples compromisso de celebrar a possibilidade das minorias realizarem suas próprias artes;

XXVII) que o conjunto de leis das democracias capitalistas igualmente condena o racismo, o machismo e o trabalho infantil, mas evidentemente essas interdições não ocorrem como resultado de uma intenção protetiva direta a esses grupos, e sim como modo de garantir um melhor desempenho mercantil para o Estado. O acesso das mulheres ao mercado de trabalho, uma conquista feminina, bem como as leis de combate ao racismo, foram realizações toleradas por ajudarem, também, a melhorar a produção de mercadorias e a oferta de serviços (o que, em última instância, já se configura cada vez mais como uma nova mercadoria imaterial)¹⁰⁴;

XXVIII) que para que uma ponte leve o oprimido ao estado de emancipação, ela precisa ter parte de si em território de opressão. Essa intersecção pressupõe o reconhecimento imediato de uma dialética entre explorador-explorado, que pode facilmente ser tomada pela dialética senhor-escravo proposta por Hegel. Se hoje se pode afirmar que a principal

104 A mercantilização dos indivíduos negros transformara todos em mercadorias e não há razão para visualizar mercadorias quando não se pretende utilizá-las. A diferença do trabalho escravo é que ele não aliena apenas o produto do trabalho, mas ele transforma os agentes da produção do trabalho em partes inerentes à produção do trabalho. Os escravos pertenciam a seus senhores. E o trabalho que produziam pertencia a eles, como as terras, os lagos, os prados, as árvores, os pés de algodão, os instrumentos de intervenção na terra. A declaração de alforria não teve o poder da reversão desse sentimento. Foi como se alguma parte natural dessa propriedade se desgarrasse, partisse para longe do domínio do senhor, sem, no entanto, jamais deixar de ser o que era: algo sem vontade própria. Mesmo a decisão de alforria não partiu deles, mas da vontade de outros pares do sistema de poder. O indivíduo branco instaurou a escravidão negra. O indivíduo branco a cancelou. Uma ação entre os iguais.

contribuição de Hegel para o pensamento filosófico se traduz na concepção de que a realidade é um processo, pode-se afirmar igualmente que a de Marx é a de que o curso desse processo pode ser moldado segundo relações concretas de produção. Ao construir as bases históricas enquanto sofre a influência delas, o indivíduo arquiteta sua vida. “Os homens fazem sua história, mas não a fazem sob a condição que escolheram”, relembra Marx, no mais conhecido fragmento do *18 de Brumário*. Se os homens não podem escolher os períodos onde nasceram e as condições sob as quais estão submetidos, podem ao menos tomar consciência delas e do que podem fazer para suportar melhor seu peso;

XXIX) que a ideia de que entre o tempo de publicação de *Homem Invisível* e a redação desta tese decorra “tantos anos” e que, por isso, alguma coisa “teria que ter mudado” é frontalmente contrária ao conceito marxista de construção da história. As transformações do cenário social norte-americano costumam ser velozes para os caucasianos e lentas para os afro-americanos. Isso decorre do fato de que as questões extremas foram praticamente eliminadas. A Jim Crow já está devidamente arquivada, a proliferação dos museus públicos sobre o tema da escravidão expõe uma espécie de terror quanto “àquele passado” e sentimento de alívio social de que “agora superamos aquele período”. Contudo, é nas rotinas de socialização que o problema continua. E essa rotina produz cada vez menores e mais raros eventos possíveis de visualização¹⁰⁵. As questões do racismo foram ficando cada vez mais dos negros e cada vez menos dos Estados Unidos. A questão aguda parece ter sido

105 Em julho de 2009, o professor Henry Louis Gates, diretor do centro de estudos W.E.B. Du Bois, da Universidade de Harvard, foi preso ao tentar entrar em sua própria casa. Um de seus vizinhos havia chamado a polícia, relatando ter visto “um indivíduo afro-americano, em atitude suspeita, procurando entrar no interior de uma propriedade privada”. Gates foi algemado e conduzido à delegacia para “prestar esclarecimentos.” Duas semanas depois do ocorrido, o então presidente Barack Obama convidou o policial que realizou a prisão e o professor universitário para um encontro informal na Casa Branca, onde, segundo nota divulgada na época, o presidente e seus convidados “conversaram sobre temas amenos.”

eliminada desde aquilo que já se convencionou a chamar de “distúrbios raciais” de Los Angeles, em 1992. A questão racial só se torna nacional novamente quando envolve ocorrência policial. Com O.J. Simpson em 1995; em 2004 com Michael Jackson; e recentemente com o surgimento do movimento Black Lives Matter. O problema agudo parece então ter sumido e a questão da cor tornou-se um fato crônico. Uma das razões para essa sensação de infinita marginalidade pode estar na construção final que não possui nenhuma redenção, não apresenta qualquer consolo, não faz, portanto, qualquer tipo de concessão a uma expectativa de conforto do leitor;

XX) nas últimas páginas de *Homem Invisível*, o protagonista instala a última das cento e quarenta e cinco lâmpadas incandescentes destinadas a iluminar sua escuridão no subsolo. O livro seria, então, capaz de iluminar os riscos da condição de não universalidade dos negros seja, o alto risco de que a opressão se torne o traço mais significativo de suas existências, transformando assim a cicatriz, oriunda da ação violenta de terceiros em motivo de regozijo, pois ela é, ao mesmo tempo, memória e medalha. Ela está presente tanto na estratégia de celebração de si mesmo, do corpo ("Black is beautiful") quanto da radical busca por autonomia social ("Black lives matter"). Ellison construiu uma obra em que essas tensões aparecem em relevo; conseguiu manipular o legado social que recebeu e transformá-lo em uma obra literária, obra esta que tem resistido intensamente aos ataques, às tentativas de desidratá-la, de instrumentalizá-la, tentativas protagonizadas pelos editores, pelos resenhistas, por críticos literários e, como essa tese demonstrou, pelo próprio autor. Todo o sistema que fomentou sua construção, há seis décadas, procura também arquitetar sua destruição como obra, mas acaba por esbarrar no dilema

econômico de destruir uma mercadoria altamente lucrativa em nome de um escrúpulo ideológico;

XXI) que a experiência de ser negro nos EUA parece, ainda, representar em si mesma uma experiência de injustiça, talvez a razão pela qual *Homem Invisível* ainda seja legível seja exatamente a razão oposta àquela desejada por seu autor: o livro conta a história de um homem negro. Essa dialética radical, na qual em um primeiro momento a obra se contrai sob o peso de suas próprias contradições, fazendo delas depois seu impulso para tornar-se ainda maior, é a principal arma de *Homem Invisível*. O que poderia ser uma obra de conformismos e conservadorismo se torna uma faísca de revolução do radicalismo afro-americano, ainda que isso seja expressamente contrário à vontade de seu autor e de seus editores.

Todas essas conclusões acima citadas se assentam sobre uma reflexão mais ampla, a de que *Homem Invisível* fala abertamente aos indivíduos não negros, oferecendo a eles algo que, talvez pela substituição do sonho iluminista pela realidade narcisística, talvez pela acelerada decomposição dos pactos sociais, eles acreditam não serem mais capazes de realizar: dizer algo que interesse a outras pessoas. O fascínio exercido pela obra repousa na verdade concreta de que

...existe um outro tipo de romance incomparavelmente mais raro, que produz a imagem do homem em formação. Em contraposição à unidade estática, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem da personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha significado de enredo e em face disso reassimila-se na raiz e reconstrói-se todo o enredo do romance. O tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando substancialmente o significado de todos os momentos do seu destino e de sua vida. Esse tipo de romance pode ser

designado no sentido mais amplo como romance de formação do homem (BAKHTIN, 1979:219).

E desse modo pode-se levar o ser humano a uma profunda investigação sobre si mesmo, que é o princípio fundamental de toda revolução coletiva. *Homem Invisível* começa com uma verdade sobre o protagonista e termina com uma verdade sobre o leitor; uma verdade que, em frequências mais baixas, pode ser resumida em uma sentença: invisibilidade não é desaparecimento.

Referências

- ADAMS, Timothy Dow. **Telling Lies in Modern American Autobiography**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990.
- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- AHMAD, Aijaz. **In Theory**. Nova York: Verso, 1992.
- ALLEN, Theodore W. **The Invention of the White Race, Volume One: Racial Oppression and Social Control**. Nova York: Verso, 1994.
- ALTHUSSER, Louis. **Lenin and Philosophy**. Nova York: Monthly Review Press, 1971.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARONOWITZ, Stanley. **The Crisis of Historical Materialism**. Nova York: Praeger, 1981.
- BALDWIN, James. **Early novels and stories**. V.1. Nova York: Library of America, 2010.
- BARAKA, Amiri. **Black Fire**. Baltimore: Black Classics, 2007.
- BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. **Transparência do Mal**. Campinas: Papirus, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v.I, II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELL, Bernard. **The afro-american novel and its tradition**. Amherst: University of Massachussetts, 1987.

- BENSTON, Kimberly. **Speaking for you: the vision of Ralph Ellison**. Washington: Howard University Press: 1987.
- BESSA, Maria Cristina. **Panorama da literatura norte-americana**. São Paulo: Alexa, 2008.
- BEWES, Timothy. **Reification; or, the Anxiety of Late Capitalism**. Londres: Verso, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BROWN, Sterling. **Poems**. Nova York: Disband books, 2008.
- BUSBY, Mark. **Ralph Ellison**. Boston: Twayne, 1991.
- BOIS, W.E. Du. **The Black Radical tradition**. Chicago: New Hope, 1999.
- CALLAHAN, John. **Ralph Ellison's Invisible man: a casebook**. Nova York: Oxford University Press, 2004.
- CARTER, Quentin. **Contagious**. Columbia: Triple Crown, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- COOPER, Joel. **Cognitive Dissonance: Fifty Years of a Classic Theory**. Londres: Sage, 2007.
- CROUCH, Stanley. "How long, so long" - Partisan Review, nº 61, 1994.
- CRUSE, Harold. **The crisis of the intellectual negro**. Nova York: NYRB, 2005.
- DAWAHARE, Anthony. **Nationalism, Marxism, and African American Literature Between the Wars: A New Pandora's Box**. Jackson: UP of Mississippi, 2003.
- DAY, Martin. **History of American Literature from 1910 to the present**. Nova York: Doubleday, 1971.
- DEJOUE, Sarment. **It ain't me**. Nova York: Blueprint, 1989.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Rio de Janeiro: Relume-dumara, 2001.
- DERRY, Mark. **Não devo pensar em coisas ruins**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Memórias do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DOUGLAS, Fredrick. **Douglass**. Nova York: Library of America, 1994.
- DUNBAR, Paul Lawrence. **The collected poetry**. Lexington: University of Virginia Press, 1993.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Teoria (literária) americana**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- _____. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- _____. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ELLISON, Ralph. **Invisible man**. New York: Random House, 2005.
- _____. **Juneteenth**. New York: Random House, 1999.
- _____. **Shadow and Act**. New York: Random House, 1995a.
- _____. **Going to the territory**. New York: Random House, 1995b.
- _____. **Flying Home**. New York: Random House, 1997.
- _____. **Homem Invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- _____. **Collected essays**. Nova York: Modern library, 1995c.
- _____. **Three days before the shooting**: Nova York: Modern Library, 2011.
- EQUIANO, Olaudah. **The interesting Narrative and other writings**. Nova York: Penguin Books, 2008.
- FOLEY, Barbara. **Wrestling with the left: the making of ralph Ellison's invisible man**. Durham: Duke University, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e**

outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAINES, Ernest. **A lesson before dying.** Nova York: Random House, 1994.

GILBERT, Alan. **Marx's Politics.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1981

GRAHAM, Maryemma. **Conversations with Ralph Ellison.** Jackson: University of Mississippi, 1995.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMMON, Jupiter. **The complete works.** Nova York: Disband Books, 1972.

HARRIS, E.Lynn. **In my father's house.** Nova York: St martin's press, 2011.

HIMES, Chester. **Blind man with a pistol.** Nova York: Random House, 1989.

HOBSBAWN, Eric J.(org). **História do Marxismo, v. 2.** São Paulo: Paz e Terra, 1982.

JACOBS, Harriet. **Slave incidents.** New Jersey: Duck Press, 1980.

JACKSON, Lawrence. **Ralph Ellison: emergence of genius.** Nova York: John Wiley & sons, 2002.

_____. **The indignant Generation.** Princeton: Princeton press, 2012.

KELLEY, Robin. **Freedom Dreams.** Boston: Houghton Mifflin, 2003.

KING, Deja. **Queen Bitch.** Nova York: Kensington books, 2010.

KNIGHT, Etheridge. **The essential.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986.

LUCAS, Morel. **Ralph Ellison and the raft of hope: a political companion.** Lexington: University Press of Kentucky, 2004.

- LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARABLE, Manning. **Malcom X: Uma vida de reinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **A Questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MASCARO, Alysson. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MCKAY, Claude. **Home to harlem**. Lebanon: Northeastern University Press, 1987.
- MCMILLAN, Terry. **Getting to happy**. Nova York: Nal Trade, 2011.
- MILLER, Richard. **Analyzing Marx**. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MOORE, Carlos. **Marxismo e a questão racial**. São Paulo: Cenafro, 2007.
- MOREL, Lucas. **Ralph Ellison and the raft of hope: a political companion to invisible man**. Lexington: The University press of Kentucky, 2004.
- MORRISON, Toni. **The bluest eye**. Nova York: Penguin books, 1994.
- _____. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. Nova York: Vintage, 1993.

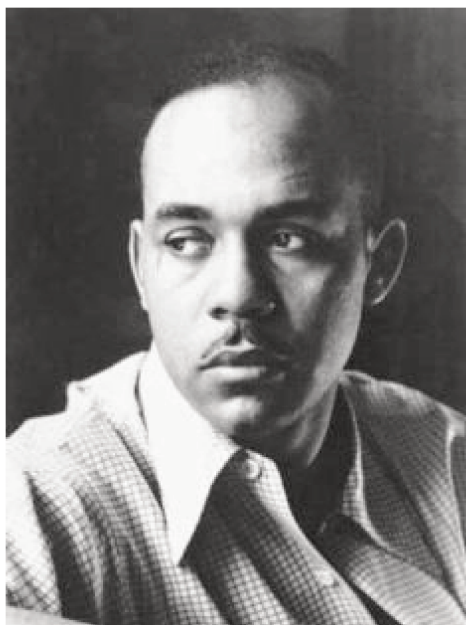
- OBAMA, Barack. **Dreams of my father**. Nova York: Random House, 1995.
- PACKER, Z.Z. **New stories from the south**. Nova York: Workman publishing, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PETRY, Ann. **The street**. Boston: Houghton Mifflin Sch, 2009.
- PORTER, Horace. **Jazz Country: Ralph Ellison in America**. Iowa City: University of Iowa Press, 2001.
- POSNOCK, Ross. **The Cambridge Companion to Ralph Ellison**. Nova York: Cambridge University Press, 2005.
- RANGLAN, Lord. **The Hero**. Boston: Folrdaier, 1948.
- ROBINSON, Cedric. **Black Marxism**. Chapel Hill: North Carolina University, 2000.
- ROYOT, Daniel. **A literatura americana**. São Paulo: 2009, Ática.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?** São Paulo: Ática, 1999.
- SONTAG, Susan. **Ensaio e outros discursos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVEIRA, Homero. **Três Ensaio Sobre Dostoiévski**. São Paulo: Martins, 1970.
- STEINER, George. **Tolstói ou Dostoiévski**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- STEPTO, Robert. **From Behind the veil: a study of afro-american narrative**. Urbana: University of Illinois Press, 1991.
- STRINGER, Vickie. **Dirtier than ever**. Chicago: Simon & Chuster, 2011.
- TATE, Claudia. **Psychoanalysis and Black Novels: Desire and the Protocols of Race**. Nova York: Oxford UP, 1998.
- TRACY, Steven. **A historical guide to Ralph Ellison**. Nova York: Oxford University Press, 2002.

- WARREN, Kenneth. **So black and blue: Ralph Ellison and the occasion of criticism**. Chicago: University of Chicago, 2003.
- WATT, Ian. **Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- WALLACE, David Foster. **This is Water**. Nova York: Little, Brown & company, 2009.
- WASHINGTON, Mary Hellen. **The other black list**. Nova York: Columbia Press: 2014.
- WEST, Cornell. **Race Matters**. Vintage: Nova York, 2012.
- WHEATLEY'S, Phillys. **Poems**. Nova York: Disband Books, 1991.
- WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- WILLIAMS, Eric. **Escravidão e Capitalismo. Escravidão e capitalismo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2012.
- WOODS, Teri. **True to the game**. Nova York: Grand Central, 2007.
- WRIGHT, Richard. **Black Boy**. Nova York: Harper Perineal Books, 2008.

Referências eletrônicas

- <http://www.nytimes.com/2006/01/04/opinion/04chiles.html>, acessado em 30-07-2012, às 14:38.
- <http://newleftreview.org/II/74/t-j-clark-for-a-left-with-no-future>, acessado em 11-08-2012, às 21:19.
- <http://newleftreview.org/I/196/david-roediger-the-racial-crisis-of-american-liberalism>, acessado em 11-08-2012, às 23:54.
- <http://newleftreview.org/I/175/edward-said-c-l-r-james-the-artist-as-revolutionary>, acessado em 12-08-2012, às 01:21.

ANEXO A



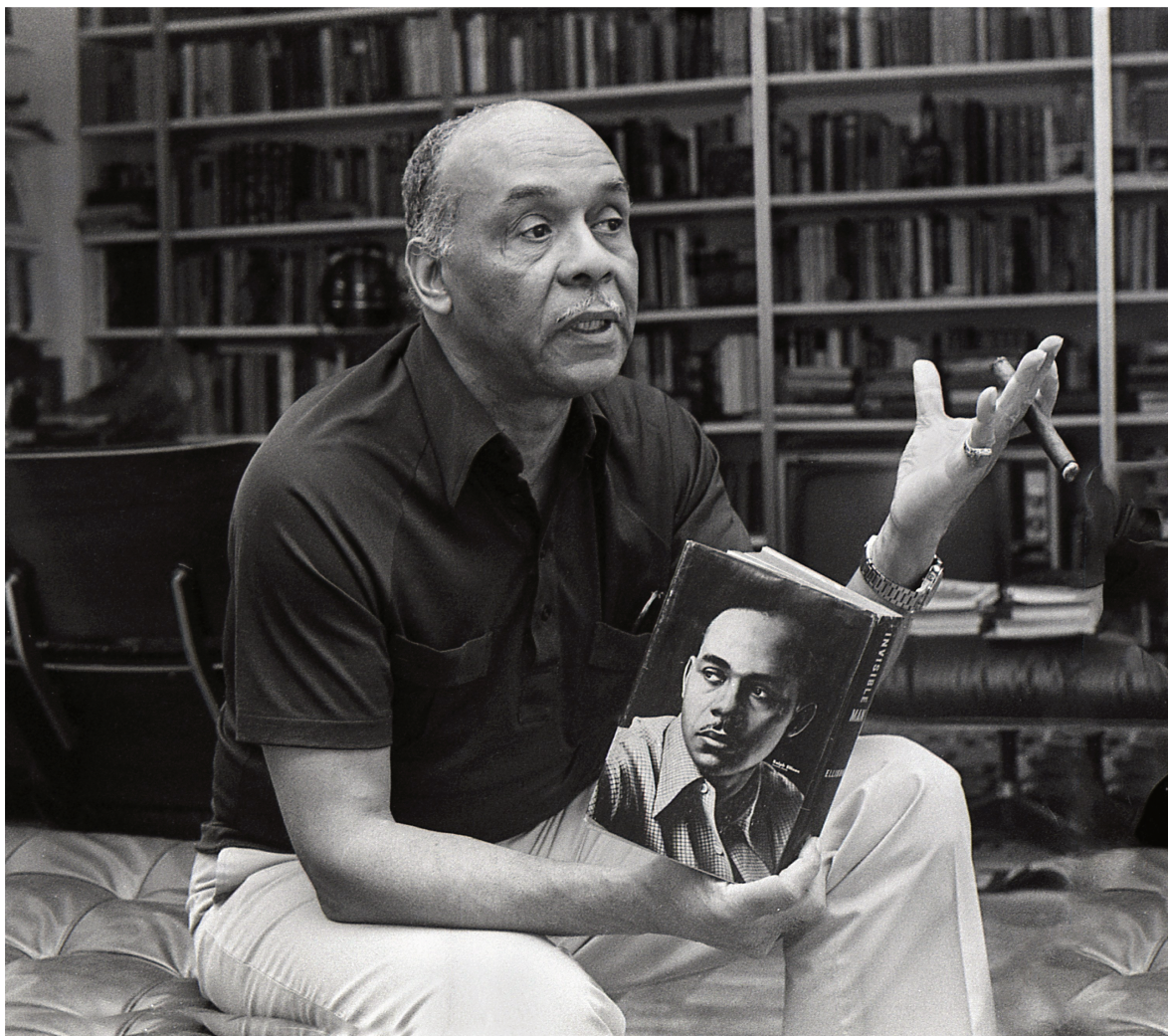
Ralph Ellison, em foto de divulgação do livro, em 1952.

ANEXO B



Placa informativa do monumento a Ralph Ellison, no Central Park, Nova York.

ANEXO C



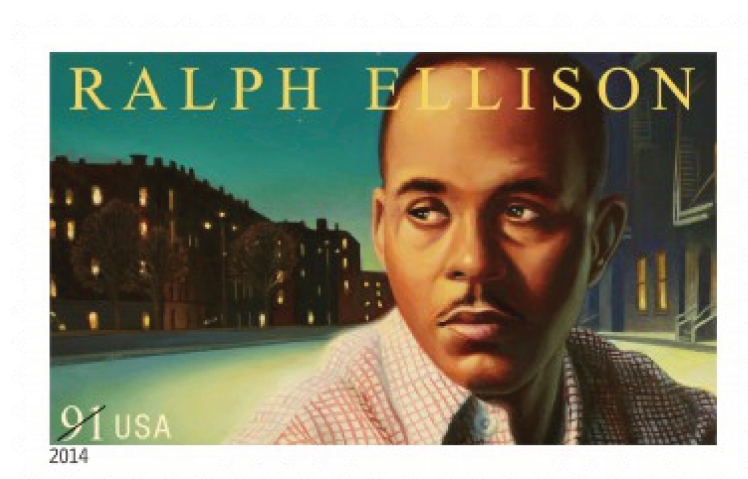
Ralph Ellison, em seu apartamento, em Nova York, em 1990.

ANEXO D



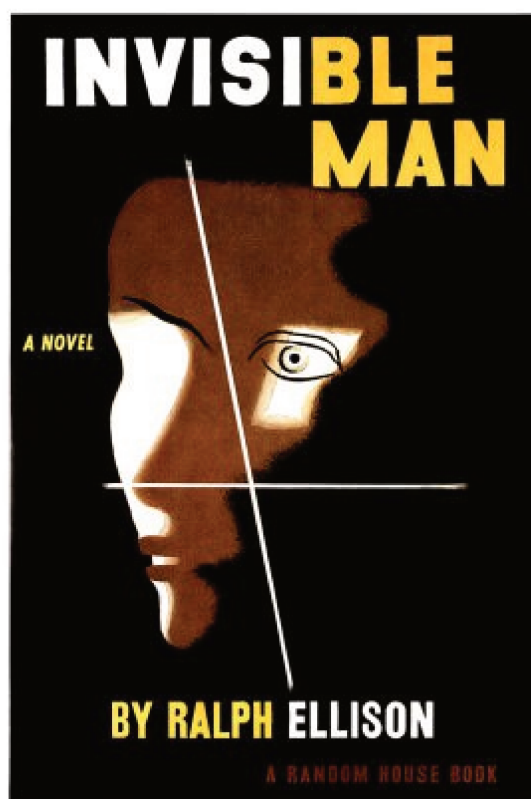
Portaria principal da Rutgers, campus de Newark, onde realizei período-sanduíche, sob supervisão da professora Barbara Foley.

ANEXO E



Selo comemorativo emitido pelo correio dos EUA, em homenagem aos cem anos de nascimento do autor.

ANEXO F



Capa da edição original de Invisible Man, 1952

ANEXO G



Ellison na Casa Branca, com Eisenhower.

ANEXO H

drew close I saw that it was'nt junk at all, but furniture being moved
 into the street by several official looking men. There was no crowd,
 only the men, who put down an old sofa along the curb and went in
 and returned with a wardrobe. They worked silently, as if
 they didn't enjoy their job. From this to the
 the man out of a gangster movie who seemed to be
 command, ordered them to 'stir it up, shake it up'
 I went on, stepping around the household goods
 street, only to be splashed by a passive
 The whole idea was an exile. I had been out of
 turned and with it. I had gone along
 ped the shock and I had gone along
 if everything would be the same - I would
 of punishment and return.

ANEXO I

ANEXO J

The invisible Man

"I am an ~~invisible~~ invisible man. No, I am
 not a spook nor one of these ^{Hollywood} ~~movie~~
 ectoplasms. I am a strong sub
 mass built and liquid. I am
~~invisible~~ simply because people

fragmento manuscrito de Homem Invisível